

RODRIGO RUIZ SANCHES

**SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA:
A TRAJETÓRIA DE UM INTELLECTUAL INDEPENDENTE**



RODRIGO RUIZ SANCHES

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA:
A TRAJETÓRIA DE UM INTELLECTUAL INDEPENDENTE

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de pesquisa: Ideologia, Cultura e Representação

Orientador: Prof^a Dra. Eliana Maria Melo Souza

ARARAQUARA – SP.
2007

Sanches, Rodrigo Ruiz

Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente / Rodrigo Ruiz Sanches. – Araraquara, 2007.

155 f : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

1. Sérgio Buarque de Holanda. 2. Pensamento social brasileiro. 3. Intelectuais. 4. Intelectual independente. I. Sanches, Rodrigo Ruiz. II. Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente.

RODRIGO RUIZ SANCHES

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: A TRAJETÓRIA DE UM INTELLECTUAL INDEPENDENTE

Tese de Doutorado, apresentada Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Linha de pesquisa: Cultura e Ideologia

Orientador: Prof^a Dra. Eliana Maria Melo Souza

Data de aprovação: 04/07/2007

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Prof.^a Dra. Eliana Maria Melo Souza**
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: **Prof. Dr. Paulo Cezar Garcez Marins**
Universidade de São Paulo/Museu Paulista.

Membro Titular: **Prof. Dr. Francisco Cabral Alambert Júnior**
Universidade de São Paulo.

Membro Titular: **Prof.^a Dra. Maria Orlanda Pinassi**
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: **Prof. Dr. Milton Lahuerta**
Universidade Estadual Paulista.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

Dedico

a minha família, pela paciência
e compreensão, principalmente durante
nossas ausências.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os colaboradores no desenvolvimento desta difícil missão. Aqui vão meus sinceros agradecimentos a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o término deste trabalho. Mas sempre há aqueles que merecem um agradecimento especial:

- Agradeço a Deus e a todos os orixás, pela proteção, intuição e pelos caminhos abertos. Axé!

- A toda minha família, pelo apoio constante e eterno.

- A minha orientadora e professora Eliana Maria de Melo Souza que, com dedicação e paciência, leu e releu várias vezes o texto, procurando de forma sistemática o aprimoramento das idéias, mas respeitando meus pontos de vista.

- Aos professores Milton Lahuerta e Maria Orlanda Pinassi, pelas críticas e sugestões feitas para a minha banca de qualificação, que me mostraram pontos até então equivocados e foram de grande valia.

- Aos professores que participaram de minha banca de defesa, Prof. Dr. Francisco Cabral Alambert Júnior, Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins, Prof.^a Dra. Maria Orlanda Pinassi, Prof. Dr. Milton Lahuerta, pela leitura detalhada, críticas construtivas e opiniões sinceras que valorizaram este trabalho. Obrigado.

- A todos os professores, desde o ensino fundamental até a pós-graduação, que contribuíram em minha formação acadêmica.

- À Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal, onde sou professor desde 1998, na figura dos proprietários, coordenadores, professores, funcionários e alunos, pelo apoio e crédito em meu trabalho e pela agradável convivência.

- Ao revisor e amigo Prof. Vitório Barato Neto, pela correção e sugestões valiosíssimas que aprimoraram a redação final.

- A todos os funcionários do Siarq/Unicamp, pela gentil colaboração.

- Aos funcionários da Universidade de São Paulo, principalmente a todos do Departamento de História, da Área do Aluno, do Arquivo Central, do IEB, do Departamento Pessoal e do Centro de Documentação “Sérgio Buarque de Holanda”, pela colaboração, solicitude e facilitação no acesso aos documentos bem como sua reprodução.

- Aos funcionários da Fundação Escola Livre de Sociologia e Política, principalmente ao pessoal do CEDOC, pela organização do acervo e, principalmente, por ter disponibilizado a todas as pessoas interessadas em pesquisar nesta importante instituição.

- À Márcia Regina da Silva, pelo amor, paciência e apoio em todos esses anos. Te amo.

“Vou lhe dizer o que farei e o que não farei. Não vou servir àquilo em que não acredito mais, seja meu lar, minha pátria ou minha religião; e tentarei exprimir-me num certo modo de vida ou de arte tão livre e tão plenamente quando puder, usando em minha defesa as únicas armas que me permito usar: silêncio, exílio e sagacidade”.

(James Joyce – Retrato do artista quando jovem)

“Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda”.

(Cecília Meirelles – Romanceiro da Inconfidência)

SANCHES, Rodrigo Ruiz. **Sérgio Buarque de Holanda**. 2007. 155f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, procurando verificar a formação e a consolidação do intelectual independente. Nossa tese estrutura-se na trajetória de Sérgio Buarque de Holanda como um intelectual independente, ou seja, um tipo de intelectual envolvido com as questões centrais do debate político, mas que, mesmo membro de instituições político-partidárias (PT, por exemplo), procurou sempre manter certo distanciamento crítico, por isso mesmo, não se sujeitou às regras e aos comportamentos que tais instituições exigem de seus membros. Essa independência também é verificada na sua não-afeição a qualquer tipo de engessamento metodológico, o que o afastou de qualquer modismo ou conveniência. Compreender a atividade profissional de Sérgio Buarque de Holanda dentro e fora da universidade permite levantarmos algumas questões sobre o próprio papel do intelectual na sociedade brasileira. Nesse sentido, ao resgatar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, poderemos compreender e interpretar a missão, a função, a responsabilidade e o papel do intelectual numa sociedade cada vez mais consumista que está transformando a educação em mercadoria e os educadores em mão-de-obra barata e fabril. Acreditamos que a melhor forma de discutirmos as questões relacionadas ao intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda, seja perpassando, primeiramente, pela formação do intelectual: a estrutura familiar, as cidades onde morou, a formação escolar e acadêmica, a vida profissional e a rede de relações, que revelam a formação da personalidade do escritor e do historiador. Isso nos permitiu vislumbrar, embora de modo dedutivo, características insipientes no jovem intelectual que o tempo só fez lapidar e desabrochar em formas mais vivas e sólidas. A vida acadêmica, trabalho que Sérgio Buarque de Holanda realizou esporadicamente e de forma não-linear desde 1930, e com mais assiduidade a partir de 1946, e exclusivamente a partir de 1958, só revela mais uma faceta do intelectual, comprometido com as funções da academia, a docência, a pesquisa e a orientação. Entendemos que essa discussão se faz necessária na medida em que o trabalho acadêmico é a atividade principal do intelectual, principalmente àqueles das ciências humanas e sociais, e, no caso do Brasil, quase que o único território de atuação profissional e de visibilidade. Essa atuação na universidade em nenhum momento isolou o intelectual Sérgio Buarque de Holanda. Pelo contrário, Sérgio Buarque de Holanda foi um intelectual engajado, preocupado com os problemas sociais e políticos, e atuante em diversas instituições, mas sempre mantendo-se distante da ideologia apregoada pelo poder estatal, portanto autônomo e independente.

Palavras – chave: Sérgio Buarque de Holanda; Pensamento Social Brasileiro; Intelectual Independente.

ABSTRACT

The objective of the present work is to investigate the intellectual trajectory of Sérgio Buarque de Holanda, trying to verify the formation and consolidation of this independent intellectual. We believe in the thesis that Sérgio Buarque de Holanda could be an independent intellectual, a kind of intellectual evolved with the more important questions of the political discuss, in spite of be evolved with sectarian political institutions (PT), always tried to maintain a critic separation, because this, does not accept the rules and the conduct that the Institutions want of your members. This independent way was checked in his non-affection to any kind of methodological severity, that separated him of any dressage or convenience. To understand the professional activities of Sérgio Buarque de Holanda inside and outside of the college admit us to do some questions of his own paper of intellectual in the Brazilian society. By this way, for the ransom the intellectual trajectory of Sérgio Buarque de Holanda, we can understand and elucidate the mission, the function, the responsibility and the paper of the intellectual person in a consumist society which is changing the education in product and the educators in cheap charge hand. We believe that the best form to discuss the related questions to the independent intellectual that was Sérgio Buarque de Holanda, can be to pass by, at first, his intellectual formation: the familiar environment, the cities where lived, the education, the professional life and the relationships that reveals his personality. This permits to us appreciate, although with a deductive model, insipient characteristics in the young intellectual that the time lapidated in forms more lives and solids. The academic life, work which Sérgio Buarque de Holanda sometimes did and with a non-linear form since 1930, and with more assiduity since 1946 and exclusively since 1958, shows one of the facets of the intellectual, worried with his academician, search and orientation functions. We believe that this discussion is important because the academic work is the main activity of the intellectual, mainly the Human Sciences and Socials, and in the case of Brazil, almost the only territory of professional activities. This activity in College never isolated the intellectual Sérgio Buarque de Holanda. On the contrary, was an intellectual engaged, worried with the social and political problems, and who participated in many institutions, but always keep on distance from the proclaimed ideology of the state power, so independent and autonomous.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda; Social Brazilian Idea; Independent Intellectual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A FORMAÇÃO INTELECTUAL E A ESCOLHA PELA HISTÓRIA.....	19
1.1 O escritor.....	25
1.2 O crítico literário.....	30
1.3 Os anos 20 com os modernistas.....	33
1.4 Os anos 30 e a relação entre intelectuais e Estado.....	39
1.5 Os anos 40 e 50 e a profissão de historiador.....	50
2 UM INTELECTUAL INDEPENDENTE NA UNIVERSIDADE.....	58
2.1 Universidade do Distrito Federal.....	63
2.2 Universidad di Roma.....	66
2.3 Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP).....	72
2.4 Universidade de São Paulo (USP).....	76
2.4.1 Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).....	89
2.4.2 A aposentadoria na USP.....	92
2.5 A vida fora da universidade.....	96
3 A VISÃO POLÍTICA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA.....	101
3.1 Sérgio Buarque de Holanda: intelectual engajado.....	109
3.2 Associação Brasileira de Escritores (ABDE).....	113
3.3 Esquerda Democrática.....	115
3.4 Centro Brasil Democrático.....	116
3.5 Partido dos Trabalhadores (PT).....	117
3.6 A visão democrática de Sérgio Buarque de Holanda.....	117
CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXO.....	154

Introdução

INTRODUÇÃO

O artista e o intelectual independente estão entre as poucas personalidades preparadas para resistir e lutar contra os estereótipos e a conseqüente morte das coisas genuinamente vivas. Agora, uma nova percepção envolve a capacidade de desmascarar continuamente e esmagar os estereótipos de visão e intelecto com os quais as comunicações modernas [i.e., os modernos sistemas de representação] nos assolam. Esses mundos de arte e pensamento massificados estão cada vez mais engessados pelas exigências da política. Por isso, é na política que a solidariedade e o esforço intelectuais devem centrar-se. Se o pensador não se associar ao valor da verdade na luta política, será incapaz de enfrentar com responsabilidade a totalidade da experiência viva.

(WRIGHT MILLS. **Power, politics and people**)

O interesse em estudar a obra de Sérgio Buarque de Holanda veio de minha graduação. Ao cursar a disciplina “Pensamento Político Brasileiro”, ministrada pelo Prof. Milton Lahuerta, tomei contato com diversos autores que são considerados clássicos do pensamento político brasileiro, entre os quais Sérgio Buarque de Holanda. A partir daí, interessei-me pelo autor e suas obras, desenvolvendo no ano seguinte minha monografia para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais sobre Sérgio Buarque de Holanda, sob orientação do Prof. Milton.

O interesse em aprofundar meus estudos levou-me a escrever a dissertação de mestrado cujo título foi *A questão da democracia em Sérgio Buarque de Holanda*. O objetivo deste trabalho foi verificar como o conceito de democracia aparece na obra de Sérgio Buarque de Holanda, principalmente nos textos *Raízes do Brasil* e *Do Império à República*. Na verdade, Sérgio Buarque de Holanda não propôs uma teoria da democracia, mas entendemos que o seu conceito de democracia é definido como uma forma de sociedade, devendo ser construída de baixo para cima e estar presente na socialização do indivíduo, tais como na

família e na escola. Esta dissertação foi defendida nesta instituição, no ano de 2001, e orientada pela Prof.^a Eliana Maria Melo Souza.

Em 2003, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Curso de Doutorado - Unesp/Araraquara. Apresentei o projeto de pesquisa intitulado “Sérgio Buarque de Holanda: um intelectual na universidade”. É importante ressaltar que a escolha deste tema deve muito à sugestão dada pelo Prof. Paulo César Garcez Marins, membro da banca de mestrado. No período de preparação do projeto de doutorado, procurei estabelecer como meta a continuidade da temática desenvolvida no mestrado, tornando a proposta do doutorado um projeto audacioso e pertinente.

O objetivo deste trabalho é investigar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, procurando verificar a formação e a consolidação do intelectual independente. Em toda sua vida profissional e pessoal, Sérgio Buarque de Holanda teve a convicção de que era necessário compreender e interpretar o Brasil. Foi ferrenho defensor dos valores democráticos e da maior participação do povo no destino da nação. Acreditava no desenvolvimento da ciência, da pesquisa em arquivos e na busca incessante por fontes que pudessem elucidar melhor os fatos históricos. Coerente com suas idéias, defendeu-as até o fim de sua vida.

A tese que defendemos é que Sérgio Buarque de Holanda foi um intelectual independente, ou seja, um tipo de intelectual envolvido com as questões centrais do debate político, mas que, mesmo participante em instituições político-partidárias, procurou sempre manter certo distanciamento crítico, por isso mesmo não se sujeitou às regras e aos comportamentos que tais instituições exigem de seus membros. Essa independência também é verificada na sua não-afeição a qualquer tipo de engessamento metodológico, o que o afasta de qualquer modismo ou conveniência.

O contato com a crítica literária, a viagem à Alemanha e o trabalho em alguns órgãos governamentais permitiram ao historiador uma “visão de mundo” mais independente,

indeterminada pelos muros da universidade e de todo dogmatismo presente dentro dela e, portanto, mais livre.

Compreender a atividade profissional de Sérgio Buarque de Holanda dentro e fora da universidade permite levantarmos algumas questões sobre o próprio papel do intelectual na sociedade brasileira. Nesse sentido, ao resgatar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, poderemos compreender e interpretar a missão, a função, a responsabilidade e o papel do intelectual numa sociedade cada vez mais consumista que está transformando a educação em mercadoria e os educadores em mão-de-obra barata e fabril.

Partimos da análise primária de suas obras e de seus principais intérpretes para traçar um panorama amplo e extenso do ponto vista temporal, mas necessário e importante, pois permitiu visualizar muitos pontos a serem desenvolvidos ou mesmo descartados. As nossas análises debruçaram-se, inicialmente, na leitura dos textos de Sérgio Buarque de Holanda e em dezenas de artigos sobre o autor. Essa escolha permitiu estabelecer os principais pontos que mereceriam ser discutidos com mais profundidade. Por isso mesmo, alguns artigos sobre Sérgio Buarque de Holanda, escritos por pessoas que o conheceram ou foram amigos próximos, acabam tornando-se fonte mais verossímil de análise.

Além disso, foi feita uma ampla pesquisa em diversos arquivos com o intuito de analisar documentos que contribuíssem para esclarecer alguns pontos, corroborar algumas observações e iluminar fatos ainda obscuros desse universo. Embora esses documentos sejam públicos, foi possível encontrar documentos inéditos ou, pelo menos, que ainda não haviam sido mencionados em nenhuma publicação, como é o caso do Dossiê SBH, consultado no CEDOC/FELSP, o prontuário SBH e as atas de reuniões do Departamento de História, ambos consultados na USP.

Podemos dizer que, em toda sua obra, científica ou de crítica literária, Sérgio Buarque de Holanda procurou denunciar nossa eterna condição de atraso no campo científico e

literário, configurada pelo “macaqueamento” das idéias estrangeiras em solo brasileiro, a falta de rigor científico, o excesso de apego às metodologias, a falta de identificação entre a classe intelectual e o povo, a prevalência de idéias autoritárias, a ausência de uma classe média revolucionária, a paralisia de nossas elites, entre outros fatores que levam, no limite, a pensarmos na própria particularidade da classe intelectual brasileira: incompetente em contribuir para a transformação da sociedade.

Por isso podemos afirmar que a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda foi marcada pela busca por fontes originais, pelo rigor científico, pela leitura voraz, pela fineza e precisão da escrita, bem como pela coerência de suas ações e falas em conformidade com o que escreve. Para nós, isso torna Sérgio Buarque de Holanda um dos maiores intelectuais brasileiros. Tais características, que deveriam estar presentes em todo intelectual, estiveram ausentes na formação cultural brasileira, país colonizado e com idéias transplantadas, e por que não dizer ausentes até hoje. Entendemos que, historicamente, a formação da intelectualidade brasileira sempre esbarrou na falta de sistematização, em simplificações e em generalizações, considerada empecilhos para qualquer forma de sistematização científica. Além disso, nossa intelectualidade, quase sempre, resvalou nos interesses do Estado, com muitos de seus membros sendo cooptados para exercerem cargos públicos de natureza política. Sérgio Buarque de Holanda difere dos demais intelectuais, de antes e de agora, exatamente pelo cuidado com a análise histórica e científica, e pela independência em relação às questões políticas e de Estado.

No penúltimo capítulo de *Raízes do Brasil*, intitulado “Novos Tempos”, Sérgio Buarque de Holanda realiza uma aguçada crítica à nossa intelectualidade, parasitária e preguiçosa, que tem os olhos voltados para fora, preocupada somente com seu status e desconhecadora dos reais problemas que assolavam o País. Em suas palavras,

Trouxemos de terras estranhas um sistema complexo e acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam às condições da vida brasileira e sem cogitar das mudanças que tais condições lhe imporiam. (HOLANDA, 1995, p.160).

Essa mania de “macaquear” tudo o que vem de fora, de fato, é a característica mais presente na formação histórica brasileira, e por que não dizer, presente até nossos dias. No Brasil, desembarcaram as mais diversas correntes filosóficas, entre as quais, o positivismo, o liberalismo e o comunismo, que encontraram aqui um porto seguro e pessoas sedentas de novidade.

Todo o nosso pensamento dessa época revela a mesma fragilidade, a mesma inconsistência íntima, a mesma indiferença, no fundo, ao conjunto social; qualquer pretexto estético serve-lhe de conteúdo. (HOLANDA, 1995, 162).

Os nossos homens de idéias eram, em geral, puros homens de palavras e livros. Assim, fabricavam a realidade de forma “artificiosa e livresca” e dedicavam-se a “motivos mais nobilitantes”, tais como à palavra escrita, à retórica, à gramática, ao direito formal. O amor bizantino dos livros pareceu, muitas vezes, penhor de sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel. Eram “comparsas desatentos do mundo que habitávamos” que desejavam recriar outro mundo por aqui, pois tinham vergonha de nossa gente e de nossa cultura. (HOLANDA, 1995).

Para Sérgio Buarque de Holanda, nossa intelectualidade ainda revela sua missão nitidamente conservadora e senhorial. Daí a presunção de que o talento há de ser espontâneo, de nascença, pois os trabalhos e o estudo acurado podem conduzir ao saber, mas assemelham-se, por sua monotonia e reiteração, aos ofícios vis que desagradam o homem. Esse saber e conhecimentos levam o seu portador a uma posição superior ao comum dos mortais. Esse conhecimento visa ao enaltecimento e à dignificação daqueles que os cultivam. Por isso, ser comum, e até desejado, que os textos utilizem apelidos raros, epítetos supostamente científicos, citações em língua estrangeira, teorias estrangeiras e nomes difíceis, que visam mais a deslumbrar o leitor do que a informá-lo. Tais procedimentos procuram simplificar todas as coisas para colocá-las mais facilmente ao alcance de raciocínios preguiçosos, avessos aos processos mentais laboriosos e minudentes. (HOLANDA, 1995).

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, nós, brasileiros, relutamos em aceitar um princípio “superindividual de organização”. Somos notoriamente avessos às atividades morosas e monótonas. A personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador.

Em suas palavras:

É freqüente, entre os brasileiros que se presumem intelectuais, a facilidade com que se alimentam, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentam, simultaneamente, as convicções mais díspares. Basta que tais doutrinas e convicções se possam impor à imaginação por uma roupagem vistosa: palavras bonitas ou argumentos sedutores. (HOLANDA, 1995, p.155).

Na verdade, tais características são encontradas em todas as profissões liberais. A “praga do bacharelismo”, destacada por Sérgio Buarque de Holanda como sendo típica dos Estados Unidos no pós-independência, também foi verificada no Brasil, o “país dos advogados”, onde apenas os cidadãos formados em direito ascendem em regra às mais altas posições e cargos públicos. O bacharelismo brasileiro também pôde ser observado na pátria-mãe, onde em quase todas as épocas da história portuguesa uma carta de bacharel valeu quase tanto como uma carta de recomendação nas pretensões a altos cargos públicos. (HOLANDA, 1995).

Novamente Sérgio Buarque de Holanda retoma o tema do personalismo para explicar as razões de nosso vício do bacharelismo e de nossa sedução pelas carreiras liberais, que, na verdade, exaltaram nossa personalidade individual como valor próprio, superior às contingências.

Assim, Sérgio Buarque de Holanda sintetiza nossa formação espiritual: o amor pronunciado pelas formas fixas e pelas leis genéricas, o prestígio da palavra escrita, da frase lapidar, do pensamento inflexível, o horror ao vago, ao hesitante, ao fluido, que obrigam à colaboração, ao esforço e, por conseguinte, a certa dependência e mesmo à abdicação da personalidade.

Para exemplificar esse gosto pelo “macaqueamento” das idéias vindas de fora, Sérgio Buarque de Holanda cita o sucesso do positivismo em terras brasileiras, “justamente por esse repouso que permitem ao espírito as definições irresistíveis e imperativas do sistema de Comte”. O que seduzia os seus adeptos era a capacidade de esse sistema resistir à fluidez e à mobilidade da vida. Por serem idéias racionais, sua perfeição não permitiria dúvidas. Assim, impunha-se aos homens de boa vontade e bom-senso, sem questioná-las.

A crítica que Sérgio Buarque de Holanda tece aos positivistas é que eles não eram positivos, pois

Viveram narcotizados por uma crença obstinada na verdade de seus princípios e pela certeza de que o futuro os julgaria, e aos seus contemporâneos, segundo a conduta que adotassem, individual e coletivamente, com relação a tais princípios. (HOLANDA, 1995, p.159).

Grandes ledores, os positivistas formaram a “aristocracia do pensamento brasileiro”, a nossa *intelligentsia*; conselheiros prediletos de alguns governantes.

Esse “mal de origem” dos intelectuais brasileiros, criticado por Sérgio Buarque de Holanda, leva-nos a indagar se o comportamento dos intelectuais brasileiros, até hoje, não revela essas mesmas características? Mesmo na distância do tempo, a valorização do diploma, a busca pelo poder e pelo status, o desejo de visibilidade, parecem ser comportamentos facilmente encontrados nas mais diversas instituições educacionais e de pesquisa, além da imprensa de um modo geral.

Podemos dizer que Sérgio Buarque de Holanda foi um dos maiores intérpretes do Brasil. A meu ver, o que o difere de outros intelectuais é exatamente sua postura frente ao principal desafio da realidade brasileira: a consolidação democrática. Defendeu arduamente os valores democráticos, como poderemos verificar em seus escritos, em seus depoimentos, em suas ações e até mesmo em seu silêncio. Essa defesa incomensurável dos valores democráticos, aliada à postura de intelectual independente, torna Sérgio Buarque de Holanda figura ímpar na história intelectual brasileira.

Como dizem dois de seus maiores intérpretes, Antonio Candido e Maria Odila Leite da Silva Dias, Sérgio Buarque de Holanda foi “um radical”, um “intelectual engajado”, um “militante intelectual”. A admiração dos seus amigos, dos colegas de trabalho e, principalmente, dos ex-alunos e ex-orientandos, revela a face mais íntima do historiador: uma pessoa totalmente envolvida no ofício de ensinar e interpretar o Brasil.

* * * * *

Entendemos que a melhor forma de discutir as questões relacionadas ao intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda seja perpassando, primeiramente, por sua formação intelectual: a estrutura familiar, as cidades onde morou, a formação escolar e acadêmica, a vida profissional e a rede de relações, que revelam a formação da personalidade do escritor e do historiador. Isso nos permite vislumbrar, embora de modo dedutivo, características insipientes no jovem intelectual que o tempo só fez lapidar e desabrochar em formas mais vivas e sólidas.

A vida acadêmica, trabalho que Sérgio Buarque de Holanda realizou esporadicamente e de forma não-linear desde 1930, e com mais assiduidade a partir de 1946, e exclusivamente a partir de 1958, só revela mais uma faceta do intelectual, compromissado com as funções da academia, a docência, a pesquisa e a orientação. Entendemos que essa discussão se faz necessária na medida em que o trabalho acadêmico é a atividade principal do intelectual, principalmente àqueles das ciências humanas e sociais, e, no caso do Brasil, quase que o único território de atuação profissional e de visibilidade.

Essa atuação na universidade em nenhum momento isolou o intelectual Sérgio Buarque de Holanda. Pelo contrário, Sérgio Buarque de Holanda foi um intelectual engajado, preocupado com os problemas sociais e políticos, e atuante em diversas instituições, mas sempre mantendo-se distante da ideologia apregoada pelo poder estatal, portanto autônomo e independente.

No primeiro capítulo, discutiremos a formação humana e acadêmica do jovem historiador. Percebe-se que o contato com a crítica literária e com o modernismo marcou Sérgio Buarque de Holanda de várias maneiras, pois revelou a aguda crítica e a escolha pela escrita leve, mas profunda, em que transparece toda sua erudição, lapidada gradativamente com os anos de experiência. É nesse momento que se forma o escritor Sérgio Buarque de Holanda, que depois viria a se transformar em historiador (aliás, ele nunca deixou de ser as duas coisas). Essa passagem é analisada por nós com o intuito de revelar como um grande crítico literário se transforma em um grande historiador e intelectual independente.

No segundo capítulo, analisaremos a atuação do historiador dentro da universidade. Para nós, a vida dentro da universidade permitiu ao historiador desenvolver sua maior paixão: a pesquisa. A gênese dessa paixão nasceu na sua rápida atuação na Universidade do Distrito Federal, foi aprofundada no Museu Paulista e na Universidade di Roma, mas só plenamente desenvolvida dentro da Universidade de São Paulo, estada que durou 13 anos.

No terceiro capítulo, veremos a visão política do historiador, presente principalmente na participação em grupos políticos, tais como Esquerda Democrática, Centro Brasil Democrático e o Partido dos Trabalhadores, mas também na Associação Brasileira de Escritores. É nesse momento que encontramos a simbiose do papel do intelectual, não só atuante dentro da universidade, mas e, principalmente, atuante fora dela.

Por fim, queremos esclarecer que, a partir de agora, optamos por tratar Sérgio Buarque de Holanda pelo primeiro nome em razão de sua própria aversão ao formalismo e às regras, o que vai de encontro a toda normalização técnica estabelecida pela ABNT. De qualquer forma, essa “aproximação” do objeto de estudo em nenhum momento atrapalhou a análise crítica, a neutralidade e o distanciamento necessários para o desenvolvimento deste trabalho, preocupações que todo pesquisador deve ter.

1 A formação intelectual e a escolha pela história

1 A FORMAÇÃO INTELECTUAL E A ESCOLHA PELA HISTÓRIA

Em livro sobre o historiador, marco de referência na historiografia, o autor pode e deve fazer biografia, evocar o folclore sobre o homem e intelectual, estudar todas as suas obras, expondo-as e criticando-as. Tentar descobrir suas fontes e avaliar sua influência na presente e nas próximas gerações. Na biografia, destacar sua curiosa e rica trajetória, bem como, além da produção escrita [...] Será ainda interessante destacar traços de sua personalidade, como o bom humor permanente, responsável por algumas frases extraordinárias com inteligência e graça.

(IGLESIAS,1992, p.43)

Neste capítulo, analisaremos a formação intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, procurando dar ênfase não só à educação formal e sistemática, mas principalmente às relações pessoais, construídas ao longo dos anos nas diversas instituições por onde ele passou.

A idéia central aqui é revelar a gênese do intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda, presente desde seus primeiros escritos, mas, sobretudo, em seus discursos e ações. Para isso, faremos, primeiramente, uma análise dos seus primeiros anos como estudante secundarista, onde escreve seu primeiro artigo, publicado pelas mãos de Afonso Taunay, seu professor. A partir daí, veremos como o estilo refinado, ousado e provocador do jovem Sérgio esteve presente desde os seus primeiros estudos. A lapidação dessa fase desemboca, com efeito, na formação do crítico literário, função que exerceu mais por necessidade do que por gosto, mas que permitiu a ampliação de conhecimento em diversas áreas.

O recorte compreende os anos 20, 30, 40 e 50 do século XX. Entendemos que esse período corresponde aos anos em que Sérgio iniciou sua vida profissional, atuou como crítico literário e optou pela profissão de historiador.

* * * * *

7Em suas palavras: “Eu me formei, como várias pessoas, em várias épocas e em diversos lugares, não apenas em instituições educacionais e encontros formais, mas também através de amizades – muito importante para nós brasileiros”. (GRAHAM, 1987).

Estudar um autor é uma das tarefas mais difíceis para um pesquisador. Ele deve mergulhar fundo nas obras produzidas e publicadas; situá-las no tempo e no espaço, procurando contextualizá-las; encontrar as principais referências, nem sempre explícitas; daí, lê-las e relê-las várias vezes, quase sempre surpreendendo-se com os “achados”; desvendar os principais interlocutores do autor¹; descobrir quais obras literárias e científicas ele leu; dimensionar o impacto da sua obra na época, o seu espaço na história e sua atualidade. Juntamente com isso, deve-se compreender o ser humano por trás do escritor; sua vida, sua trajetória, sua família e amigos. Longe de ser uma condição *sine qua non*, a relação autor/obra revela mais do que esconde. Helenice Rodrigues Silva (2002, p.51) afirma que a vida pessoal é importante objeto de estudo do pesquisador: “Dentro da perspectiva de uma história intelectual, as experiências de vida, ou seja, a trajetória de um autor permite traçar pistas para uma melhor compreensão das condições de elaboração de uma obra”.

¹ Karl Mannheim enfatiza a “natureza coletiva da criação intelectual”, que é um aspecto de relevância, pois intercepta na mensagem de uma obra ou em seu estilo o resultado do pensamento de um ou mais grupos sociais sobre a realidade vivida. Do mesmo modo, Lefort (1992, p.147) diz que, se quisermos conhecer as intenções de um escritor, parece bom indagar quais são seus interlocutores privilegiados, quais são as opiniões que tem em mira, quais são as circunstâncias que instigam seu desejo de falar. Questões, por certo, observemos de passagem, às quais não basta responder, supondo que podemos respondê-las, para dar conta de seu pensamento, pois é igualmente verdadeiro que ele não escreve para alguém, que se liga a um leitor sem identidade definida, leitor cujo lugar será ocupado por desconhecidos, num futuro que ele não pode imaginar; e ainda é verdade que ele afluere das circunstâncias um poder de pensar que transcende a contingência da situação em que se encontra.

Esta autora elaborara dois tipos de formação: formação humana e formação acadêmica. A formação humana expressa-se no conceito de *bildung*, tal como construído pela tradição do idealismo alemão. Em oposição ao ensino oficial institucionalizado, a *bildung* refere-se a uma autoconstrução mental, psíquica e espiritual que exige independência e autonomia e efetua-se como autodesenvolvimento ético do indivíduo. Ela pressupõe, portanto, uma atuação emancipatória que não admite fins determinados exteriormente e, nesse sentido, distingue-se da educação, seja ela mantida como treinamento, seja como erudição. Por outro lado, a formação acadêmica expressa-se pelo contato íntimo com alguma instituição oficial de educação, escola, ginásio ou universidade. A formação acadêmica contém um rígido controle de normas e procedimentos, configurado por presença, participação e avaliação típicos da educação formal, que tem por objetivo dar uma formação científica e filosófica ao aluno com vistas a se qualificar para a obtenção de um diploma que comprove a realização de todos os passos obrigatórios. (GARCIA, 2002).

Nesse sentido, a formação humana é mais flexível, pois depende de uma série de elementos para poder ser averiguada. A seu passo, a formação acadêmica necessita somente da análise e compreensão das etapas acima mencionadas.

Neste capítulo, focaremos a formação humana, pois a formação acadêmica será analisada no Capítulo 2, Um intelectual independente na universidade. O ingresso de Sérgio Buarque de Holanda na vida intelectual foi inaugurado pela publicação de seu artigo “Originalidade literária”, ainda com 18 anos. Neste artigo, publicado no início dos anos 20, já transparecem algumas características que marcarão o estilo do intelectual independente; o artigo dá início também a sua bem-sucedida carreira como crítico literário. As questões estéticas e culturais brasileiras levantadas pelos modernistas, que colocaram a interpretação do Brasil como mote principal, contribuíram de modo particular para que o jovem historiador definisse toda sua trajetória de intérprete do Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu na cidade de São Paulo, no dia 11 de julho de 1902. Fez o curso primário na escola Caetano de Campos e o ginásial no colégio São Bento, onde foi aluno de História de Afonso Taunay.

Inicia-se na vida literária escrevendo o artigo “Originalidade literária”², publicado no *Correio Paulistano*, em 22 de setembro de 1922. Esse artigo foi levado à redação por Afonso Taunay, amigo de seu pai. Sérgio relata esse contato³ com o professor Taunay com muito carinho. Taunay descobriu, não se sabe como, que o jovem Sérgio tinha por hábito redigir impressões de leituras e de acontecimentos do dia. Tomou um dia essas anotações e começou a lê-las com atenção, levando-as para casa a fim de lê-las com vagar. De repente, relata Sérgio, recebe um telefonema de um amigo felicitando-o pelo belo artigo, “assinado com meu nome, tudo em letra de forma, no mesmo jornal, nas mesmas colunas, onde costumavam sair os eruditos estudos do historiador de São Paulo e das bandeiras paulista”. (HOLANDA, 1962, p.75). Embora surpreso, Sérgio não ficou aborrecido, e lembra de seu antigo professor, a quem deve seu primeiro passo a essa vida de escritor: “A carreira de autor, não a escolhi eu próprio: ela se ofereceu a mim. E tão generosamente se ofereceu, com tamanha gentileza, que não me pude negar a ela e nem mais consegui abandoná-la”. (HOLANDA, 1962, p.76).

No primeiro parágrafo do artigo “Originalidade Literária”, Holanda diz: “A emancipação intelectual não é, nem podia ser, um corolário fatal da emancipação política”. E completa: “Mistral, com sua obra admirável na literatura provençal, demonstrou, à sociedade, que a independência intelectual de um povo não requer a emancipação política”. Nestas primeiras palavras, e ao longo de todo o artigo, que oficialmente o encaminham para vida profissional, já podemos observar alguns traços de sua vocação literária: o posicionamento frente a qualquer determinismo do político em relação à ciência ou à cultura, e o conhecimento aprofundado de autores clássicos e contemporâneos, às vezes desconhecidos

² Este artigo pode ser encontrado em Barbosa (1989) e Prado (1996).

³ Holanda (1962).

até do povo letrado, comprovado pelas inúmeras citações ao longo de seus escritos de crítica literária e de história. Mas revela, principalmente, a “emancipação intelectual”, entendida por nós como marca do intelectual independente.

Em outro artigo, intitulado “Il faut des barbares”, Sérgio se pergunta quais seriam as características da nova era. Segundo ele, seriam “a completa abolição de todos os *parti pris*, de todos os preconceitos, de todas as convenções idiotas, de todas as regras sem razão de ser, é a completa liberdade do artista”. (HOLANDA, 1996a). Aqui a idéia de liberdade se faz presente. A defesa da liberdade total do artista remete, mais uma vez, a aversão às amarras estilísticas e estéticas, a qual dominaria toda sua produção. No final deste artigo, em tom quase apoteótico, Sérgio conclui: “Surjam novos evangelhos, novas doutrinas, novas teorias, novas idéias, novas opiniões, novos artistas, novos profetas!”.

Por esses primeiros anos de contribuições ao *Correio Paulistano*, bem como ao *Jornal do Brasil*, a *Cigarra*, ao *Fon-fon* e à *Revista do Brasil* (2ª fase), Sérgio Buarque de Holanda teve um verdadeiro desprezo, por considerar as contribuições desprovidas de técnica e superficiais demais. Sérgio era um perfeccionista, o que se reflete na pureza de um estilo sempre límpido e na sutileza do exercício mental, segundo Francisco de Assis Barbosa (1989), que reuniu e publicou pela primeira vez tais artigos em livro. Por isso, em vida, jamais pensou em publicá-los.

Sobre esses anos de juventude, a observação que, para nós, sintetiza a formação intelectual do jovem historiador, foi feita por Pennafort (1986, p.13):

Foi o maior leitor que conheci; não lia, devorava livros. Nos recintos mais barulhentos, tinha a invejável faculdade de fazer abstração do rumor e ler imperturbavelmente. A sua fome, sua sede de leitura eram inauditas, daí a sua prodigiosa informação, daí sua cultura que, além do seu talento, contribuiu para tornar o notável ensaísta, historiador, sociólogo, crítico de História e Literatura que é hoje.

“Sérgio é o anticafageste por excelência”, dizia Manuel Bandeira. O poeta também relata o seu encontro com Sérgio, no Rio de Janeiro:

Nunca me esqueci de sua figura certo dia em pleno Largo da Carioca, com um livro debaixo do braço, e no olho direito o monóculo que o obrigava a um ar de seriedade. Naquele tempo não fazia senão ler. Estava sempre com o nariz metido num livro ou numa revista – nos bondes, nos cafés, nas livrarias. Tanta eterna leitura me fazia recriar que Sérgio soçobrasse num cerebralismo cuja única utilidade seria ensinar a escritores europeus de passagem pelo Rio a existência, desconhecida por eles, de livros e revistas de seus respectivos países. (BANDEIRA, 1987, p.90).

Sérgio Buarque de Holanda pertenceu a uma geração para a qual a vocação intelectual não supunha uma escolha profissional cedo estabelecida. Se isto apresentava o risco de criar um enciclopedista parasitário, tinha a vantagem de permitir que o letrado se familiarizasse com mais de uma área do saber. (LIMA, 2002, p.18). Daí a indefinição de muitos sobre a verdadeira formação de Sérgio: “historiador”, “ensaísta”, “sociólogo”, “crítico literário”, etc. Mas, como veremos a seguir, Sérgio se considerava **historiador**.

A publicação de vários artigos na imprensa fez com que o jovem historiador recebesse convites para atuar, de forma periódica, em alguns jornais. Assim, trabalhou como jornalista para a agência brasileira *Havas* e, posteriormente, para a *United Press*, colaborando, ainda, para *O Jornal*, *Rio-Jornal*, *A Idéia Ilustrada*, entre outros periódicos. Colaborou com o crítico literário nos *Diários de Notícias* e foi redator-chefe da *Associated Press*. A partir de 1946, já em São Paulo, continuou a colaborar para o *Diário Carioca* e a *Folha de São Paulo*, embora tenha se dedicado com mais profundidade às pesquisas históricas. A partir de 1954, sua contribuição nos diversos periódicos diminui substancialmente. Parece que as pesquisas históricas, definitivamente, ocuparam a maior parte de seu tempo. Após o ingresso na USP, em 1958, até a aposentadoria, em 1969, sua produção de crítica literária se resumiu a esparsos cinco artigos. Numa entrevista⁴, Sérgio revela que suas contribuições jornalísticas sempre foram com o intuito financeiro, ou seja, ganhar dinheiro. Não que isso resultasse num trabalho

⁴ Holanda (2004).

menor, pelo contrário, numa viagem aos Estados Unidos, como disse em tal entrevista, retornou com uma “biblioteca” sobre crítica literária, principalmente sobre o *new criticism*.

Em 1921, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, que ficava na Rua do Catete, onde se forma em 1925. A Faculdade de Direito não foi uma escolha. Em uma entrevista, Sérgio revela que a opção pelo curso de Direito foi por acaso, já que foi a “primeira que apareceu”. Em suas palavras: “Naturalmente, eu precisava encontrar um lugar para estudar, mas não havia uma faculdade de filosofia que eu pudesse fazer”. (HOLANDA, 2004, p.5). Daí a escolha pela Faculdade de Direito. Para Miceli (2001, p.115),

Até meados da República Velha, a Faculdade de Direito era a instância suprema em termos de produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais. No interior do sistema de ensino destinado à reprodução da classe dominante, ocupava posição hegemônica por força de sua contribuição à integração intelectual, política e moral dos herdeiros de uma classe dispersa de proprietários rurais aos quais conferia uma legitimidade escolar. A Faculdade de Direito atuava ainda como intermediária na importação e difusão da produção intelectual européia, centralizando o movimento editorial de revistas e jornais literários; fazia às vezes de celeiro que supria a demanda por indivíduos treinados e aptos a assumir os postos parlamentares e os cargos de cúpula dos órgãos administrativos, além de contribuir com o pessoal especializado para as demais burocracias, o magistério superior e a magistratura.

Grande parte dos escritores modernistas formou-se nas faculdades de Direito.

1.1 O escritor

Já dissemos que Sérgio Buarque de Holanda sempre se posicionou contrário às amarras metodológicas. Na verdade, Sérgio preocupava-se muito com a forma de apresentação de seu texto. Para isso, fazia várias revisões até se contentar plenamente e, mesmo assim, revia as novas edições. Acreditamos ser este mais um traço importante do intelectual independente: clareza e rigor científico.

“O perfeito historiador precisa ser um grande escritor”, dizia Sérgio em referência a Lucien Fèbvre. (HOLANDA, 1979, p.31). Percebe-se na leitura de seus escritos uma

preocupação com a língua, com a clareza, deixando de lado as formas rebuscadas que confundem o leitor, este, sim, preocupação maior dele. Essa forma de escrever está presente não só em seus textos jornalísticos, mas também em seus livros e artigos científicos. A intenção de Sérgio Buarque de Holanda é ser didático sem ser superficial, ser erudito sem ser pedante. Como já foi dito, ele foi um leitor voraz, vide sua biblioteca particular com mais de oito mil volumes, em cinco diferentes línguas; sabia de todos os lançamentos mundiais, leitor de jornais e revistas. Em suas palavras: “Os livros me deram o sentido da história. São a vida em comprimidos”. (ANDRADE, 1978, p.190).

Publicou vários livros e, desde os dezoito anos, colaborava com artigos em jornais e revistas, como vimos. Em uma entrevista dada a Homero Senna (1957, p.119), comentava que a tendência para escrever ele a sentiu desde muito cedo. Não saberia precisar como e por que se tornou escritor. Dizia: “Já em menino gostava de rabiscar minhas coisas. Fazia, então, um pouco de tudo, ao acaso: ficção, crítica, ensaio. Mas não publicava”. Escreveu até poesia, nunca publicada e mantida em segredo absoluto. Seus versos, ao que parece, foram lidos somente por Manuel Bandeira, que dizia que Sérgio sabia fazer versos “no duro”.

Em diversos momentos, Sérgio comenta sobre o duro ofício de escritor e revela suas mais íntimas relações com as palavras:

O que eu consegui realizar – mal ou bem – não se deu por um presente milagroso. Foi uma conquista gradual sobre minha fraqueza, não sei se assumida ou congênita: eu falava ou escrevia como se fosse apenas para mim, sem pensar na pessoa a quem estava me dirigindo ou no leitor eventual. Disto resultam as obscuridades freqüentes com que me deparo, ainda hoje, quando leio alguma coisa que escrevi algum tempo atrás, obscuridades que eu não percebia, apesar das advertências de meus amigos. Lentamente, tomei consciência da necessidade de moldar e dar forma a minha linguagem, cuidadosamente. Tentei fazer isto de maneira precisa e expressiva, ao invés de escrever bonito. Eu procurava a palavra certa, não uma florida – ou ‘florida’ – mas uma exata e incisiva. Isto demandava, às vezes, longa e cuidadosa pesquisa, e eu precisava ser conciso, senão o leitor, por não outra razão, cansa de você. [...] Quando falo escrever bem não significa, necessariamente, usar a gramática corretamente. Obras podem ser impecáveis quanto à sintaxe, mas difíceis de ler e entender; e vice-versa. Eu acredito que foi Lucien Febvre que disse que ‘o historiador perfeito deve ser um grande escritor’. Nenhum historiador sensato pode reivindicar sucesso, mas nenhum historiador pode deixar de tentar alcançá-lo. (GRAHAM, 1987, p.109).

Em seu discurso de posse na Academia Paulista de Letras, professa, em tom modesto:

Não sou escritor por vocação. Faltou-me o primeiro toque do verdadeiro escritor, do escritor ‘de nascença’, que é, ao menos no Brasil, o versificar e o rimar: nunca fui poeta. A expressão desembaraçada, a inspiração fácil, a livre e espontânea composição acham-se fora de meu mundo, ainda que em outros tempos escrevesse muito, até em demasia. Era, em verdade, um escrever atabalhado, sem método ou propósito. Catava assuntos, qualquer assunto servia, como colecionava selos. Não havia nisso uma vocação, havia uma obsessão. E se a vocação eu tive algum dia, bem depressa a perdi. De onde as infinitas relutâncias, os adiamentos, as interrupções que, para mim, andam invariavelmente associadas ao ato de escrever. (HOLANDA, 1962, p.74–75).

Já no final da vida, quando recebeu da União Brasileira de Escritores e a da *Folha da Manhã* o prêmio Juca Pato, na qualidade do ano de 1979, devido à publicação de seu último livro *Tentativas de Mitologia*, disse:

Tenho aguda consciência de minhas limitações pessoais como escritor, e confesso aqui, sem modéstia fingida, que hoje, na idade a que cheguei, o ato e o hábito de escrever me vão fugindo cada vez mais [...]. Meus últimos livros impressos, a começar por *Tentativas de Mitologia*, que, segundo ouço dizer, deu lugar ao prêmio, são velhas caricaturas vestidas de roupa nova. (HOLANDA, 1980).

Na introdução desse mesmo livro, *Tentativas de mitologia*, Sérgio discorre várias páginas sobre o ofício do escritor, revelando seu gosto pela leitura dos cronistas portugueses antigos, “que não significava vocação embrionária para os estudos da história, [...] mas pela presença neles de palavras e construções curiosas que, para meu gosto da época, tinham o seu tanto de cômicas [...]”. (HOLANDA, 1979, p.18).

No texto “Doença infantil da Historiografia”, Holanda reforça tal idéia:

[...] a própria espessura: a complexidade, a heterogeneidade que distinguem o campo do historiador, pede que ele use generosamente dos recursos da linguagem, e esta nem sempre há de ser uma linguagem direta, porque o vocabulário disponível mal refletirá a variedade e complexidade das nuances que é preciso ter em conta. A busca da precisão pode ser às vezes laboriosa, sugerindo à primeira vista um rebuscamento e até um preciosismo vão, mas nem por isso há de ser simplesmente uma linguagem enfeitada, empolada ou rebarbativa. (HOLANDA, versão preliminar datilografada).

A preocupação obstinada com a escrita foi observada por outras pessoas. Sússekind (1992), por exemplo, comentando as novas edições de vários de seus livros, como *Caminhos e*

Fronteiras e Raízes do Brasil, diz como elas foram minuciosamente alteradas para “melhorar consideravelmente o texto”, dando talvez mais trabalho do que se tivesse feito outro livro. José Sebastião Witter, na edição de uma obra inacabada de Sérgio Buarque de Holanda, *O Extremo-Oeste*, também corrobora a mesma observação acerca das revisões e releituras cuidadosas de seus trabalhos e da “infinidade de correções iniciais” encontrada em suas páginas. Para que o leitor possa observá-las, ele a reproduz em parte na sua introdução ao volume, publicado pela primeira vez em 1986. Witter, em outro momento, reforça essa idéia da verdadeira obsessão de Sérgio pela escrita: “Você não pense que eu escrevo fácil. Para fazer uma obra, qualquer que seja ela, de um artigo a um livro, eu corrijo pelo menos quatro vezes”. (WITTER, 2002, p.11).

Perfeccionista, a facilidade com que ele escreve é, segundo Sérgio, “relativa”, pois lhe custou “aplicação obstinada, às vezes quase desesperada, de arrebatamentos, vigílias, insônias, leituras ou releituras, paciências, impaciências, horas de transe e desfalecimentos”. (HOLANDA, 1979, p.16). Pode parecer exagerado, mas Sérgio não conseguia escrever ou mesmo dedicar-se a algum texto sem paixão e aprofundamento. Daí seu desprezo pelas obras de juventude e até mesmo com algumas teses em *Raízes do Brasil*.

Numa entrevista dada ao Museu da Imagem do Som (MIS), e só recentemente publicada⁵, Sérgio revela que o modernismo não o ajudou a escrever bem no sentido gramatical: “Às vezes tenho de ir ao dicionário para ver como se escreve uma palavra. Quem me ajudou muito foi João Ribeiro, crítico literário do *Jornal do Brasil*. [...] Ele dizia que o mais importante não era a correção, mas a eufonia. Achei esse conselho tão bom que guardei até hoje”. (HOLANDA, 2004, p.7). Nessa mesma entrevista, Sérgio diz: “Sou mau escritor porque tenho dificuldade de escrever. Não sou um escritor nato”. Sabido dessas dificuldades,

⁵ Ver Holanda (2004).

Sérgio revela que, “na acepção mais genérica, o bem escrever equivale ao escrever corretamente do ponto de vista da gramática”. (HOLANDA, 1979, p.20).

A sua erudição pode, em parte, ser explicada pelo domínio de cinco idiomas: inglês, francês, alemão, espanhol e italiano. Certa vez, diz Antonio Candido (1987), os dois começaram a se corresponder em português de trezentos anos antes, “uma língua tosca e irregular, presente nas Atas da Câmara, Autos de Visitação”, mas procurando dar notícias recentes. Era preciso muita imaginação, dizia Candido, para noticiar coisas até então inéditas na época, como o Estado de Minas Gerais ou o avião. Sérgio gostava dessas brincadeiras. Quando Candido estava em Nova York, Sérgio enviou-lhe uma carta em inglês do século XVII, e depois uma carta em latim, que não obteve resposta porque Candido não conseguira traduzir. A desenvoltura que lidava com as línguas estrangeiras em qualquer época facilitou a assimilação dos lançamentos mundiais e de documentos históricos, o que lhe valia extrema admiração. Acredito que, por conta disto, ele tenha sido o primeiro a citar ou mesmo mencionar, entre nós, alguns autores que se tornaram conhecidos tempos depois, como foi o caso de Max Weber em *Raízes do Brasil*.

Sérgio afirmava que sempre consultava dicionários, traço de respeito pela língua formal. Em um episódio de juventude, ocorrido dentro de uma agência de notícias, Sérgio conta, em forma de diálogo, um conselho que recebeu de João Ribeiro, “um dos melhores conhecedores do idioma vernáculo no Brasil”, acerca do qual seria a forma correta entre duas proposições:

‘A rigor’, disse, ‘seria esta’, e indicou-me uma das alternativas apresentadas. ‘Mas’, acrescentou, ‘se preferir, não hesite em usar a outra. E quer saber mais? Procurando com cuidado, verifica-se que um sem-número de formas condenadas hoje pelos gramáticos são autorizadas pelos melhores clássicos da língua. E digo-lhe de uma vez por todas. Não se preocupe muito com essas coisas, que é perder tempo. Na dúvida, procure guiar-se pela eufonia, que é sempre a boa conselheira, e estará certo. (HOLANDA, 1979, p.21).

Com isso encontramos, mais uma vez, sugestões de caráter pessoal, aqui configuradas por um conselho amigo, mas que indicam que o historiador possui preocupações que passam ao largo das pequenices e minúcias da vida, mesmo em se tratando de toda formalidade da língua, mas que, para ele, também pode ser objeto de liberdade poética, tal qual “os melhores clássicos da língua”. O pedantismo e o rebuscamento da escrita dificultam esse diálogo necessário, levando ao isolamento do intelectual, problema que me parece ser essencial para ele, daí sua preocupação em se fazer entender. E, por fim, fica o alerta: “As palavras depositaram tamanha confiança no espírito crédulo dos homens, que estes acabaram por lhes voltar as costas”. (HOLANDA, 1996, p.214). Por isso esse extremo cuidado no uso das palavras, verificado pela busca de clareza e de senso da narrativa histórica e não pela fama e publicidade propiciados pelo jornalismo.

Assim, vemos que a preocupação de Sérgio com a escrita, longe de ser uma atitude exagerada, teve por finalidade ser ouvido, compreendido, pois a fina escrita leva, conseqüentemente, à formação de leitores. Para utilizar o rigor científico, o cientista não precisa de uma escrita dura e complexa⁶.

1.2 O crítico literário

Como vimos, Sérgio colaborou em diversos jornais e revistas, escrevendo críticas literárias. Seus inúmeros artigos comprovam a atualidade, o rigor quanto ao método, à crítica exata, à erudição necessária e, principalmente, à apresentação da obra para o grande público, pois ele sempre esteve atualizado com os principais lançamentos nacionais e estrangeiros. Autodenominado historiador, ele nunca se preocupou muito com seus artigos de crítica

⁶ Segundo Said (2005), as representações do intelectual com suas articulações, por uma causa ou idéia diante da sociedade, não têm como intenção básica fortalecer o ego ou exaltar uma posição social. Tampouco têm como principal objetivo servir a burocracias poderosas e patrões generosos. As representações intelectuais são a *atividade em si*, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. Saber usar bem a língua e saber o quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação do intelectual.

literária, tendo até certo desprezo pelos artigos de juventude. Mesmo assim, podemos verificar a simbiose existente entre o crítico e o historiador, duas áreas distintas, mas que, na pena de Sérgio Buarque de Holanda, se completam.

Sobre os artigos de crítica literária, diz Sérgio:

Quando recebi a incumbência de fazê-los, movido por necessidades mais imperiosas do que minha vontade ou vocação, o remédio era fazer o que se podia esperar de um crítico literário [...]. O caso foi que logo cuidei de enfronhar-me em tudo o que houvesse de mais atual então e de mais fecundo no tocante às técnicas de criação e crítica literária, comprando ou encomendando no estrangeiro publicações especializadas, ou apelando para a boa vontade de amigos mais bem informados do que eu sobre o assunto, que se prontificaram a emprestar-me livros ou revistas de que ia necessitando. (HOLANDA, 1979, p.15).

Sergio Milliet considerou de grande importância na vida de Sérgio “essa excursão pela crítica literária”. Acreditava que, sem isso, ele “não teria atingido a leveza de explanação, a limpeza de linguagem, a capacidade de seleção que são o apanágio dos que souberam especializar-se sem algemarem como escravos à especialização”. E acrescenta: “A crítica literária e a prática do ensino fizeram de Sérgio Buarque de Holanda um escritor. É o que é, acima de tudo, e é o que dá a seus livros áridos um encanto que entre os historiadores não se vislumbra comumente”. (MILLIET, 1987, p.98).

Da mesma forma para Damazio (2002, p.134), “essa atenção constante para o novo, aliada à coerente busca pela autêntica criatividade literária e a um conhecimento amplo de autores e críticos, tanto clássicos quanto modernos, são alguns dos elementos que embasaram a atividade de Sérgio Buarque de Holanda como crítico de literatura”.

A sua produção científica no domínio da crítica literária reúne-se em três grupos: 1) textos de pesquisa erudita ao nível da história intelectual luso-brasileira dos nossos primeiros quatro séculos, em que aprofunda, revê e atualiza a relação dialética entre as matrizes europeias e a cultura das terras conquistadas; 2) estudos diversos, seja sobre a teoria do Barroco ou do Neoclássico, seja sobre obras e autores desses períodos, mas que se estendem sobre as ideologias dominantes no primeiro século e considerações que adentram pelo

Oitocentos; 3) considerações sobre o ofício da crítica e atualização dos critérios de análise especificamente literária que tem lugar nos decênios de 1940-60; abordagens de autores e problemas de literatura internacional contemporânea ou moderna, e o exame crítico, específico de obras e autores brasileiros do momento, avaliados na circunstância do seu aparecimento. (EULÁLIO, 1993).

Após retornar da Alemanha, Sérgio não abandona a crítica literária, escrevendo sistematicamente, por breves períodos, em 1940-41 no *Diário de Notícias*, de 1947 a 1953, no *Diário Carioca* e na *Folha da Manhã* de São Paulo, de 1948 a 1950 de novo no *Diário de Notícias*, mais tarde no suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* e em 1979 no *Jornal da República* de São Paulo.

Em 1948, quando retoma as suas atividades como crítico literário, nas páginas de *O Diário de Notícias*, depois de mais de seis anos afastado dessa atividade, revela: “Ao deixar a atividade regular de crítico literário, eu não imaginava retomá-la algum dia. Preferi por muito tempo conservar-me o que fora sempre, um ‘bissexto’ da crítica, sem mais obrigações e responsabilidades do que escrever em horas vagas sobre livros que ocasionalmente me interessavam”. (HOLANDA, 1996a, p.35).

Percebe-se que, no período de trabalho na USP, entre 1958 e 1969, Sérgio se afasta da crítica literária. São poucos os artigos publicados neste período. Segundo ele próprio,

Nunca tive, realmente, muito amor à crítica que fiz em caráter transitório, como ganha-pão. Depois, não tenho mais tempo para leituras diversas e análises críticas. Não posso ter outras preocupações. Todo o meu tempo disponível, inclusive sábados e domingos, é dedicado à cátedra universitária e às minhas obras. (Tribuna da Imprensa, 14-15 nov. 1959).

Segundo Sússekind (1992), seria o caso de ampliar a reflexão sobre as relações entre essas duas vertentes – crítica e historiográfica – na trajetória intelectual de Sérgio Buarque. E, em particular, sobre a contribuição da análise do trabalho de Sérgio para uma definição do ‘intelectual modernista brasileiro’.

A faceta de crítico literário, ainda pouco reconhecida, foi a porta de entrada para a interpretação da sociedade engendrada por Sérgio Buarque de Holanda nas primeiras décadas de sua vida. De fato, essa atividade, como ele mesmo revela, não era um ofício que lhe agradara muito, mas foi de fundamental importância para a maturidade intelectual do jovem historiador, pois possibilitou-lhe manter-se atualizado com praticamente tudo o que se publicava no mundo, já que ele lia e comprava livros em diversas línguas, além de ter desenvolvido a fina escrita, tão importante para a futura vida acadêmica.

1.3 Os anos 20 com os modernistas

Na década de 1920, inicia-se o processo da liquidação da *bele époque*, a crise do liberalismo e da própria democracia, o pânico da expansão comunista e a ascensão do totalitarismo, com o fascismo triunfante e a primeira vitória do nazismo nas eleições alemãs de 1929. No Brasil, há um fortalecimento das idéias conservadoras, que encontram na vanguarda modernista, sobretudo a dos grupos do Pau Brasil e da Antropofagia, um vigoroso sopro contestatório. (BARBOSA, 1988).

Os anos 20, para Sérgio, foram anos de formação não só intelectual, mas de construção de amizades que duraram por toda sua vida. Sérgio teve muitos amigos. A rede de sociabilidade dele era enorme. Maria Amélia relata, ainda, as noites no Rio com Donga, Pixinguinha, Araci de Almeida, Noel Rosa e Ismael Silva. Na Rua Buri, em São Paulo, recebia os amigos Vinícius de Moraes, Antonio Candido, Caio Prado Júnior, Manuel Bandeira, Prudente de Moraes Neto, Carybé, Paulo Vanzolini, Florestan Fernandes, Clóvis Graciano, Dorival Caymmi.

Esse período é marcado pelo surgimento do movimento modernista. O modernismo foi, sem sombra de dúvidas, uma das mais importantes correntes do pensamento brasileiro. Como toda nova corrente, ela rompe com o passado, trazendo nova forma de pensar e

escrever a literatura. Mas não foi só isso, encontramos a idéia modernista manifestada na pintura, arquitetura e nos ensaios voltados para a explicação da realidade brasileira. Os modernistas, oriundos em sua maioria de famílias abastadas da oligarquia e, portanto, próximos aos círculos intelectualizados, estavam vinculadas às vanguardas européias; isto permitiu a eles assumir um papel de inovadores culturais e estéticos no campo literário local, num processo chamado por Sérgio Miceli (1979) de "substituição de importação" de bens culturais. Tais escritores se diferenciam entre si não tanto pelo volume de "capital econômico e escolar", como conceitua esse autor, mas pela proximidade relativa de suas famílias em relação à fração intelectual e política da classe dirigente e, por conseguinte, pelo grau de conservação ou de dilapidação de seu capital de relações sociais.

Com o movimento modernista, a literatura ganhou inovações formais e temáticas. Isso ocorreu em dois níveis: quanto à fisionomia da obra e quanto à rejeição dos velhos padrões. Candido (1989) afirma que, na década de 30, o inconformismo e o anticonvencionalismo tornaram-se um direito, não uma transgressão. Isso beneficiou a todos os escritores desse período, pois podiam agora ter uma liberdade maior em suas criações.

Conforme anotou Avelino Filho (1987, p.35), o modernismo coloca os grupos populares na ordem do dia como componentes da sociedade e da nação:

Portanto, o movimento modernista não pode ser resumido a uma crítica da cultura bacharelesca: ele é também uma tentativa de redescoberta do Brasil, da ambigüidade e riqueza de suas contradições, bem como da impossibilidade de sua negação. Projeto estético e projeto ideológico andavam juntos.

A história intelectual da geração anterior⁷ foi marcada negativamente pela dependência perante o Império e o isolamento no início do século XX, mas tentou reatar o prestígio das elites de Estado, o qual caracterizava todo o período do Império. Essa condição

⁷ Simplesmente chamados de "pré-modernistas" pelos modernistas (detentores de autoridade intelectual na década de 20): "seriam os epígonos das escolas dominantes no final do século XIX, os deserdados das grandes causas políticas – como, por exemplo, a Independência para os românticos, o abolicionismo e o movimento republicano para a geração naturalista -, os importadores otimistas das escolas européias periféricas ao simbolismo, os descristianizados. (MICELI, 2001, p.16).

de dependência consistira em mecenato, patronagem e honrarias, comportando a outorga de empregos públicos aos escritores, mas também seu enclausuramento no círculo das elites sociais. O isolamento deu-se pelo desprezo pela organização de um Estado baseado na “política dos governadores” e em favor das oligarquias regionais. A geração de 20 foi herdeira dessa postura ao reclamar do Estado uma verdadeira autoridade, tomou como ponto pacífico o fato de que sua missão era, primeiro, política. (PÉCAUT, 1990).

Os escritores latino-americanos são produtores de bens culturais para minorias. Antonio Candido, citando o poema de Castro Alves *O livro e a América*, afirma que os intelectuais construíram uma visão igualmente deformada da sua posição em face da incultura dominante. Na verdade, os intelectuais “flutuavam”, pois viviam em eternas “influências estrangeiras” e numa “dependência cultural”. “A consciência do subdesenvolvimento é posterior à Segunda Guerra Mundial e manifestou-se claramente a partir de 1950”. (CANDIDO, 1989, p. 142).

A partir de 1950, sentimos que a dependência se encaminha para uma interdependência cultural. Essa “alienação cultural” fazia com que os escritores escrevessem para fora, para o exterior, dissociando-se, muitas vezes, de sua terra. Daí o excessivo uso da língua estrangeira na redação das obras. “E assim vemos que analfabetismo e requinte, cosmopolitismo e regionalismo, podem ter raízes misturadas no solo da incultura e do esforço para superá-la”. (CANDIDO, 1989, p. 149).

Nosso País, segundo Candido, era o exemplo claro de certo “provincianismo cultural”, onde poucos homens “semicultos”, escreviam para a grande massa analfabeta. De fato, a originalidade não foi uma característica de nossa literatura. Candido chama de “fenômeno da ambivalência”, que estimula a cópia servil, imitação de estilos, temas e atitudes e usos literários. Mesmo o regionalismo, Candido considera envelhecido, não é mais forma privilegiada de expressão literária nacional.

A importação de idéias não é uma tese nova. Embora Roberto Schwarz tenha-se tornado famoso com o texto *As idéias fora do lugar*, Sérgio Buarque de Holanda havia anunciado essa faceta dos escritos brasileiros já em *Raízes do Brasil*.

Para Nemi (2003, p.134-5),

A experiência intelectual brasileira desenvolveu-se em meio a esta dialética entre o universal e o local onde se forma o texto literário, mas não se completa a nação. O que é ambíguo no processo formativo nacional, aquela dialética entre o universal e o local, é elemento formativo da experiência intelectual.

Segundo Miceli (2001), nessa fase, desenvolveram-se as condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária, e à constituição de um campo intelectual relativamente autônomo, em consequência das exigências postas pela diferenciação e sofisticação do trabalho de dominação. Em termos concretos, finaliza Miceli, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. Mesmo porque os intelectuais não dispunham de um princípio de identidade em um campo autônomo que remetesse a vínculos institucionais, como é o caso das universidades. Não havia no Brasil uma tradição universitária, que só viria a se constituir na década de 30. Não é sem razão que a atividade profissional de Sérgio Buarque de Holanda tenha-se concentrado no exercício de crítica literária publicada em diversos jornais.

Contemporâneo dos modernistas, Sérgio foi amigo de Mário de Andrade, e de outros modernistas. Embora não tenha participado diretamente da Semana de Arte Moderna⁸, realizada em São Paulo no ano de 1922, ele torna-se, no mesmo ano, representante da Revista Klaxon – 1^a revista do movimento. Contribuiu para sua divulgação através de publicações de ensaios e críticas literárias nos jornais e revistas da época:

Modernista, tomava atitudes críticas com relação às noções de legados, tradições, nação e raça; rejeitava providencialismos e procurava caminhos para libertar a História de finalidades necessárias. Revoltava-se contra determinismos cientificistas e materialistas, racistas, climáticos e biológicos, causalidades mecanicistas e leis

⁸ Sobre a influência do modernismo, ver Prado (1998).

abstratas pareciam mais apropriadas às ciências naturais do que à explicação de fenômenos históricos. (DIAS,1985,p.9).

A ruptura com o modernismo, presente no artigo “O lado oposto e outros lados”⁹, (BARBOSA, 1989, p.85), reflete uma mudança de comportamento frente ao academicismo presente no movimento modernista, o que levou ao engessamento metodológico e à falta de liberdade de criação. Por isso ele decide “romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e conquistar uma profunda sinceridade para com os outros e pra comigo mesmo”. Para Sérgio Buarque de Holanda (1996a, p.85), “a gente de hoje aboliu escandalosamente, graças a Deus, aquele ceticismo bocó, o idealismo impreciso e desajeitado, a poesia ‘bibelô’, a retórica vazia, todos os ídolos da nossa *intelligentsia*, e ainda não é muito que fez”. Sérgio refere-se a Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Tristão de Ataíde e Guilherme de Almeida, que “falam uma linguagem que a geração dos que vivem esqueceu há muito tempo”. (HOLANDA, 1996a, p.86). Estão situados “do outro lado”, e “houve um tempo em que esses autores foram tudo quanto havia de bom na literatura brasileira. No ponto em que estamos hoje, *eles não significam mais nada para nós* [grifos do autor]”. (HOLANDA, 1996a, p.86).

A crítica mais árdua que Sérgio faz em relação a esses modernistas academizantes que idealizam, em suma, “a criação de uma elite de homens inteligentes e sábios, embora sem grande contato com a terra e com o povo [...], gente bem-intencionada e que esteja de qualquer modo à altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma experiência que estrangulem de vez esse nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juízo ”. (HOLANDA, 1996a, p.87). Esse tema é retomado em *Raízes do Brasil* quando Holanda critica a inteligência nacional calcada no bacharelismo dos fazedores de teorias ou dos

⁹ “Os outros lados” pertence o grupo formado por Oswald de Andrade, “um dos sujeitos mais extraordinários do modernismo brasileiro”, bem como Prudente de Moraes, neto, Couto de Barros e Antonio de Alcântara Machado.

importadores de soluções ou idéias vindos de fora, como foi o caso do liberalismo e do positivismo. Essa atitude já revela uma das características marcantes do intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda: o verdadeiro horror a qualquer forma de engessamento teórico que impede uma melhor compreensão dos fatos históricos.

Saturado de todos esses embates, Sérgio só encontrou uma saída: aceitar o convite de seu amigo Vieira da Cunha para dirigir o jornal *O Progresso*, em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, em 1927 (ficou por lá por seis meses), onde ficou conhecido como Dr. Progresso¹⁰. Manuel Bandeira relembra que quase Sérgio fica por lá definitivamente, não fosse o veto do governador no ato que o nomeava professor de História Universal e História do Brasil. “Benditos porres de Cachoeiro do Itapemirim!”, ironizava Bandeira, feliz pela devolução de Sérgio em perfeito estado.

De volta ao Rio de Janeiro integra-se à redação de *O Jornal*. Em 1927, entrevista Luigi Pirandello e Blaise Cendrars. De fato, o interesse de Sérgio pelo movimento Surrealista¹¹ na França foi decisivo para a experiência criadora do historiador. Segundo Eulálio (1993, p.21), “tais investidas pioneiras no Brasil permanecem singulares pelo interesse estético e psicológico que encerram; aparentemente são as únicas de que se tem notícia em nosso meio até o final da Segunda Grande Guerra”.

O modernismo, ao que parece, não foi abraçado com tanta afeição por Sérgio Buarque de Holanda. No entanto, seu princípio de compreender o Brasil veio ao encontro de suas idéias. Independentemente de suas ressalvas, o modernismo possibilitou a realização de uma nova fase de nossa literatura, mais autêntica e mais livre em relação às idéias e temas estrangeiros, exatamente aquilo que Sérgio sempre pregou e, a nosso ver, característica central do intelectual independente.

¹⁰ Sua estada no Espírito Santo foi contada no capítulo “Dr. Progresso acendeu um cigarro no céu”. (BRAGA).

¹¹ Ver Leonel (1984).

1.4 Os anos 30 e a relação entre intelectuais e Estado

Nesse período, como observa Candido (1989), houve um “convívio íntimo” entre a literatura e as ideologias políticas e religiosas. Houve também uma admiração dos intelectuais, às vezes de modo explícito, pelas correntes comunistas e fascistas: “Muitas vezes o espiritualismo católico levou o Brasil dos anos 30 à simpatia pelas soluções políticas de direita, e mesmo fascistas, como foi o caso do Integralismo” (CANDIDO, 1989, p.31). Por outro lado, ele observa que, neste período, também houve um grande interesse pelas correntes de esquerda, como, por exemplo, a Aliança Nacional Libertadora. Esse interesse pelos assuntos de esquerda está comprovado pelo aumento considerável de títulos publicados relacionados a temas como anarquismo, sindicalismo, marxismo, movimento operário, que aparecem nas livrarias, juntamente com traduções e a formação de uma corrente marxista brasileira, como é o caso de Caio Prado Jr.

Tratava-se de encontrar, pela reflexão histórica e sociológica, as causas ou origens do desajuste entre o Estado e a Sociedade, o “Brasil legal” e o “Brasil real”. O debate em torno dessa questão é polarizado naquilo que ficou conhecido como “pensamento político autoritário”¹² e “pensamento político democrático”. O ponto em comum dos representantes do

¹² Um estudo mais aprofundado sobre o “pensamento político autoritário” foi realizado por Lamounier (1977). Para o autor, o pensamento autoritário foi formado a partir da Primeira República. São ensaios histórico-sociológicos que criticam o modelo constitucional de 1891, tendo em vista a ação política e a proposição de algum modelo alternativo de organização político-institucional. Os seus representantes mais notáveis são Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos. A marca dessa geração é, sem dúvida, expressa através do fortalecimento do poder político central. A tese de Lamounier é que tais autores, embora muito diferentes, tinham uma “ideologia autoritária” comum: “O conceito de ‘ideologia de Estado’ pode ser visto como uma construção intelectual que sintetiza e dá direção prática a um clima de idéias e de aspirações políticas de grande relevância nas últimas décadas do século XIX e na primeira metade deste [XX]” (p.356). Para ele, o que é comum na bibliografia brasileira é atribuir sentido “ideológico” somente aos grupos de extrema direita e extrema esquerda, ou seja, somente a minorias fortemente intelectualizadas e possuidoras de um projeto explícito de mudança política. O conceito de “ideologia de Estado” de Lamounier pretende exatamente acentuar o contraste com a matriz ideológica à qual se opõe: o Mercado: “O fulcro da ideologia de Estado é, ao contrário, o intento de domesticar o Mercado, e particularmente o princípio de mercado atuante nas relações políticas”. (p. 358). Nacionalistas podem ter um pensamento “irrelevante, descolado do mundo real e com uma insuficiência conceitual e metodológica”, isso devido ao descrédito das idéias autoritárias. Apesar disso, Lamounier reconhece a importância desses autores para a história do pensamento político no Brasil: “O pensamento político do período deve ser entendido como a formação de um sistema ideológico orientado no sentido de conceituar e legitimar a autoridade do Estado como princípio tutelar da sociedade” (p.356). Essa importância também é verificada de três formas: pela importância que tais autores tiveram na difusão e na institucionalização das

pensamento autoritário é a descrença de uma solução, por vias democráticas, para o impasse “Estado e sociedade”. A marca do pensamento autoritário está no fortalecimento e na intervenção do Estado, em detrimento da sociedade. Inversamente, a corrente democrática acreditava que não existia um impasse entre Estado e sociedade, mas estavam resolutos a superar nossos problemas por vias democráticas, através da ampliação da participação popular e das reformas institucionais.

O que percebemos nos anos 20 e 30, é a polarização dos intelectuais em torno dessas duas correntes. Notamos que tal debate vai além do mundo das idéias, havendo, sim, uma participação efetiva nos quadros burocráticos estatais.

Para Barbato Jr. (2004), os intelectuais nos anos 30 viviam uma confusão entre o transigir ou recusar a participação nas esferas do poder público. Segundo o ele, Capanema oferece aos intelectuais a possibilidade de realizar seus projetos.

O escrito seminal sobre a relação entre intelectuais e Estado foi realizado por Sérgio Miceli (2001). Este texto travou um diálogo com todos os estudos sobre intelectuais nos últimos 25 anos. O texto apresenta, nas palavras do autor, “uma argumentação sociológica com tinturas culturalistas”. Miceli adotou um modelo de argumentação capaz de compatibilizar condicionantes ligados às origens sociais com aqueles desencadeados pelas mudanças em curso no mercado de trabalho intelectual, uns e outros tomando feição e sentido no contexto político-institucional da época. Os três capítulos do livro cobriam os principais setores em expansão no mercado de trabalho em que concorriam os postulantes às carreiras intelectuais: partidos e instituições culturais a oligarquia paulista, frentes de mobilização político-ideológica de organizações integralistas, católicas e de esquerda, a indústria editorial impelida pelo surto do romance, o serviço público.

Ciências Sociais no Brasil; pela impulsão dada às elites culturais de uma corrente antiliberal; pela “prática política” ou “ação política” nas transformações institucionais verificadas após a Revolução de 1930.

O destino social desses intelectuais ia sendo moldado em meio às circunstâncias de suas orientações e representações de gênero, expostos às marcas neles instiladas por toda sorte de estigmas, às quais se acresciam as injunções de sua posição na linguagem, na pátria, em famílias de ‘parentes pobres’ da oligarquia, incentivados pelas oportunidades de aquisição de capital escolar e cultural, que dariam acesso preferencial àquelas posições profissionais conquistadas por força do cabedal de relações sociais. (MICELI, 2001, p. 373).

Os intelectuais pertencentes ao pensamento político autoritário são chamados por Miceli de “intelectuais reacionários”, que possuem, na verdade, dupla condição: a de políticos profissionais e intelectuais. Com a derrota da oligarquia paulista em 1930 e em 1932, os membros do PRP passaram às fileiras dos movimentos radicais à direita e à esquerda, enquanto alguns de seus antigos companheiros foram cooptados para cargos de cúpula da administração pública federal. Enquanto isso, os membros do Partido Democrático tiveram a oportunidade de continuar prestando sua colaboração política à oligarquia. Aqueles que, por motivo da derrota da oligarquia na década de 30, foram alijados das carreiras políticas de maior prestígio, uniram-se em torno de partidos ou organizações políticas “radicais” (como a Ação Integralista Brasileira) que pretendiam, por via autoritária, restaurar as relações de forças vigentes antes de 1930. Por estarem muito próximos ao partido, sendo até militantes, tais intelectuais não tinham a distância necessária para ver a realidade das transformações que acarretariam a derrota da oligarquia:

A maioria dos jovens intelectuais que se tornaram militantes nas organizações ‘radicais’ de direita durante a década de 30, eram bacharéis livres [intelectuais que não dispõem de quaisquer trunfos sociais senão a posse de um diploma superior e de uma competência em Ciências Sociais] e letrados que estavam desnorteados, carentes de apoio político e sem perspectiva de enquadramento profissional e ideológico. (MICELI, 1979, p.25).

Outros dois tipos de intelectuais destacados por Miceli são os educadores profissionais e os pensadores autoritários. Os primeiros foram as únicas categorias de intelectuais convocadas pela elite burocrática em virtude de sua competência e do saber que dispunham em suas respectivas áreas de atuação. Os autoritários, pertencentes a antigas famílias dirigentes, utilizavam-se desses laços sociais para converterem seus pontos de vista em

ortodoxia ideológica, aliados à ruptura com as doutrinas e modelos jurídicos então dominantes:

Os pensadores autoritários eram, na verdade, herdeiros que puderam tirar partido de uma correlação de forças extremamente favorável à produção de obras cujos reclamos reformistas coincidiam com os interesses de autopreservação da fração de classe a que pertenciam. (MICELI, 1979, p.31).

Incluem-se, nesta corrente, autores de trajetórias políticas díspares e provenientes de setores diferentes da classe dirigente. Publicistas são jovens pensadores que logravam ser os mentores intelectuais da classe dirigente. Os principais artífices eram Oliveira Vianna e Azevedo Amaral: “Falavam em nome da elite burocrática, na crença de que a organização do poder nas mãos do Estado viria substituir-se ao entrechoque de interesses privados, habilitando seus representantes a auscultar os reclamos do conjunto da sociedade”. (MICELI, 1979, p.35).

Miceli destaca, ainda, a participação de pessoas oriundas dos grupos de esquerda, como alguns elementos da liderança anarquista. Como eles tinham experiência em comando de sindicatos e direção de órgão de representação, com a sua cooptação, tentava-se esvaziar seu poder contestatório. A contratação desses servidores fazia parte do projeto de controle do movimento operário.

Ao contrário de Miceli, Sartre afirma que o homem é livre para escolher seu próprio destino; ele também diz que a situação pode impedir o pleno exercício de tal liberdade. E, no entanto, Sartre acrescenta, é errado dizer que o meio e a situação determinam, de modo unilateral, o escritor ou o intelectual; o que existe é, sobretudo, um movimento constante para frente e para trás entre eles:

Sou um autor, em primeiro lugar, por minha intenção de escrever. Mas imediatamente segue-se que eu me torno homem que outros homens consideram um escritor, isto é, que tem de responder a certa demanda e que foi investido de certa função social. Seja qual for o jogo que ele queira jogar, deve jogá-lo com base na representação que outros fazem dele. Pode querer modificar o caráter que se atribui ao homem de letras numa dada sociedade; mas para mudá-lo tem antes de introduzir-se nela. Depois, o público intervém, com seus costumes, sua visão de mundo e sua concepção da sociedade e da literatura no interior dessa sociedade. O público cerca o escritor, encurrala-o, e suas exigências impiedosas ou dissimuladas, suas recusas e suas fugas

são os fatos concretos em cuja base uma obra pode ser construída. (SARTRE, 1993, p.77).

Lucien Goldman enfatiza que os aspectos biográficos (subjetivos) nem sempre colaboram no entendimento da obra produzida (objetiva), pois esta comporta o conjunto dinâmico das relações sociais, nem sempre conscientes para o seu próprio criador. “Disso resulta que determinados livros não representam a posição de classe a que pertence seu criador, mas, sim, sua adesão a uma determinada “visão de mundo”, conceito fundamental nos estudos de Lukács”. (JANOTTI, 2000, p.120). Michael de Certeau diz que “a inteligibilidade da obra do historiador inclui antecedentes referenciais que o discurso não menciona, em função dos quais se instauram métodos, interesses e indagações presentes na leitura e interpretação dos documentos”. (JANOTTI, 2000, p.121).

Daniel Pécaut (1990) afirma que a própria organização dos intelectuais está constantemente articulada ao Estado. No Estado Novo, por exemplo, as profissões foram reconhecidas e receberam um estatuto oficial, o que levou Pécaut a acreditar que a geração de intelectuais dos anos 20-45 agia por “interesse”, pois buscavam reconhecimento (status). Essa geração não solicitou a “mão protetora do Estado; ao contrário, mostrou-se disposta a auxiliá-lo na construção da sociedade em bases racionais”. Participando das funções públicas ou não, manteve uma linguagem que é a do poder. Proclamou a sua “vocação para elite dirigente porque conseguia, melhor do que qualquer outra elite, captar e interpretar os sinais que demonstravam que já existia uma nação inscrita na realidade, mesmo que ainda desprovida de expressão cultural e política”. (PÉCAUT, 1990, p.38). A legitimidade do intelectual provinha da complementaridade entre os três saberes que apresentava: o relativo à dinâmica das massas cegas, o concernente à formação da cultura e o que tratava da organização do político. Os saberes social, cultural e político conferiam a qualificação para o acesso à posição de elite dirigente.

Pécaut afirma que os intelectuais, segundo suas ideologias, podiam ser elite quando necessário, ou povo quando conveniente. Isso ocorre, segundo o autor, devido ao posicionamento dos intelectuais, classe situada entre o povo e o Estado, que também podem estar a favor do governo, ou contra ele.

Pécaut observa, em diversas declarações, que, entre o ofício de intelectual e o de governante, existe uma profunda semelhança. Nestas declarações, aparece a preocupação dos intelectuais em defender sua classe e tomar para si a responsabilidade de dirigir as massas, já que elas não estão prontas para se autogovernar. Assim, é também uma forma de declararem sua candidatura a postos de direção política, confirmada pelo estatuto de fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em 1932, que menciona a necessidade de uma “participação direta dos intelectuais no governo da República”.

Neste período, o que se observa é a preocupação dos intelectuais quanto à "realidade nacional", à "construção da nação", à "organização da nação", ao "realismo". Neste ponto, os chamados “autoritários” têm lugar de destaque: "Os intelectuais e teóricos do regime de 1930 concordavam em querer uma política que não deixasse lugar algum à arbitrariedade dos interesses e paixões democráticas". (PÉCAUT, 1990, p.22). Essa "ideologia de Estado"¹³ opõe-se aos mecanismos de "mercado" e a auto-regulação social. Segundo Pécaut, os motivos que levaram grande parte dos intelectuais a aderirem a uma "ideologia de Estado", foram:

Desconfiança em relação ao funcionamento do capitalismo da época ou condenação por princípios de sua lógica; dúvida sobre a viabilidade do liberalismo político no Brasil ou antipatia doutrinária em relação às próprias premissas do liberalismo; temor inspirado pela multiplicação anárquica de interesses particulares ou pessimismo devido à desorganização do social. (PÉCAUT, 1990, p.55).

Daí o sucesso que os intelectuais autoritários despertaram em uma parte de nossa elite dirigente nos anos próximos à Revolução de 30, que, convicta do fracasso de uma democracia, se inspirou nesses intelectuais que, além da base teórica do governo Vargas, também teriam participação no governo.

¹³ Segundo Lamounier (1987).

No Integralismo, os intelectuais (em sua maioria católicos) de todos os escalões, da direção à base, chegaram a formar uma boa parte de seus adeptos, sendo que seus discursos se dirigiam às classes médias. Pécaut assinala que o “Integralismo” não é o mesmo que “totalitarismo”. Pécaut, citando Miguel Reale, define Estado integral como aquele que exprime o fato de “que entre o Estado e o indivíduo se verifica uma cessão recíproca de faculdades em prol à realização de fins éticos comuns” e que “o todo não deve absorver as partes (totalitarismo), mas integrar os valores comuns, respeitando os valores comuns, respeitando os valores específicos e exclusivos (Integralismo)”. (PÉCAUT, 1990, p.67). Pregavam um corporativismo e um Estado fortes, tendendo para um autoritarismo desmobilizador. Paralelamente à ascensão do movimento Integralista, o getulismo ganhava força e cada vez mais adeptos, até que, em 1937, com o Estado Novo, tal movimento se enfraquece por diversas razões.

A Aliança Nacional Libertadora (ANL), fundada em março de 1935 sob a égide do PCB, atraiu também vários intelectuais e membros das classes médias. Proclamou uma aliança aberta a todos os antifascistas e organizou a insurreição armada à maneira tenentista, abrindo também um largo espaço aos militares da reserva e da ativa. Em 1944, permitiu uma aproximação com o getulismo: a ruptura com as origens anarquistas e operárias, rejeição do liberalismo, a insistência nacionalista, adesão ao Estado como agente de transformação.

Embora tenhamos dito que este período foi marcado pela polarização entre intelectuais autoritários e intelectuais democráticos, muitos não se posicionaram nem de um lado nem de outro. Dentre os liberais, havia aqueles que, em nome do anticomunismo, admitiram apoiar o endurecimento do regime. Pécaut cita Armando Sales de Oliveira, que afirma, em 1936, em nome do Partido Constitucionalista, baseado em São Paulo: “A nossa aspiração é uma democracia robusta, dirigida com autoridade, fiscalizada por uma assembléia assídua e vigilante, e apoiada numa forte organização militar” (PÉCAUT, 1990, p.76). Fernando de

Azevedo, também citado por Pécaut, exprimindo as posições das elites liberais dentro da Universidade de São Paulo, afirma: “Temos que substituir a democracia liberal e parlamentar por uma democracia mais próxima da democracia direta [democracia real], não somente política, mas político-econômica, com instituições sindicalistas ou corporativistas obrigatórias”. (PÉCAUT, 1990, p.88).

Travando um diálogo com Miceli, Pécaut critica o esboço metodológico baseado no laço estabelecido pelo autor de *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil* entre a posição individual de origem e as estratégias pelas quais recorriam ao Estado. As circunstâncias de serem herdeiros sem herança não basta para explicar por que esses intelectuais se sentiam investidos de uma missão política. Em um texto publicado em 1990¹⁴, Miceli rechaça tais críticas e aponta para a ausência de conceituação da cultura política: a posição social dos intelectuais. Assim, Miceli acusa Pécaut de realizar uma “história das idéias, em que as opiniões dos autores são tomadas pelo seu valor de face, pelo sentido literal, como indícios de verdade de sua posição e de seu projeto social”. (MICELI, 2001, p.378).

Vimos que o grande debate nos anos 30 se travou em torno da relação Estado e sociedade e da relação entre os intelectuais e o poder. Como é fato, muitos intelectuais aceitaram participar do governo Vargas. É lógico supor que essa escolha, longe de ser a única opção, configurou aceitação dos limites, possibilidades e riscos a que essa atitude poderia levar.

Até que ponto essa decisão afetou a independência intelectual? Pécaut (1990) questiona se devido a este vínculo com o Estado serão os intelectuais capazes de militar a favor da democracia? Para que isso ocorra, é preciso que os intelectuais não se contentem em intervir politicamente, mas reconheçam a dimensão própria ao plano político. Encontramos tipos muito diversificados de relação entre os intelectuais e o regime. Alguns se comportam

¹⁴ Miceli (2001).

como ideólogos do autoritarismo, ocupam funções no Estado, colocam seu talento literário ou artístico diretamente a serviço da política oficial. Outros se contentam em aventurar-se por conta própria em busca do Brasil autêntico, lutar para impor temas nacionais, inventar modos brasileiros de expressão e, havendo oportunidade, apresentar sugestões e pedidos aos governantes e ao seu círculo. Outros, porém, engajam-se resolutamente nas associações, movimentos e ligas que proliferam após 1930.

Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, foi chefe de Gabinete de Gustavo Capanema e simpatizante do Partido Comunista, sem ao menos se “vender” àquela ideologia de Estado. Como realça Antonio Candido¹⁵ :

Carlos Drummond de Andrade ‘serviu’ o Estado Novo como funcionário que já era antes dele, mas não alienou por isso a menor parcela de sua dignidade ou autonomia mental. Tanto assim que as suas idéias contrárias eram patentes e foi como membro do Gabinete do ministro Capanema que publicou os versos políticos revolucionários de *Sentimento do mundo* e compôs os de *Rosa do povo*. (MICELI, 1979, p.74).

Do mesmo modo, Pécaut (1990, p.72) diz: “É, portanto, reconhecido, tanto pelos contemporâneos como pelos historiadores, que o regime de Getúlio Vargas, até mesmo durante o Estado Novo, preservou para os intelectuais, e para os que estavam a seu serviço, uma ampla liberdade de criação”.

Estamos convencidos que o fato de Sérgio Buarque de Holanda ter aceitado cargos públicos deu-se exatamente por essa “liberdade” concedida por parte do Estado. A independência intelectual de Sérgio sobreviveu mesmo tendo sido participante ativo do funcionalismo público, que, aliás, é a trajetória intelectual de quase a totalidade dos intelectuais desse período, e por que não dizer da própria história da intelectualidade brasileira.

Outro traço que marca a história intelectual brasileira, é a forma como os intelectuais ingressaram nas carreiras públicas: por meio da “rede de relações”. No Brasil, a indicação, o

¹⁵ No prefácio de Miceli (1979).

sobrenome, a filiação partidária sempre facilitaram a admissão do postulante a qualquer cargo público. Mérito e competência, definitivamente, não são as características principais para o ingresso no setor público. Esse tema, já discutido em *Raízes do Brasil*, revela um traço importante de nossa cultura: o personalismo e o bacharelismo.

Não obstante, verificamos que, na trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, encontra-se também a rede de relações. Afonso de Taunay, sem dúvida, foi aquele que mais esteve presente na vida de Sérgio. Foi seu professor no Colégio São Bento, indicando seu primeiro artigo, “Originalidade literária”, para publicação. Considerado por Sérgio o “maior historiador brasileiro”, foram amigos durante toda a vida. Sérgio o substituiu no Museu Paulista e ocupou sua cadeira na Academia Paulista de Letras.

Na Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, Sérgio conhece Prudente de Moraes, neto, e Afonso Arinos de Melo Franco, amigos para o resto da vida: “Sérgio jamais foi um estudante assíduo nem interessado”, revelava Maria Amélia¹⁶, sua esposa. Mas foi nesse momento que Sérgio, juntamente com Prudente de Moraes, neto, em meio aos livros da livraria Garnier, onde pesquisavam toda literatura inspiradora do movimento modernista, resolveu fundar uma revista, *Estética*, nome batizado por Graça Aranha, padrinho dessa idéia. Depois, Sérgio torna-se representante da revista modernista *Klaxon*.

A rede de relações pela qual Sérgio percorria levou-o a trabalhar em diversos órgãos públicos, sempre por indicação de um amigo. As indicações revelam dois traços marcantes do historiador: o seu carisma e a sua competência. Essa “rede de relações”, estudada por Miceli (2001), revela que a ascensão social dessa geração deu-se por se valerem do capital de relações sociais, em especial em conjunturas estratégicas, como a educação dos filhos, a

¹⁶ Em uma biografia chamada “Apontamentos para a cronologia de Sérgio”, publicado no site www.unicamp.br/sbh em 2002.

“escolha” dos cursos superiores, o casamento, a nomeação para cargos públicos, etc. Nesse sentido, a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda não difere de outros intelectuais de sua geração. O que difere Sérgio de sua geração, a meu ver, é a gestão eficiente e competente à frente de tais cargos.

Além disso, essa rede de relações possibilitou o acesso de Sérgio a determinados cargos públicos na esfera tanto federal quanto estadual. O período entre 1930 e 1945, segundo dados apresentados por Miceli (2001), foi marcado por ampla formação de um aparato burocrático estatal, configurado pela “construção institucional” que determinou a abertura de ministérios, secretarias, departamentos, conselhos e de uma rede de autarquias e de comissões especiais que, com efeito, possibilitou a ampliação das vagas para o serviço público, seja por meio direto, seja por meio da relação entre o estado-maior executivo e os diversos setores econômicos.

Assim, Sérgio torna-se diretor da Seção de Publicações do Instituto Nacional do Livro (INL), criado e dirigido por Augusto Meyer, amigo e confrade dos modernistas. Nomeado em 05 de junho de 1939, permanece até agosto de 1944. Lá, planejou e dirigiu inúmeras publicações, destacando-se a Biblioteca Popular Brasileira, com cerca de 50 volumes, entre história, literatura e diários de viagem, como o de Lacerda e Almeida, e antologia da poesia colonial brasileira, as poesias de José Bonifácio (o velho), a exposição sobre a vida e obra do mesmo José Bonifácio.

Em 1944, inicia seu trabalho na Biblioteca Nacional, na Divisão de Consulta, assessorando primeiramente Rodolpho Garcia e depois Rubens Borba de Moraes. Foi diretor até 5 de fevereiro de 1946. No tempo em que esteve à frente da Divisão de Consulta da Biblioteca Nacional, Holanda lecionou, em 1945, a disciplina História do Brasil para alunos do curso de Biblioteconomia. Miceli (2001) distingue uma série de cargos ocupados por intelectuais na esfera pública, dentre os quais a de “administradores da cultura e cia.” Nesse

universo, encontra-se Sérgio Buarque de Holanda, no cargo de Diretor de Consulta da Biblioteca Nacional. Para esse cargo, era necessário saber especializado e “incluem-se, entretanto, intelectuais cuja posição funcional é radicalmente distinta tanto do ponto de vista do trabalho que desenvolvem como no que se refere à sua proximidade dos centros de poder”.

Entendemos que todo cargo público é de natureza política. No entanto, os cargos exercidos por Sérgio ao longo de sua vida foram de natureza técnica (além de política), fato que não o difere na história dos intelectuais brasileiros e que faz parte da cultura presente na gestão pública no Brasil. O que difere Sérgio, como já dissemos, é a gestão eficiente à frente desses cargos, como veremos ao longo deste trabalho.

1.5 Os anos 40 e 50 e a profissão de historiador

Depois de muitos anos morando no Rio de Janeiro, retorna a São Paulo em 25 de janeiro de 1946, onde foi nomeado por José Carlos de Macedo Soares, Interventor Federal em São Paulo, para o cargo de historiógrafo do Museu Paulista¹⁷.

Sérgio definia-se como historiador: “Ao menos por inclinação intelectual e também por profissão”. (HOLANDA, 1987e). E revela: “No meu caso particular, a simples orientação para os estudos históricos só podia reforçar minhas antigas relações com Taunay”. (HOLANDA, 1962, p.78). Sérgio considerava a História o “elo primordial das ciências humanas”. (DIAS, 1979).

Sérgio revela que foi em Berlim o despertar para os estudos históricos:

Descobri um livro interessante – ainda tenho vários livros daquele tempo -, um livro do Kant sobre Frederico III. Eu me lembrava que o Nietzsche dizia para ele o grande Frederico era o II, por isso fiquei intrigado e comprei. Não só o primeiro volume – mais tarde, nos Estados Unidos, encontrei o segundo volume num sebo e consegui comprar. O fato é que daí me veio a idéia para esses assuntos históricos, para uma abordagem maior. Eu sempre tive certa curiosidade por isso. (HOLANDA, 2004, p.7).

¹⁷ Conforme Certidão n. 30/62, expedida pelo Museu Paulista em 5 de dezembro de 1962. (Prontuário SBH/USP).

Como dissemos anteriormente, Sérgio Buarque de Holanda não teve uma formação acadêmica em História. Ao escrever as críticas literárias nos diversos jornais, percebe-se certa veia historiográfica, configurada pelo cuidado em contextualizar a obra e o autor, além da rica fundamentação baseada em fontes primárias, muitas delas inéditas. Mas foi a partir de seu ingresso no Museu Paulista que ele pôde dedicar-se plenamente aos estudos históricos. Digo plenamente, pois o interesse pelos estudos históricos vem de sua estada na Alemanha, quando escreveu dois textos que viraram a base do livro *Raízes do Brasil*. Na volta para o Brasil, quando trabalhou na Universidade do Distrito Federal onde foi assistente de Henri Hauser, “um dos mais notáveis historiadores de seu tempo”¹⁸, Sérgio pôde entrar em contato com a pesquisa e com o rigor científico, ensinamentos transmitidos a ele por meio desses historiadores franceses que trabalharam na então Universidade do Distrito Federal.

O papel do historiador foi discutido por Sérgio no artigo “Erudição e imaginação”, quando ele destaca a importância da imaginação tanto para o historiador quanto para o poeta:

Bem sabemos que os fatos nunca falam por si, que o verdadeiro historiador não é apenas o que conseguiu acumulá-los no maior número possível, mas o que soube formular-lhes – a esses fatos – as perguntas realmente decisivas, dando-lhes ao mesmo tempo voz articulada e coerência plausível. (HOLANDA, 1996a, p.234).

O historiador no Brasil, e talvez a intelectualidade como um todo, “nunca chegou, salvo casos isolados e em verdade excepcionais, a absorver a lição de curiosidade, de paciência, de rigor, de zelo crítico, que ensinavam alguns velhos mestres, cumpre ainda menos desdenhá-la ante o apelo de virtudes mais insígnies e menos humildes”. (HOLANDA, 1996a, p.235). A crítica à falta de aprofundamento do historiador brasileiro é amparada pela observação de “ilustre pesquisador norte-americano” que dizia que esses historiadores são, “na sua totalidade, homens incompletos”, pois a imaginação e a pesquisa documental são elementos que não pertencem a uma mesma pessoa. Embora Sérgio dê razão a essa observação, um pouco pesada, mas qualificada, ele pondera, dizendo que o material

¹⁸ Holanda (1979, p.14).

documental de que dispõem os historiadores brasileiros, ainda é pobre e pouco acessível, e a imaginação ainda é mal-educada.

As décadas de 1940 e 1950 são marcadas por uma criatividade cultural que não encontrou paralelo na história da cidade de São Paulo: Fundação do Museu de Arte de São Paulo (1947), MAM (1948), Vera Cruz (1948), TBC (1948), Bienal (1951). Momento em que se reformula a linguagem teatral, cinematográfica e científica. Houve uma ruptura com a sociedade provinciana e conservadora que expelia de seu seio tanto as manifestações eruditas (vistas com signo de ostentação de uma burguesia oligárquica) como as de caráter vanguardistas (Teatro de Arena). Engajar-se, nesta época, significava deixar-se envolver pelo clima de efervescência que acabava penetrando no próprio trabalho intelectual. (BARBATO JR, 2004). Talvez esse “clima” tenha favorecido o retorno de Sérgio à sua terra natal, pois ele sempre esteve próximo das vanguardas e das transformações culturais.

Em 9 de fevereiro de 1950, foi promovido ao cargo de Diretor do Museu Paulista, cargo que ocupou até 30 de dezembro 1958¹⁹, quando ingressou, por concurso, na USP. A indicação partiu de Afonso Taunay, que acabara de aposentar-se neste mesmo cargo. No Museu Paulista, cria as seções de História, de Etnologia, de Numismática e de Lingüística. Em seu regresso a São Paulo Sérgio confessa-se feliz: “São Paulo tornara-se inseparável de minha nostalgia da infância e da mocidade. Não exagero em dizer que essa razão íntima, imaterial, foi o que me seduziu na lembrança”. (HOLANDA, 1962, p.74).

João Ricardo de Castro Caldeira (2005) destaca a ênfase às pesquisas etnológicas dada por Sérgio e por seu colaborador Herbert Bauldus, frente ao Museu Paulista. Caldeira diz também que a principal publicação do museu, intitulada *Revista do Museu Paulista*, teve novos rumos, a partir da direção do historiador, sobretudo através de teses defendidas na USP:

¹⁹ Conforme Documento n. 380 do Museu Paulista, assinado por Herbert Baldus, responsável pela Diretoria do Museu. (Prontuário SBH/USP).

“Ao proceder desse modo, Sérgio Buarque transformou aquele periódico num dos principais veículos de divulgação da produção acadêmica brasileira, antecipando-se ao surgimento de uma imprensa universitária no Brasil”. (CALDEIRA, 2005, p.65).

No período em que esteve à frente do Museu Paulista, Sérgio pôde participar de diversos eventos científicos no exterior. Em 14 de março de 1949, pede afastamento²⁰ para realizar uma viagem de estudo na École Pratique des Hautes Études, na Sorbonne, e no Musée de L’Homme, em Paris. Em 16 de outubro de 1950, pede outro afastamento²¹ para participar, em Washington, do Colóquio Luso-Brasileiro, retornando em 4 de novembro do mesmo ano. Entre 1º de janeiro de 1953 e 31 de dezembro de 1954, requer outro afastamento²², sem prejuízo de vencimentos, a fim de encarregar-se, na Universidade de Roma, do Curso de Estudos Brasileiros.

A partir de 4 de dezembro de 1956, Sérgio afasta-se por setecentos e quarenta dias do Museu Paulista a fim de lecionar, como professor interino, na Cadeira de História da Civilização Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP, já que o horário das aulas chocava com o horário do Museu²³.

José Sebastião Witter (2002), em uma entrevista sobre Sérgio Buarque de Holanda, fez um balanço de sua direção no Museu Paulista, relatando a presença marcante do historiador no museu, configurada pela nova vocação desta instituição para a pesquisa. Embora importante, e até certo ponto prazerosa, Sérgio revela em uma entrevista dada ao Museu da Imagem e do Som (MIS), que o seu trabalho no Museu Paulista era muito burocrático: “Minha letra ficou diferente de tanto assinar papel. E era um problema sempre que alguma

²⁰ Conforme Certidão n. 30/62, expedida pelo Museu Paulista em 5 de dezembro de 1962 e DO de 20-3-49. (Prontuário SBH/USP).

²¹ Conforme Certidão n. 30/62, expedida pelo Museu Paulista em 5 de dezembro de 1962 (Prontuário SBH/USP).

²² Conforme Certidão n. 30/62, expedida pelo Museu Paulista em 5 de dezembro de 1962 e DO de 21-12-52. (Prontuário SBH/USP).

²³ Esse episódio está detalhado no Capítulo 2 “Um intelectual independente na universidade”.

coisa quebrava. O dinheiro chegava em junho, e quando vinha janeiro já tinha acabado. Tínhamos que pagar do próprio bolso”. (HOLANDA, 2004, p.12). De fato, o historiador não gostava de atividades burocráticas, que tomavam muito tempo e não revertiam em produtividade intelectual.

* * * * *

Entendemos que a característica principal de Sérgio Buarque de Holanda é a independência intelectual. Ao resgatar a sua formação, pudemos perceber que a liberdade de pensamento esteve presente desde o primeiro parágrafo de seu primeiro texto. De fato, essa “emancipação intelectual” era a sua maior crítica em relação aos intelectuais brasileiros, sempre interessados pelo que vinha de fora e distantes dos reais problemas do País. Isso mudou, em parte, com o modernismo, corrente artística que procurou (re) descobrir o Brasil, e com o qual Sérgio manteve forte diálogo e intensa proximidade. O modernismo contribuiu para estabelecer esse interesse pelas coisas do Brasil e toda sua diversidade cultural.

A fina escrita e o rigor científico marcam todos os textos de Sérgio Buarque de Holanda e, a nosso ver, são características indeléveis do intelectual independente, que na verdade é um intelectual público, ou seja, aquele que se dirige ao grande público de forma clara e didática, mas consistente.

A relação entre intelectuais e Estado, presente nos anos 30 e 40, levou-nos a repensar até que ponto a independência podia ser sustentada num período de extremo autoritarismo? Em toda sua trajetória profissional, Sérgio Buarque de Holanda manteve uma forte rede de relações que facilitou a obtenção de cargos públicos. Entendemos que a cooptação dos intelectuais pelo Estado vai muito além da simples “ideologia de Estado”, pois serviu para aparelhar esse moderno Estado burocrático que se constituía e, com efeito, necessitava de profissionais que prestassem serviços de qualidade. No caso de Sérgio Buarque de Holanda, os cargos públicos ocupados foram todos de caráter técnico, o que exigia formação acadêmica

e competência. É fato que a rede de relações facilitou esse ingresso, mas a sua atuação à frente desses cargos revelou a seriedade e o compromisso com a coisa pública, atitudes típicas de um intelectual independente, que não se deixou contaminar pela ideologia do Estado.

Ao fazer uma análise da formação intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, pudemos perceber, também, que sua trajetória perpassou a crítica literária e, embora não fosse de total agrado dele, permitiu lapidar sua escrita e ampliar o conhecimento em outras áreas. Daí a idéia de Sérgio Buarque de Holanda – escritor. Isso foi de fundamental importância para a sua formação, pois foi devido a essa trajetória ímpar que permitiu a ele aliar rigor científico e liberdade poética. O uso de metáforas da natureza em seus escritos são a prova cabal dessa aliança.

O encontro com a História marca definitivamente o amadurecimento do escritor. Como foi dito, seus textos, seja de juventude, seja de crítica literária, sempre foram marcados pela análise e contextualização histórica. Ao regressar da Alemanha, no início dos anos 30, Sérgio abraça definitivamente a profissão de historiador, construída ao longo da publicação de alguns textos, tais como *Raízes do Brasil*, *Monções*, *Primórdios da expansão paulista em fins do século XVI e princípio do século XVII*, *Índios e mamelucos na expansão paulista* e *Caminhos e Fronteiras*, além de dezenas de artigos publicados em diversos jornais e revistas. O ingresso no Museu Paulista, em 1946, permitiu ao historiador realizar diversas atividades, tais como: reorganizar esse importante museu, reordenar a publicação dos Anais (revista especializada na área), participar de diversos eventos, entre outros. Com certeza, a atuação à frente do Museu foi uma realização e solidificou a sua escolha pela história, mesmo desgostando do trabalho burocrático.

O recorte realizado neste primeiro capítulo foi do início dos anos 20 até o fim dos anos 50, que culminou mais especificamente no ano de 1956, data de seu ingresso na USP como professor substituto. Concomitantemente às atividades na Universidade de São Paulo, Sérgio

dirigiu o Museu Paulista e ministrou aulas na Escola Livre de Sociologia e Política. Essa fase de transição durou dois anos. Em 1958, assumiu a cátedra de História da Civilização Brasileira, na USP.

A vida acadêmica de Sérgio Buarque de Holanda, na USP, bem como em outras importantes universidades, será abordada no próximo capítulo.

2 Um intelectual independente na universidade

2 UM INTELLECTUAL INDEPENDENTE NA UNIVERSIDADE

É importante saber quando as pessoas nasceram, o que elas fizeram ou estão fazendo; mas isto também é insuficiente. As pessoas não podem ser simplesmente reduzidas a suas vidas e ocupações. A mente é mais do que a matéria. (JACOBY, 1987, p.35)

O objetivo deste capítulo é descrever e analisar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda na universidade. Embora considerado, por nós, como intelectual independente, Sérgio sempre esteve, de uma maneira direta ou indireta, ligado à universidade. Pretendemos, com isso, relacionar o conceito de intelectual independente com a discussão em torno da universidade e todas as possibilidades de trabalho, visibilidade e limites.

Vimos no capítulo anterior que a independência intelectual de Sérgio Buarque de Holanda esteve presente desde a sua formação, principalmente nas linhas e entrelinhas de seus primeiros artigos e de seu livro *Raízes do Brasil*. A formação de escritor, a crítica literária, o movimento modernista e os diversos ofícios públicos só consolidaram sua formação de historiador. Acreditamos que todo esse período só veio reforçar a idéia de liberdade e independência intelectual, razão principal de sua aceitação para determinados cargos públicos. Daí a nossa crença na sua não-cooptação pela ideologia do estado-novista, como foi o caso da maioria dos intelectuais dos anos 30.

Juntamente com suas atividades jornalísticas e cargos públicos, Sérgio também exerceu a função de professor e pesquisador em algumas universidades, como foi o caso da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, e da Escola Livre de Sociologia e

Política, em São Paulo. É nesse momento que o crítico literário, o jornalista e o historiador encontram o professor. Essa função docente será plenamente desenvolvida a partir de 1958 quando Sérgio ingressa como professor catedrático da cadeira de História da Civilização Brasileira, na Universidade de São Paulo, cargo que ocupou em tempo integral durante 13 anos.

Portanto, as questões que se colocam neste capítulo são: Como um intelectual consegue manter sua independência, lapidada e consolidada ao longo do tempo, estando vinculado a uma universidade? Será que a universidade foi capaz de restringir e até mesmo inibir toda a criatividade e vivacidade de Sérgio Buarque de Holanda, sabidamente avesso a qualquer engessamento metodológico e ideológico? Veremos.

É interessante notar como um intelectual independente acaba, por conta das circunstâncias, ligado a esta vida acadêmica. Milliet (1987, p.96), amigo de juventude de Sérgio, sintetiza muito bem a mudança de mentalidade de sua geração: “Não pensávamos em academias [na década de 20], éramos iconoclastas, não raro pelo simples prazer da polêmica, e nunca nos houvera passado pela cabeça que acabaríamos em alguma Academia”.

Depois de militar na crítica literária, ofício que não lhe agradava por completo, Sérgio dirigiu o Museu Paulista ao mesmo tempo em que lecionava na Escola Livre de Sociologia e Política, isto na década de 40 e 50. Em 1956, foi convidado para ser professor-substituto na Universidade de São Paulo. A oportunidade de ingressar na USP parece-me ter duas razões: a primeira pessoal, pois os anos deram maturidade intelectual necessária para esse novo desafio, pois já havia transitado em diversos ofícios, tendo até uma razoável experiência docente no Brasil e no exterior. Em segundo lugar, a universidade passava por um momento de grande expansão e prestígio na época, pois gozava de autonomia e consolidava-se em seu projeto de formar quadros e produzir conhecimento. Em suas próprias palavras, Sérgio justifica sua opção pela academia: “A universidade permite uma liberdade maior, na medida em que a

gente fica no grupo que escolhe. Talvez por isso o ensino tenha sido mais estimulante. Principalmente no exterior. Por que lá, quando o sujeito vai estudar o Brasil, é porque já sabe alguma coisa. Aqui muitas vezes é apenas porque precisa do diploma”. (HOLANDA, 2004, p.12).

O seu contato com a universidade vem desde os anos 20. Formado em Direito pela Universidade do Distrito Federal, Sérgio torna-se professor dessa instituição em 1935, até sua extinção em 1939. Na Alemanha, assistiu às aulas como aluno ouvinte na Universidade de Berlim.

Sua primeira experiência relevante no exterior foi de 17 de junho de 1929 a 13 de janeiro de 1931, na função de correspondente de Assis Chateaubriand. Sérgio embarcou para Alemanha, pelo Cap. Arcona, pretendendo chegar à Polônia e à União Soviética. Em Berlim, a embaixada o indicou para trabalhar na revista *Duco*, redigida em alemão e português, e especializada nas relações teuto-brasileiras. Passou a colaborar na revista *Brasiliannische Rundschau*. Traduziu filmes da UFA, entre os quais *O anjo azul*, estrelado por Marlene Dietrich. A prática do jornalismo, no entanto, o impediu de desenvolver estudos mais elaborados. Essa experiência, diz Eulálio (1993, p.22), “lhe proporcionou um mergulho definitivo, definidor, no campo da Antropologia, da Teoria e da Filosofia da História, da Sociologia e dos Estudos Sociais, e amadureceram nele o Sérgio Buarque de Holanda ‘homem essencial’ da cultura brasileira”.

Na Alemanha, conheceu Thomas Mann (que lhe concedeu uma entrevista), Willy Muzemberg, Chattopandiaya, Henri Guilbeaux, Theodor Daubler. Sem regularidade, assistiu às aulas de história e ciências sociais na Universidade de Berlim, cujo professor era Friedrich Meinecke. Leu Max Weber, o crítico Gundolf, Kafka, Rilke, Hoffmanstahl, Stefan George.

Sérgio viu a ascensão do nazismo e a crise após 1929, que levou à proibição da revista *Duco* e à diminuição da produção da UFA. Isso levou Sérgio a regressar para o Brasil, sem ter chegado à União Soviética, talvez seu maior interesse.

Durante sua estada na Alemanha, remeteu para o Brasil uma série de artigos²⁴ descrevendo e analisando os principais fatos ocorridos nas terras alemãs, bem como em toda a Europa. A volta da Europa levou Sérgio mais uma vez às atividades jornalísticas, só que agora mais amadurecido e confiante. Aqui, pretendeu por em prática sua *Teoria da América*, um caderno de notas de 400 páginas, que escreveu durante sua estada no estrangeiro. Esse estudo é considerado a gênese do clássico livro *Raízes do Brasil*, que foi rascunhando em parte na Alemanha e publicado na revista *Espelho*, em 1935, sob o título de *Corpo e alma do Brasil*²⁵. Nele estavam contidos pelo menos dois dos capítulos de *Raízes do Brasil*, “dele extraído quase intactos, apesar das páginas desordenadas”. (WITTER, 1987).

Ao longo da vida, sempre manteve contato com as universidades estrangeiras, seja ministrando aulas, cursos ou palestras, seja como pesquisador: “Só quando você está longe é que consegue ver seu próprio país como um todo”, dizia Sérgio Buarque de Holanda, numa entrevista concedida a David Graham (1987, p.104). Em outro momento, Sérgio retomou essa observação:

Quando estamos num país estrangeiro vemos nosso próprio país com mais interesse, reparamos na diferença, no choque. Certa vez o historiador americano Lewis Hanke me disse para escrever um livro sobre um país não bastaria ter vivido nele por três meses: ‘Três meses ou mais de dez anos’, ele dizia. Seriam dois livros diferentes, claro. Mas a idéia é que nesses três meses temos o primeiro choque. Depois o contraste vai se perdendo. Digo isso para mostrar como, do estrangeiro, vemos o Brasil de outra maneira. Na Alemanha procurei ver outras coisas do Brasil, confrontar com o que existe lá fora”. (HOLANDA, 2004, p.7-8).

Destacaremos, também, os diversos eventos de que Sérgio Buarque de Holanda participou ao longo de sua carreira acadêmica. Podemos perceber que o contato com as

²⁴ Esses artigos permanecem, em sua maioria, inéditos. Alguns podem ser encontrados no IEB/USP.

²⁵ Este artigo pode ser encontrado na **Revista do Brasil**, v. 3, n.º. 6, de 1987.

universidades, bibliotecas e arquivos estrangeiros contribuíram para sedimentar a já sólida formação de nosso historiador. As “missões estrangeiras” permitiram uma visão muito mais completa de nossa realidade, e o contato com as pesquisas, com os pesquisadores e com as idéias que circulavam pelo mundo, foi filtrado e serviu para repensar a história brasileira e remexer o pó que pairava sobre algumas teses e fatos históricos.

Outro ponto a que daremos destaque, são os diversos eventos dos quais Sérgio Buarque de Holanda participou. Procuramos descrever, detalhadamente, todos esses eventos, inserindo-os no contexto histórico. Acreditamos, com isso, que a recepção do historiador no exterior foi um momento de grande importância para o seu reconhecimento no seu próprio país. Do mesmo modo, a tradução de algumas de suas obras, bem como as dificuldades decorrentes dessas traduções, foi discutida por Santos (1992) num texto comparativo entre Tzvetan Todorov e Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do Paraíso*, por exemplo, embora fundamental, é um livro pouco lido e discutido no Brasil. No exterior, nunca foi traduzido para o espanhol ou para o italiano, de modo diverso de *Raízes do Brasil*, traduzido para diversas línguas, inclusive japonês. As razões para esse insucesso, segundo Santos, são: o desinteresse de Sérgio em montar e aceitar esquemas promocionais para construir uma imagem internacional; o “ensaísmo” de Sérgio oferece a dificuldade, para a tradução, do estilo demasiadamente denso e pesado, e o tratamento técnico de seus trabalhos aparece não no exame de temas nacionais, mas na questão mais circunscrita do tema da fronteira, como é o caso de *Monções*. Todorov, como revela Santos, leu e citou Sérgio em seu texto *La conquête de l'Amérique*, mas não o utiliza como interlocutor, relegando-o a algumas notas esparsas e citações sem discussão, embora haja uma aproximação dos temas entre os dois autores.

Outra causa apontada por Santos (1992) para a pouca recepção no exterior das obras de Sérgio Buarque de Holanda, bem como de outros escritores, é o fato de estarmos na periferia do sistema e, portanto, sermos intelectuais da periferia. Sérgio foi, e é, vítima desse

desencontro, que caracteriza a recepção internacional a intelectuais de periferia, seja à produção teórica e histórico-cultural, seja à crítica de idéias, às obras de cunho interpretativo da ciência social e das humanidades. Mariza Peirano, citada por Santos (1992), observou que a língua portuguesa não corresponde ao único empecilho para o reconhecimento de trabalhos nos países periféricos. A Índia, por exemplo, compartilha da mesma língua de sua ex-metrópole inglesa e tem seus trabalhos pouco difundidos no velho continente. A razão, portanto, é política, e não meramente lingüística:

É possível extrair duas lições da atitude ética, política e intelectual de Sérgio Buarque, à luz das considerações de Antonio Candido. Primeiramente, o intelectual da periferia está destinado ao incômodo papel de buscar acesso no mundo acadêmico estrangeiro através dos 'interstícios' do compacto sistema de atribuição de prestígio e hierarquização de papéis. Ao assumir os papéis, duramente conquistados, terá de ampliar e consolidar as brechas daquele sistema. Em segundo lugar, não caberá adesismos nessa procura de diálogo internacional, isto é, não é legítima a remoção de obstáculos 'a qualquer custo'. Há limites de natureza ética e política para os esforços de participação. (SANTOS, 1992, p.163).

* * * * *

A seguir, veremos a atuação de Sérgio Buarque de Holanda na universidade. Destacaremos quatro momentos importantes dessa fase: a Universidade do Distrito Federal, a Universidad di Roma, a Escola Livre de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo.

2.1 Universidade do Distrito Federal

Nascido em São Paulo, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1921, onde se matriculou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, que ficava na Rua do Catete, onde se forma em 1925.

O primeiro contato trabalhista como professor foi com a mesma Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. A UDF foi criada em abril de 1935 pelo prefeito Pedro Ernesto e pelo secretário da educação Anísio Teixeira. A universidade compreendia cinco

escolas – Ciências, Educação, Economia, Direito e Filosofia, e Instituto de Artes. A jovem universidade mal se consolidava e já conhecia dificuldades. Pedro Ernesto e Anísio Teixeira eram vistos como suspeitos do radicalismo de esquerda pela Aliança Nacional Libertadora. Isso, aliado ao ciúme natural de outras unidades de ensino superior existente no Rio de Janeiro, levou ao afastamento de Anísio Teixeira. A universidade sobrevive até 1939, tendo como novo reitor Afonso Pena Júnior. O Diretor de Filosofia e Letras é Prudente de Moraes, neto, amigo de infância de Sérgio. Neste ano de 1936, pontificou na universidade gente renomada, como os professores franceses Émile Bréhier (Filosofia), Eugene Albertini, Henri Hauser e Henri Tronchon (História), Gaston Leduc (Linguística), Pierre Deffontaines (Geografia) e Robert Garric (Literatura). A proposta de trazer essa “missão estrangeira” foi interessantíssima, pois pôde dar novos rumos aos estudos dessas áreas em solo brasileiro. A experiência dessas “missões estrangeiras” foi aproveitada também pela recém-criada Universidade de São Paulo, em 1934.

Sérgio Buarque de Holanda foi convidado, em 13 de maio de 1936, pela UDF, para o cargo de Professor-Assistente dos professores Henri Hauser e Henri Tronchon, nas cadeiras de História Moderna e Econômica. O contrato, por 12 horas semanais de serviço, era de um ano, terminando em 30 de abril de 1937. No entanto, em 1937, tornou-se Professor Adjunto de História Moderna e Econômica e de Civilização Luso-Brasileira, cargo que ocupou até 1939. Os professores franceses foram trazidos para o Brasil por Anísio Teixeira, primeiro reitor daquela “efêmera” universidade. Sérgio lecionou, posteriormente, as cadeiras de Cultura Luso-Brasileira e de História da América. Em 1938, foi nomeado Professor-Adjunto da Segunda seção didática, cargo que ocupou por apenas um ano.

Os livros *Monções* e *Caminhos e Fronteiras* “foram concebidos e executados em fase posterior ao seu magistério na Universidade do Distrito Federal, onde se iniciara sob a orientação de Henri Hauser nas técnicas de pesquisa sistemática, transpondo para a

investigação documentária o gosto que sempre teve pela erudição”. (EULÁLIO, 1993, p.25). De fato, a passagem pela Universidade do Distrito Federal foi de fundamental importância para a formação do jovem historiador. O contato com os professores franceses, aliado à experiência docente baseada num projeto que primava pela liberdade, despertou em Sérgio o gosto pelas pesquisas históricas, ainda muito superficiais no Brasil²⁶.

No entanto, as dificuldades de manutenção de um projeto pedagógico inovador e autônomo contrariavam os interesses centralizadores e autoritários do Estado Novo. Em 1939, a Universidade do Distrito Federal foi incorporada à Universidade do Brasil, nome da Universidade do Rio de Janeiro desde 1937. Terminara, assim, uma das mais notáveis tentativas de ensino superior ligado à pesquisa, de largos horizontes. (IGLESIAS, 1992).

A UDF deu-lhe visibilidade e reconhecimento. Após essa breve passagem por esta universidade, Sérgio foi convidado inúmeras vezes a viajar para o exterior a fim de proferir palestras ou ministrar algum curso. Foi assim em 1941, quando viajou durante três meses para os Estados Unidos (Nova York, Chicago e Washington), onde estivera alguns meses a convite da Divisão de Cultura do Departamento de Estado.

Nos Estados Unidos, foi professor convidado no cerimonial de formatura dos alunos da Universidade de Colúmbia. Proferiu conferências sobre História do Brasil para os alunos do curso intensivo de português e espanhol na Universidade de Wyoming (Laramie). Na Universidade de Chicago, participou de uma mesa-redonda sobre relações políticas e econômicas latino-americanas, sob os auspícios da *Norman Hait Foundation on International Relations*. Ao que parece, Holanda foi surpreendido por um tema que ele não sabia ao certo,

²⁶ Segundo Caldeira (2002, p.87), é na universidade que veremos a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Antes, o que havia era amadorismo, só depois profissionalismo. No que se refere às Ciências Sociais, a atuação de professores estrangeiros seguidores da linha *funcional-culturalista*, contratados para lecionar Sociologia e Antropologia na Escola Livre de Sociologia e Política e na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) – primeiros centros formadores de profissionais dessas disciplinas no país-, sem dúvida muito influenciou seus discípulos na adoção e emprego dos métodos de investigação culturalista em seus estudos e pesquisa.

tendo que, às pressas, levantar, por meio do Consulado Brasileiro, dados sobre a produção de borracha, fato que “encheu os ouvidos da platéia” e o eximiu de responder a perguntas sobre o assunto. Sérgio relata que o principal resultado dessa viagem aos Estados Unidos foi trazer de volta ao Brasil trabalhos de ciências sociais, especialmente da “Escola de Chicago”, e obras sobre a chamada Nova Crítica. Ele dizia, em tom sarcástico, que queria “surpreender os amigos com o que sabia”, não sobrecarregando nomes e citações de autores pouco conhecidos aqui, “para fortalecer os inseguros e os impressionáveis”. (GRAHAM, 1987, p.109). Lá, realizou, ainda, pesquisas relacionadas a problemas de História, sobretudo da América e do Brasil, especialmente na Biblioteca do Congresso e também na Public Library da cidade de Nova York.

Extinta a Universidade do Distrito Federal, Sérgio passou a trabalhar no Instituto do Livro. Em 1944, passou do Instituto do Livro para a Biblioteca Nacional, dirigindo a Divisão de Consultas. Em 1946, retornou a São Paulo para dirigir o Museu Paulista²⁷.

2.2 Universidad di Roma

Ocupou, dentre 1º janeiro de 1953 e 31 de dezembro de 1954, a então criada cadeira de Estudos Brasileiros (*Studi Brasiliani*), na Universidade di Roma. Em fins de 1954, foi escolhido pela Congregação dessa universidade para reger também a cadeira de História da Literatura Brasileira, criada em caráter efetivo. Embora fixado em Roma, na Via San Marino, n.º 12, viaja por quase toda a Itália e pela França. Nesse período, exerceu diversas atividades, entre as quais: aulas regulares em língua portuguesa para os alunos de português do Instituto de Cultura Ítalo-Brasileiro; curso e conferências paralelamente às aulas regulares, sob o título “Introduzione Allo Studio della Cultura Brasiliana”, pronunciados todas as semanas, de março a junho de 1953; colaborou também no Instituto de Studi Brasiliani.

²⁷ Essa fase foi analisada no Capítulo 1 “A formação intelectual e a escolha pela história”.

Representou a Embaixada do Brasil como membro do Conselho de Administração da Fundação Amerigo Rotellini, cujo objetivo era fornecer bolsas de estudos a brasileiros que pretendessem especializar-se na Itália. Tomou parte em comissões julgadoras encarregadas de conceder o Prêmio Pasquale Petraconi, estabelecido pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, aos melhores trabalhos relativos à contribuição italiana para o desenvolvimento do Brasil.

Fundou o Instituto de Estudos Brasileiros, que funciona em um velho castelo romano – o Antiche Mattei. Esse instituto teve uma atividade intensa, através de cursos de português, conferências sobre assuntos brasileiros, concertos, exposições, palestras, etc.²⁸. Sérgio também se engajou na publicação de cerca de 50 obras pertencentes à literatura brasileira, tais como: “Memórias de um Sargento de Milícias”, “Dom Casmurro”, “Angústia”, etc.

Em Veneza, participou do Congresso da “Société Européenne du Culture”. Em fevereiro de 1954, proferiu palestra no Campidoglio sobre a cidade de São Paulo, em cerimônia realizada em comemoração ao IV Centenário de sua fundação. Essa palestra foi publicada, posteriormente, na “L’Illustrazione Nazionale”. No Lyceum Romano, proferiu conferência a respeito de “L’Italia nello sviluppo e nella vita del Brasile”.

Na Suíça, participa do “Rencontre Internationale de Genève”, e profere uma conferência, seguida de debate, focalizando “Le Brésil dans la Vie Americaine”, dentro do tema “L’Europe et le Nouveau Monde”, a 3 de setembro de 1954. Posteriormente, sua conferência “Le Brésil dans la Vie Américaine”²⁹, é publicado em Neufchatel, no volume “IX Rencontre Internationale de Genève”³⁰. Nestes dias, Sérgio Buarque de Holanda deu duas entrevistas a jornais franceses. No “La Suisse”, do dia 07 de setembro de 1954, falou sobre “Le premier entretien prive – IX Rencontres Internationales”, comentando sobre o positivismo e sua manifestação no Brasil, as influências e as diferenças político-filosóficas

²⁸ **Folha da Manhã**, São Paulo, 16-01-1955. (Siarq/Unicamp).

²⁹ Este artigo também foi publicado no jornal **La Tribune de Geneve**, em 04-05 set. 1954.

³⁰ *Idem*.

entre os Estados Unidos e a América Latina. No “La Tribune de Geneve”, do mesmo dia, Holanda concedeu uma entrevista intitulada “Le second entretien prive”.³¹ Foi eleito membro do comitê do Internacional Council of Museum (ICOM) e, como tal, participou, em 1954, de uma reunião no Louvre, em Paris.

Aproveitando sua estada na Itália, pesquisou no arquivo do Vaticano, na Biblioteca Nacional e no “Archivio di Stato”, em Florença: “Instigado por um compromisso com José Olympio, Holanda aproveitara sua estada como professor na Universidade de Roma para pesquisar o acervo da Arcádia Romana – vindo a demonstrar sua superior influência sobre o Arcadismo mineiro - e ler exaustivamente, como se verifica pela bibliografia, os árcades italianos e os seus estudiosos”. (GALVÃO, 2001, p.474).

Um desses artigos, até então inédito, foi publicado recentemente em edição bilíngüe em razão dos cem anos de nascimento do historiador. Intitulado “A contribuição italiana para a formação do Brasil” (*Apporto italiano nella formazione del Brasile*)³², esse pequeno livrinho é fruto de uma palestra de Aniello Ângelo Avella, dada na Universidade de Santa Catarina. Avella (2002, p.23), que prefaciou o livro, explica que tal artigo foi “uma espécie de carinhosa despedida da Cidade Eterna, que acolhera Sérgio Buarque com calor e respeito, e de uma síntese das pesquisas em bibliotecas e arquivos italianos dos quais havia extraído excepcional bibliografia da qual surgiram *Visão do Paraíso* (1959), numerosíssimos ensaios publicados, em parte, em jornais e revistas nos ensaios imediatamente sucessivos”³³.

Visões do Paraíso, como é sabido, foi a tese de cátedra de Sérgio, apresentada junto à USP. *Capítulos da Literatura Colonial* ficou guardado na gaveta e só depois de sua morte encontrado e entregue a Antonio Candido para revisão e publicação. Embora inacabada, tal obra apresenta um profundo estudo sobre o panorama literário brasileiro na época colonial.

³¹ As duas entrevistas podem ser consultadas no Siarq/Unicamp.

³² Holanda (2002).

³³ Tais artigos podem ser encontrados em Holanda (1996a).

Segundo Candido, “uma obra inacabada, referente na maioria absoluta à épica e ao Arcadismo, em redação praticamente definitiva”. (HOLANDA, 1991, p.22).

Avella destaca o profundo conhecimento do historiador brasileiro sobre os autores italianos, tanto clássicos quanto modernos. Esse artigo apareceu primeiramente na revista *Ausonia* (v.9, n.5, p.9-20, set./out. 1954)³⁴. Já em suas primeiras linhas, vê-se uma apologia à grandiosidade do Brasil (maior país das Américas; maior rio do mundo, o Amazonas; população que cresce mais do que em outros lugares; a baía mais bonita e imponente do mundo, a Guanabara). São lugares-comuns que parece servirem mesmo de apresentação do Brasil aos estrangeiros. É de se estranhar, dado que Sérgio não é afeito a tais ufanidades, ou que ele tenha-se prestado a tal falta de originalidade. Estranhamento confirmado ao ler o fim desse parágrafo: “Se toquei, no início, nessas teclas, foi para render, eu também – americano e brasileiro -, minha homenagem a esse mal de origem e dele me liberar, sabendo que existem outros problemas mais dignos de exame”. (HOLANDA, 2002, p.47). A partir daí, seguiu a discussão dos principais problemas brasileiros oriundos da implantação da colonização portuguesa: “Problemas ligados à introdução, no Brasil, de costumes, idéias, normas de vida e instituições [...]”. (HOLANDA, 2002, p.47). Sérgio destacou também a explicação para a singularidade brasileira, país embora colonizado por um dos povos ibéricos, apresenta mais semelhança aos povos europeus do que aos irmãos do sul. Sérgio então explicou as diferenças da colonização portuguesa e da colonização de outros povos europeus, destaque dado aos italianos (navegadores e mercadores como genoveses, venezianos, entre outros). Ainda em tom didático, Sérgio caminhou pela superficialidade que apresenta a visão portuguesa dos

³⁴ Segundo Avella (2002, p.19), “[...] o número é totalmente dedicado ao Brasil e Sérgio Buarque de Holanda, que é seu organizador, apresenta aos leitores um rico panorama de contos e ensaios mais ou menos conhecidos na Itália, entre os quais Machado de Assis, José Lins do Rego, Sérgio Milliet, Barreto Filho, junto a uma ‘Antologia Mínima’ de poesias ‘quase todas inéditas para os brasileiros’, como se lê à p. 67, compreende líricas de Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Ledo Ivo”.

índios (mediante análise da carta de Caminha) que os apresenta como “seres dóceis, simples e belos”, mas que deveriam ser “salvos”.

A contribuição italiana na formação do Brasil inicia-se no campo econômico, por meio de alguns italianos que administraram negócios em São Paulo e Pernambuco. Em todo o texto, pululam citações de fontes que fundamentam seu argumento e dão realismo e vivacidade aos fatos históricos. Tais fontes são cartas datadas dos séculos XVI e XVII e documentos, alguns ainda inéditos, pesquisados nos arquivos italianos. A simpatia pela língua italiana no Brasil, por exemplo, é explicada como uma reação ao espanholismo, rivalidade iniciada após a separação de Portugal do reino de Castela. A língua italiana está presente nos ambientes mais cultos da Colônia, dando prestígio àqueles que a sabem usar, como foi o caso de alguns poetas e escritores: “Graças ao contato com os italianos, os portugueses imaginavam poder alcançar, no campo literário, a mesma independência que, nos confrontos com a Espanha, já haviam conquistado no campo político desde 1640”. (HOLANDA, 2002, p.97).

A segunda metade do século XVIII é marcada pela educação dada aos literatos brasileiros “quase todos educados sob a influência de uma instituição importada da Itália, as academias italianas, e ainda de outra criação italiana, a Arcádia, um sentimento de maturidade que não tardará a passar das letras à política”. (HOLANDA, 2002, p.105). A Arcádia influenciará diretamente nos destinos do Brasil, pois algumas das figuras mais importantes desse período tinham uma ligação com essa instituição, como foi o caso da Inconfidência Mineira, que tinha poetas árcades e o Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada, cientista e poeta, que na Arcádia se chamava Américo Elísio.

Ao revelar a influência italiana na história e na pré-história brasileira, Sérgio finalizou seu artigo, em tom conciliador:

E estou convencido de que no fundo, e na origem de um influxo tão persistente, deve existir não uma escolha aleatória, mas uma afinidade essencial e inelutável. É essa, acredito, além de muitas outras, uma razão poderosa para que se estimule o conhecimento recíproco entre dois povos, duas culturas tão distantes entre si no espaço, mas tão próximas nas suas raízes comuns e seculares. (HOLANDA, 2002, p.109).

Sérgio tratou da influência italiana até o século XVIII, deixando de lado a importância da imigração italiana que se inicia em fins do século XIX e início do XX, que marcou a cultura brasileira, principalmente a cultura paulista e sulista. As razões para isso podem estar na grandiosidade do tema e até na farta bibliografia, o que inviabilizaria os limites de um artigo. Parece-me que a intenção do historiador tenha sido mesmo escarafunchar fatos até então desconhecidos do grande público, tanto brasileiro quanto italiano, e traçar um panorama bem amplo e superficial da história brasileira, mesmo porque são esses os objetivos de um artigo, limitado a poucas páginas.

Carlos Alves de Souza, embaixador brasileiro na Itália, reitera, em uma carta, a importância da estada de Sérgio Buarque de Holanda neste país, que abriu portas para que o Brasil passasse a figurar como um tema de pesquisa no velho continente, e lamenta o término desse vínculo, deixando claro que o “substituto” do professor Sérgio deveria ter a mesma envergadura intelectual: “Desde sua chegada, o professor Buarque de Holanda entrou em contacto estreito e quotidiano com os meios universitários e culturais italianos e onde soube impor-se à estima e à admiração de seus colegas italianos”.³⁵

A estada na Itália permitiu ao historiador Sérgio Buarque de Holanda o contato mais íntimo com alguns dos principais arquivos e bibliotecas da Europa. Assíduo frequentador desses ambientes, pôde, devido à sua grande curiosidade e paciência, resgatar muitos documentos inéditos que iriam compor o arcabouço teórico de algumas de suas obras e diversos artigos que frutificaram durante esse período.

³⁵ Esta carta pode ser encontrada no Siarq/Unicamp.

2.3 Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP)

A ELSP foi fundada em 27 de maio de 1933³⁶, e permaneceu como uma instituição de ensino e pesquisa, complementar da Universidade de São Paulo. Tinha como objetivo formar a “elite instruída sob métodos científicos apta a estabelecer as ligações do homem com o meio social”, concebida como uma elite administrativa e empresarial. (CARDOSO, 1982, p.157).

No Manifesto de Fundação da ELSP³⁷, lê-se uma crítica direcionada à falta de uma “elite numerosa e organizada, instruída sob métodos científicos, a par das instituições e conquistas do mundo civilizado, capaz de compreender, antes de agir, o meio social que vivemos”. O povo, diz o manifesto, “sente-se mais ou menos às tontas e vacilante”, mas falta-lhe a “mola central de uma elite harmoniosa, que lhe inspire confiança, que lhe ensine passos firmes e seguros”. E por fim, explica tal manifesto:

Falta em nosso aparelhamento de estudos superiores, além de organizações universitárias sólidas, um centro de cultura político-social apto a inspirar interesses pelo bem coletivo, a estabelecer ligação do homem com o meio, a incentivar pesquisas sobre as condições de existência e os problemas, vitais de nossas populações, a formar personalidades capazes de colaborar eficaz e conscientemente na direção da vida social. (p.151).

A ELSP vem preencher essa lacuna evidente.

Assinaram esse manifesto cerca de 100 pessoas, entre diretores das diversas faculdades de São Paulo, jornalistas e intelectuais. Nesse período, segundo o Anuário da ELSP (1947, p.5),

os fundadores, elementos da escola intelectual paulista, impressionados com o malogro de todas as tentativas de reorganização da vida econômica e política do País, perceberam que os insucessos resultavam do desequilíbrio entre o ritmo acelerado do nosso progresso material, gerador de múltiplos e complexos problemas, e o nosso incompleto aparelhamento de ensino ao qual faltava uma escola que disseminasse os conhecimentos indispensáveis aos elementos que pretendesse cooperar com os órgãos da administração pública no estudo e solução dos problemas nacionais.

³⁶ A ELSP foi reconhecida em 6-9-1946, por meio do Decreto-Lei 9876, de acordo com o parecer n.º 243, aprovado por unanimidade pelo Conselho Nacional de Educação na sessão de 27-12-1944.

³⁷ Conforme Anuário da ELSP, de 1947, p. 150.(CEDOC/FELSP).

A ELSP foi organizada nos moldes dos institutos congêneres europeus e americanos.

Segundo o Anuário, de 1947, a ELSP é destinada a:

I – Proporcionar conhecimentos objetivos sobre a origem, funções e necessidades do meio social;

II – Formar, assim, um grupo numeroso de indivíduos que pudesse não só colaborar eficaz e conscientemente na solução dos problemas da administração pública e particular, como também, eventualmente, orientar o povo e a nação no reajustamento indispensável ao moderno equilíbrio social.

Para alcançar tal escopo, a Escola organizou:

a) Cursos letivos sistematizados; b) Conferências em séries ou avulsas sobre assuntos da atualidade; c) Aulas práticas nas disciplinas ensinadas; d) Publicações impressas para a divulgação dos trabalhos científicos realizados por seus professores e alunos; e) Uma Biblioteca e Arquivo especializados sobre ciências sociais e conexas; f) Um movimento permanente de intercâmbio cultural com organizações análogas e estrangeiras, e g) Bolsas de estudos e estágios de especialização para os alunos mais esforçados.

Em 1947, Sérgio iniciou suas atividades junto à ELSP, onde permaneceu até 1957. Foi responsável pela Cadeira de História Econômica do Brasil, lecionada anteriormente por Roberto Simonsen, e, em 1955, também pela Cadeira de História Social e Política.

No período em que lecionava na ELSP, Sérgio ausentou-se várias vezes para realizar viagens ao exterior. Em novembro de 1949, afastou-se da ELSP para participar, sucessivamente, de três Comitês da UNESCO em Paris, relacionados com matérias de sua especialidade, e pronunciou, entre abril e maio, uma série de conferências na École Pratique de Hautes Études, da Sorbonne. Prestou colaboração ao Musée de l'Homme de Paris, a convite de seu diretor, Paul Rivet, na organização do material referente ao Brasil. Participou,

em maio desse mesmo ano, de um comitê – composto por representantes de oito países -, organizado pela Unesco, com o fito de discutir o conceito de democracia. Em novembro, retornou à Europa, a convite da Unesco, para participar de dois outros comitês, em Paris. Um, para estudar os contatos entre as civilizações e culturas e, outro, para discutir a possibilidade de tradução de obras representativas de diferentes localidades. O resultado do trabalho consta no volume impresso pela Unesco sob o título “Interrelations of Cultures. Their Contribution to International Understanding, e uma edição francesa intitulada “L’Originalité des Cultures”.

Em 1950, afastou-se novamente para participar de um seminário na Universidade de Colúmbia. Participou, também em 1950, do Primeiro Colloquium de Estudos Luso-Brasileiros, reunidos em Washington. Nos Estados Unidos, pesquisou na Biblioteca do Congresso e na Biblioteca Pública de Nova York. Participou de seminário, juntamente com a Prof.^a Alice P. Canabrava, na Universidade de Colúmbia, a convite do Professor Frank Tennembaum. Na volta dos Estados Unidos, passou pela Europa, visitando França, Espanha e Portugal, onde efetuou pesquisas no Arquivo Ultramarino, na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional, no setor de “reservados” e na Coleção Pombalina. Estas pesquisas seriam importantes para desdobrar a sua obra *Monções*. Em 1954, participou do IX Rencontres Internationales de Genève, onde fez uma conferência seguida de debates, sobre o tema “L’Europe et le Nouveau Monde”, publicada no mesmo ano pelas edições de *La Baconnière*, em Lausanne, Suíça.

Matriculou-se, em 4 de agosto de 1956³⁸, na Escola Graduada em Ciências Sociais, da ELSP, a fim de obter um título acadêmico pós-graduado, exigência para prestar o concurso de cátedra da USP. Para ingressar como aluno regular, Sérgio realizou várias provas e trabalhos. A prova de “Língua Inglesa” foi uma tradução de um trecho de “Plural and Differential

³⁸ Conforme Requerimento de Matrícula. (CEDOC/FESPSP).

Aculturaltive in Trinidad”, de Daniel J. Cronwley, artigo da Revista *American Anthropologist*, de 1957. Essa prova foi aplicada pelo Prof. Octávio da Costa Eduardo que lhe atribuiu a nota 9,0. Essa prova foi aplicada pelo Prof. Herbert Baldus, que lhe atribuiu a nota A. A melhor nota recebida na prova de Língua Alemã se deve, talvez, à familiaridade maior do historiador com essa língua, já que passou dois anos na Alemanha.

Sérgio, ao que parece, levou com muita seriedade esse curso de pós-graduação, impressão comprovada pela qualidade de seus trabalhos e pelas notas recebidas. Os trabalhos³⁹ escritos para as disciplinas são ensaios rigorosos, fundamentados, muitas vezes, em bibliografia em língua estrangeira (alemão, francês, inglês e espanhol), atas e outras fontes presentes em documentos históricos colhidos nos mais diversos arquivos no Brasil e no exterior.

Para a disciplina “História Social do Brasil”, ministrada pelo Prof. Octávio da Costa Eduardo, Sérgio apresentou o trabalho intitulado “São Vicente e as ‘Índias de Castela’”. Recebeu nota A+. Em outro trabalho para a disciplina “História Social do Brasil”, Sérgio apresentou o trabalho “Formação de uma vila sertaneja”, e recebeu também a nota A+.

O Prof. Herbert Baldus foi responsável por cinco disciplinas, atribuindo-lhe nota “A” em todas. Para a disciplina “Índios da América do Sul”, Sérgio apresentou o trabalho “Índios do Brasil – os paiaguá”. Para a disciplina “Problemas de Aculturação”, apresentou o trabalho “As canoas de casca”. Para a disciplina “Índios do Brasil”, entregou o trabalho intitulado “Os caiapó do Sul”. Para a disciplina “Problemas de Mudança Cultural”, entregou o trabalho “Das piperis às balsas jesuíticas”. Por fim, para a disciplina “Pesquisas no Brasil – leituras sistemáticas”, apresentou o trabalho “João Emanuel Pohl e os viajantes do segundo decênio do século XIX”. Para a disciplina “Pré-história da Europa”, ministrada pelo prof.º Fernando

³⁹ Todos os trabalhos entregues encontram-se no Dossiê SBH. (CEDOC/FESPSP).

Altenfelder Silva, apresentou o trabalho “Pensamento e arte na Pré-História”. Não foi possível encontrar a nota desta disciplina.

Em 30 de julho de 1958⁴⁰, Sérgio Buarque de Holanda submeteu-se ao exame “comprehensive”, espécie de “qualificação”, para obter o grau de Mestre em Ciências Sociais, tendo sido aprovado em todas as disciplinas acima.

No dia 04 de julho de 1958⁴¹, defendeu a tese intitulada *Elementos formadores da sociedade portuguesa na época dos descobrimentos*⁴², e recebeu o grau de Mestre em Ciências Sociais. Participaram de sua banca examinadora os professores Herbert Baldus, Fernando Altenfelder Silva, Lolita Almeida e Octavio da Costa Eduardo.

A experiência docente na ELSP, que durou quase 10 anos, trabalho que realizou concomitantemente com a Direção do Museu Paulista e com a coluna de crítica literária do “Diário de Notícias”, foi uma das fases de maior produção científica de Sérgio. A consagração como o maior historiador brasileiro veio no seu ingresso na Universidade de São Paulo e com a publicação de *Visões do Paraíso*, como veremos a seguir.

2.4 Universidade de São Paulo (USP)

Criada em 1934, a Universidade de São Paulo inicia-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras concebida como centro de altos estudos e da cultura livre e desinteressada, um lugar de produção da cultura filosófica, científica, literária e artística. Tinha como objetivo, também, a formação das elites dirigentes de São Paulo e da nacionalidade. Além disso, foi definida, embora de maneira vaga, no projeto, a *função social* da universidade, qual

⁴⁰ Conforme documento da Divisão de Estudos Pós-Graduados. (CEDOC/FELSPSP).

⁴¹ Idem.

⁴² Essa dissertação está sendo analisada por Edgar de Decca, que acredita na hipótese de ela não ter sido escrita por volta de 1956, e, sim, nos anos 30, período em que esteve na Alemanha. A cópia, em mimeógrafo a álcool, tem 160 folhas.

seja, a de atender à variedade e *necessidades* dos grupos sociais. (CARDOSO, 1982). Para Pécaut (1990), a formação de uma “elite dirigente” implicava não só o respeito por uma hierarquia social, herdada ou adquirida, mas determinava também a teorização da política como competência: a arte de governar relaciona-se com o saber científico.

Dentre suas experiências acadêmicas, aquela mais intensa para Sérgio Buarque de Holanda foi, sem dúvida, na Universidade de São Paulo. Já consagrado como um dos mais importantes historiadores do Brasil, Sérgio é convidado a ingressar como professor-substituto na Cadeira de História da Civilização Brasileira, em 1956. No entanto, seu contato com a USP vem desde 1949, quando participava de bancas de argüição de teses de doutorado, livre-docência e cátedra, nas áreas de História, Política e Economia.

Em um debate sobre Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido relata a seguinte história sobre seu ingresso na USP:

O professor de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo era Alfredo Ellis Júnior, que se afastou devido a graves problemas de saúde. Foi então que o nosso falecido amigo Lourival Gomes Machado, professor de Política, teve a idéia de chamar Sérgio, que foi contratado. Mas quando se tratou da efetivação, surgiu um impedimento legal: formado em Direito, Sérgio não podia fazer o concurso, porque a matéria não constava do seu currículo superior. Recorreu-se então ao seguinte: Sérgio se inscreveu no curso de mestrado da Escola de Sociologia e Política, na próxima matéria que ensinava, e cada semana um professor era convidado para dar aulas que ele ouvia junto com os estudantes. No fim apresentou um trabalho, recebeu o grau e pôde inscrever-se no concurso da Faculdade de Filosofia. (CANDIDO, 1992, p.86).

Lecionou na USP como Professor Catedrático Interino da Cadeira de História da Civilização Brasileira, a partir de 4 de dezembro de 1956⁴³, quando o professor Alfredo Ellis sofreu um enfarto e, dolorosamente, aposentou-se⁴⁴. Ocupou este cargo até 1958, quando foi aberto concurso para esta cátedra. Este cargo foi oferecido a Sérgio Buarque de Holanda em 29 de agosto de 1956, por Eurípides Simões de Paula, que queria o início desta atividade em 1º de setembro⁴⁵. No entanto, o historiador não pôde assumir tal cargo naquele momento, pois

⁴³ Conforme Portaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP, de 11-12-56. (Proc. 11797/56, fl. 16).

⁴⁴ Conforme Informação Reitoria da USP n.º 2069/56, de 11-12-56 e DO de 8-12-56.

⁴⁵ Conforme Proc. 11787/56, fl. 2.

já ocupava um cargo público (Diretor do Museu Paulista) e não houve compatibilidade de horário, sendo o pedido do diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras negado pelo Governador⁴⁶. Mas em carta de Eurípides Simões de Paula, endereçada a Sérgio, o Diretor explica que o ofício encaminhado ao governador não especificou o horário, que seria da seguinte maneira: das 14h às 17h, aulas e seminários a cargo do Assistente e, das 17h às 19h, aulas a cargo do Dr. Sérgio Buarque de Holanda⁴⁷. Parece-me, por meio da análise de algumas comunicações, que houve problemas de “acumulação de cargo”, já que as duas funções que o historiador pretendia exercer, Diretor do Museu Paulista e Professor Interino, são públicas, devendo ser analisada pela Comissão de Acumulações. Em novo ofício⁴⁸, o Diretor da FFCL encaminha ao Presidente da Comissão de Acumulações o novo horário do professor Sérgio, a saber: segunda, das 15h às 16h, no 4º ano, curso regular, das 16h às 17h, no 4º ano, Especialização – Orientação/Trabalhos-Seminários; terça, das 16h às 19h, no 2º ano diurno, duas aulas e um Seminário, das 19h às 20h30, no 2º ano noturno, duas aulas e um Seminário; sexta, das 14h às 17h, 3º diurno, duas aulas e um Seminário, 20h às 23h, no 3º noturno, duas aulas e um Seminário. O Diretor faz lembrar que o horário do interessado como Diretor do Museu Paulista é pela manhã.

O parecer⁴⁹ final afirma que o “Cargo de Diretor do Museu Paulista, é de natureza técnico-científica, não podendo ser ocupado por pessoa se não de conhecimentos especializados, entre outros, de História. O outro cargo é de Magistério, sendo evidente a correlação de matérias. Todavia, acumulação não foi admitida por incompatibilidade de horário, visto que, nas sextas-feiras, o interessado deverá estar às 14 horas no Museu e na Faculdade”. Como foi esclarecido que o horário das sextas-feiras estava errado, a Comissão de Acumulação de Cargos decide pela legalidade da acumulação. Como o cargo de interino é

⁴⁶ Conforme DO de 2-10-56.

⁴⁷ Conforme Proc. 11787/56, fl. 5.

⁴⁸ N.º 2638, de 5-9-56 (Proc. 11787/56, fl. 6).

⁴⁹ Comissão de Acumulação de Cargos, processo GG-4316/56, parecer 498, de 19-10-56, DO de 28-10-56. (Proc. 11787/56, fls.8-9).

de tempo integral⁵⁰, Sérgio teve de pedir afastamentos⁵¹ do Museu Paulista no tempo em que ministrou aquela cadeira interinamente.

Em 13 de setembro de 1958, Sérgio comparece⁵² à Secretaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP com um requerimento solicitando inscrição ao concurso para provimento efetivo da Cadeira de História da Civilização Brasileira⁵³. Com o requerimento, ele apresentou os documentos exigidos pelo regulamento do concurso, além da tese intitulada “Visão do Paraíso – Os motivos edênicos do descobrimento do Brasil”, e comprovantes de sua atividade profissional⁵⁴ e cultural, cerca de 43, além de 16 cópias de trabalhos impressos⁵⁵.

Às 13h do dia 10 de novembro de 1958, a Comissão Julgadora, composta pelos Professores Eurípides Simões de Paula e Eduardo D’Oliveira França, representando a Congregação da Faculdade, Afonso Arinos de Melo Franco, José Wanderley de Araújo Pinto e Hélio Viana, escolhido pelo conselho Técnico-Administrativo e pelo Senhor Diretor da Faculdade, Prof. Dr. Paulo Sawaya, dão início ao concurso. Há relatos do constrangimento dos avaliadores em exigir experiência docente e em pesquisa a um homem do quilate de Sérgio Buarque de Holanda, mas era assim que rezavam as normas na universidade naquele tempo. Soares Amora afirma, na época, estar inconformado com a estrutura da universidade, “exigir de homens da estatura intelectual e do saber de Sérgio Buarque de Holanda um concurso de provas”⁵⁶.

⁵⁰ Conforme Parecer n.º 156/56 da Comissão Permanente de Tempo Integral, de 30-11-56. (Proc. 11787/56, fl. 14).

⁵¹ Conforme Ofício 2575, de 13-09-57. (Proc. 11787/56, fl. 21).

⁵² Em entrevista, Sérgio revela que se ele não prestasse o concurso de Cátedra, seria demitido. (HOLANDA, 2004, p.5).

⁵³ Processo RUSP 757/58.

⁵⁴ Para poder inscrever-se, Sérgio teve de comprovar experiência docente. Foi então convidado, no dia 13 de dezembro de 1955, para ministrar aulas na FFCL de Sorocaba, na cadeira de História do Brasil. Sua nomeação, feita por Dr. Dom Beda Cruse, diretor desta Faculdade, data de 15 de março de 1956.

⁵⁵ Ver Anexo 1 – Termo de Inscrição do Dr. Sérgio Buarque de Holanda ao Concurso de História da Civilização Brasileira.

⁵⁶ Universidade de São Paulo. Administração. Processo 757/58. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Curriculum Vitae, de 15 set 1958,

A primeira etapa foi a prova escrita. Foi sorteado o ponto de n. 13, “A conquista da paz interna e a conciliação política”, de um total de 20 pontos. Às 15h, inicia-se a prova escrita encerrando-se às 20h50. A prova foi escrita à mão e contém 26 páginas⁵⁷.

Às 13h do dia 12 de novembro de 1958, no salão nobre da Faculdade, realizou-se, em sessão pública e solene, a defesa de tese apresentada pelo candidato, intitulada “Visão do Paraíso”. Depois se procedeu à arguição dos membros da banca.

Às 19h30 do dia 13 de novembro de 1958, na sala do Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, realizou-se o sorteio da prova didática, com 20 pontos. Foi sorteado o ponto número 19, “Técnicas rurais e sua evolução no Brasil: indígenas e contribuição adventícia”. Às 19h30 do dia 14 de novembro de 1958, no salão nobre da Faculdade de Ciências e Letras, localizada na Rua Maria Antonia, 294, foi realizada a prova didática, e logo após a leitura da prova escrita. Em seguida, passou-se à verificação das notas atribuídas às diversas provas do concurso, conforme transcritas abaixo⁵⁸:

Avaliadores	Títulos	Prova Escrita	Defesa de tese	Prova didática	Média
Prof. Afonso Arinos de Melo Franco	10	9,0	10	9,0	9,5
Prof. Hélio Viana	10	9,0	10	9,5	9,5
Prof. Wanderley Pinho	10	10	10	10	10
Prof. Eduardo D’Oliveira França	9,5	9,5	10	10	10
Prof. Eurípedes Simões de Paula	10	10	10	10	10

Houve um examinador, diz Linhares (1987) sem mencionar o nome, que criticou a feitura da tese, atribuindo-lhe, antes, a qualificação de ensaio, “por não esgotar a respectiva matéria”, e na interpretação do mito e sua função nos móveis de expansão marítimo-mercantil portuguesa.

⁵⁷ A cópia desta prova está no Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda”, da USP, na pasta 10 da hemeroteca. Trechos foram publicados na **Folha de S. Paulo**, de 19-04-1992, cad. 5, p.8.

⁵⁸ Conforme Ata do Concurso e Relatório da Comissão Julgadora. (Proc. 17839/58, fls. 3-4).

No dia 14 de novembro de 1958, foi decretado o seguinte resultado: “A vista destes resultados foi o candidato aprovado com distinção e a comissão julgadora indica-o para a regência efetiva, em regime de tempo integral, da Cadeira de História da Civilização Brasileira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”⁵⁹.

Sua nomeação foi assinada por Maria José Villaça Vessoni, reitora da USP, no dia 3 de dezembro de 1958⁶⁰, e pelo então Governador Jânio Quadros, em 18 de dezembro de 1958⁶¹, e consta no Diário Oficial, fls. 2 do decreto 18, de 19 de dezembro de 1958, e retificado no Diário Oficial de 20 de dezembro de 1958.

O ingresso na universidade, exatamente neste período, coincidiu com o momento de maturidade intelectual do historiador e o momento de grande prestígio da universidade pública. Os anos 60 foram para Marcelo Ridenti a era do “romantismo revolucionário”, período de grandes mudanças no campo cultural, sexual, costumes, político, juntamente com a emergência da mídia. Para ele, as

Universidades, jornais, rádios, televisões, agências de publicidade, empresas públicas e privadas tendem a fornecer ótimas oportunidades a profissionais qualificados, dentre os quais se destacavam os que consideravam de esquerda, expoentes da cultura viva do momento imediatamente anterior. (RIDENTI, 2003, p.204).

Assim, para Sérgio Buarque de Holanda, a USP seria a possibilidade de realizar um trabalho acadêmico que conciliasse as coisas mais importantes para um profissional: pesquisa e orientação.

Na Cadeira XXVIII, História da Civilização Brasileira, Sérgio pôde reorganizar todo conteúdo programático e a bibliografia disponível. No Anuário de 1959⁶², consta como Professor-Assistente a Dra. Myriam Ellis e Auxiliar de Ensino a Lic. Maria Thereza Schorer Petrone. O programa está ordenado por ano, sendo que o 2º ano teve como assunto “A mineração no Brasil Colonial”, o 3º ano “Da conciliação à Guerra do Paraguai”, História do

⁵⁹ Conforme Relatório da Comissão Julgadora. (Proc. 17839/58, fls. 3-4).

⁶⁰ Conforme Informação n.º 1869/58, do Proc. 17839/58, fl. 6.

⁶¹ Conforme Proc. 17839/58, fl. 7.

⁶² Consultado na “Área do Aluno” no Setor Administrativo da FFLCH, da USP.

Brasil para o 4º ano, com o tema “Monções” e o curso de História do Brasil para o curso de Geografia, a cargo do Lic. Odilon Nogueira de Mattos. Ao que parece, esse plano, com os respectivos tópicos, durou os anos de 1960 e 1961. Em 1962, ocorrem algumas mudanças. O tema para o 2º ano é “Dos fins do Período Colonial à fundação do Império”. O 3º ano é “Da queda do Gabinete Zacarias de Góes ao advento da República”. “O Café no Brasil Colonial” é o tema do 4º ano e a disciplina História do Brasil para o Curso de Geografia permanece igual. Este programa permaneceu até 1964. A partir de 1965, não consta mais o nome do Catedrático, do Professor-Assistente e do Auxiliar de Ensino. Também não há divisão por série, aparecendo somente os temas “História Colonial – Expansão Geográfica do Brasil Colonial” e “História do Império – O Primeiro Reinado e a Desagregação da Herança Colonial”. Este programa permanece até 1967. Em 1968 e 1969, novamente há alterações no programa: Tema I: “O Brasil - Colônia num mundo em transformação – De Pombal ao Retorno de D. João VI” e Tema II: “Brasil Independente – A ordem conservadora do Segundo Reinado”.

No entanto, os Diários de Classe consultados constam que Sérgio Buarque de Holanda lecionou as seguintes disciplinas: História da Civilização Brasileira 2 (Colônia), História da Civilização Brasileira 3 (Império e República), História do Brasil, História do Brasil (Geografia). Também é possível verificar que tais cursos foram ministrados tanto para as turmas do diurno quanto para as turmas do noturno.

No tempo em que era catedrático da USP, Sérgio participou de diversos eventos científicos. Parte fundamental e obrigatória da carreira acadêmica, tais eventos, tanto no Brasil como no estrangeiro, foram relacionados a seguir com o intuito de dar uma dimensão da produção científica do historiador.

Em 1959, participou ainda do 2º e 3º Colóquios Luso-Brasileiros, reunidos em Salvador. Participou do Primeiro Simpósio de Professores de História do Ensino Superior,

ocorrido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da cidade de Marília, entre os dias 15 e 20 de outubro de 1961. Durante esse encontro, foi fundada a Associação de Professores Universitários de História – APUH.

A convite da Facultad de Filosofia y Educacion da Universidad del Chile e de seu Centro de Investigações de História Americana, em 1963, ministrou um curso (de seis meses) e organizou seminários de História do Brasil, juntamente com os Professores Ruggiero Romano (História da América Espanhola) e Max Savelle (História dos Estados Unidos). Editou-se um volume desse evento pela mesma universidade, sob o título: *Tres lecciones inaugurales* – Buarque, Romano, Savelle. (Santiago do Chile, 1963).

Em 1965, viaja novamente aos Estados Unidos agora como professor convidado nas Universidades de Indiana (Bloomington) e de New York State (Stone Brook), tendo, além disso, organizado seminários e participado de outras atividades didáticas na Universidade de Yale, como a participação numa banca de doutoramento. Em Princeton, encontrou-se com os professores Stanley Stein e Kenneth Maxwell. Participou do VI Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros em Harvard e Colúmbia. Pronunciou uma palestra no Queen's College, em Nova York. Fez conferências e participou de seminários na Universidade de Colúmbina, em 1965, na Universidade de Yale, convidado por Richard Morse e David Davidson, Califórnia (Los Angeles), Harvard, ambas em 1966. Em 1967, terminou o curso em Stone Brook e proferiu uma palestra na Universidade de Princeton.

Convidado pela UNESCO para integrar o Comitê de Estudos das Culturas Latino-Americanas, participou das reuniões do referido comitê, efetuadas em Lima, em novembro e dezembro de 1967, e em San José de Costa Rica, em agosto de 1968, e na Ciudad del México, em 1974. Foi ao Paraguai, em 1968, a fim de pesquisar documentos relacionados com o Brasil. Colaborou com o capítulo "Die Geschite Eines tablen Kontinentes" (A História de Meio Continente), no livro "Brasilien" da Atlantis Verlag A. G. - Zuriqeu.

Em 1967, viajou a Cuiabá para realizar pesquisas no Arquivo. Ainda em 1967, proferiu uma conferência na Escola Superior de Guerra sob o título “Elementos básicos da nacionalidade – o homem”. Viajou várias vezes, a partir de 1968, para a Bahia, num intercâmbio com as duas universidades estaduais, a fim de participar de um curso sobre o Recôncavo.

Orientou, em 1962, as primeiras teses de mestrado de toda a universidade. Estimulou o desenvolvimento de pesquisa sobre os mais diversos temas dos períodos colonial, imperial e republicano da História brasileira, do que resultaram teses acadêmicas importantes, como, por exemplo, *O fardo do homem branco*, Maria Odila Leite da Silva Dias; *A Revolução de 1930*, de Boris Fausto; *A lavoura canavieira em São Paulo*, de Maria Theresa Schorer Petrone; *Ibicaba, uma experiência pioneira*, de José Sebastião Witter; *Escravidão negra em São Paulo*, de Suely Robles Reis de Queiroz. (CALDEIRA, 2005). A Faculdade de Filosofia mantinha intercâmbio com a Sorbonne e com as universidades da Inglaterra e as dos Estados Unidos, além de manter contato com os pioneiros brasilianistas, como Stanley Stein, Richard Morse e, em Londres, Charles Boxer. (DIAS, 1994, p.271). Em 1964, deu um curso de História do Brasil na Universidade de Brasília, cujo reitor era Zeferino Vaz.

Na Universidade de São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda pôde, também, conduzir uma série de mudanças nos rumos da docência e da pesquisa na universidade. Preocupado com a formação de pesquisadores, ele mudou os objetivos do curso de História, que somente preparava os alunos para o exercício do magistério. Respeitando essa nobre formação, ele procurou também formar pesquisadores, ampliando, assim, o campo de atuação desses jovens formandos. Por mais de uma vez, e sempre por eleição, exerceu a chefia do Departamento de História da USP, embora tenhamos a impressão de que Sérgio não gostava muito de exercer cargos de chefia.

Quando perguntado o que ele considera ter sido sua maior satisfação como historiador, ele disse: “Minha satisfação foi ter conseguido formar um grupo de verdadeiros historiadores. Eu formei um grupo, mas cada um seguiu seu próprio caminho”. (GRAHAM, 1987, p.105). Essa impressão é comprovada por depoimentos de seus ex-orientandos, como Maria Odila Leite da Silva Dias e José Francisco Witter. Uma das mais importantes funções realizadas por Sérgio Buarque de Holanda na USP foi, sem dúvida, a orientação de trabalhos de pesquisa, como monografias, dissertações e teses. Foram dezenas assinadas por ele e um número grande de co-orientação que não aparece oficialmente, somente sendo encontrado nos agradecimentos. A orientação de pesquisas parece ter sido uma das funções que mais lhe agradava, exercendo essa função mesmo depois de sua aposentadoria. Witter (2002b) confirma o seu gosto por esse trabalho, pois eram cuidadosamente lidos e corrigidos pelo orientador Sérgio.

Mas Sérgio apontava alguns problemas burocráticos que dificultavam a orientação. Por exemplo, aqueles que eram convidados para serem Professores-Assistentes, destinavam-se, principalmente, a ministrar aulas, tendo suas pesquisas reduzidas no âmbito das dissertações e teses. Outro problema apontado por ele era a dificuldade de se trabalhar com arquivos, pois muitos destes se encontravam distantes de São Paulo, despendendo muito tempo e dinheiro para ir até eles. Dessa forma, Sérgio pretendia valorizar a pesquisa entre os assistentes, deixando-os à vontade para a escolha do tema, mas mantendo o rigor científico e documental que tal empreitada exigia.

Além da atividade como orientador, Sérgio exerceu na USP a função de docente. É interessante observar as opiniões de Witter sobre o professor Sérgio Buarque de Holanda:

Nada tinha do tradicional professor, de aulas bem preparadas e organizadas em fichas, seguindo os métodos pedagógicos vigentes na época. Era o oposto de tudo quanto tinha aprendido na minha formação de professor primário. Isso começou por me encantar, embora, em certos momentos, sentisse muito a ausência de um método bem estruturado [...] ele divagava, divagava sempre... Buscava cuidadosamente a melhor palavra para criar a melhor imagem para o que deseja transmitir [...] Acompanhar Sérgio nem sempre era fácil. Perdia-se, e quantas vezes, o ‘fio da meada’ e para reencontrá-lo era necessário o esforço despendido nas ‘loucas noites universitárias’,

quando os grupos de estudo, espontaneamente formados, procuravam nos apontamentos de sala de aula as linhas mestras do pensamento do professor e a partir delas buscavam na bibliografia sempre correspondente por ele citada aquilo que faltava. (WITTER, 1988, p.58).

Sérgio diferencia-se dos demais professores, pois tem uma atuação didática muito peculiar. Os ex-alunos não declaram que era um mau professor, mas deixam a entender o método um pouco confuso de suas explicações.

Sérgio era, no entanto, sempre um professor... Dentro da sala de aula, nos corredores da Maria Antonia, nas escadarias do prédio da Velha Reitoria da USP ou no moderno edifício da Geografia e História – subindo ou descendo a rampa – ele estava sempre atendendo alguém, ouvindo, ironizando, mas sempre ensinando. Foi para mim, um MESTRE. Também não deixava de sê-lo naquela saudosa sala de estar da Rua Buri, onde, sentado no seu sofá predileto, passava horas e horas a nos falar sobre seus temas preferidos de História, abrindo caminhos para nossas pesquisas. (WITTER, 1988, p.58).

Witter, em outro momento⁶³, reforça essa idéia da atenção dada pelo professor Sérgio para com os alunos e, principalmente, orientandos. Witter foi professor-assistente e dizia da liberdade dada por Sérgio para a realização de suas pesquisas. Dizia ele que Sérgio não era paternalista, pelo contrário, apenas indicava caminhos. Para ser professor, diz Sérgio, citado por Witter, “não é necessário ser sisudo, triste ou amargurado. E bom professor tem que ser alegre, cantar, rir, e ironizar com a sabedoria dos que amadurecem sem envelhecer”. Nunca foi o “dono da verdade”, diz Witter, pois sempre mostrava o quanto é importante que se duvide, que se questione, que se privilegie o benefício da dúvida... Não era “o Catedrático”, mas, sim, o coordenador de estudos de História do Brasil, com o poder autêntico dos que lideram, porque conquistava e não se impunha por sua posição hierárquica. Era verdadeiramente um defensor da liberdade.

Mesmo assim, diz Witter, ele nunca foi um professor organizado, nada disso, seguidor do que determinava a didática. Witter afirma, ainda, que Sérgio era um homem rigoroso, mas sem nunca ser ditador ou autoritário: “Ele era um catedrático por excelência”. Witter, neste mesmo texto, acredita que a extinção da cátedra, em 1968, talvez tenha sido um erro, mesmo

⁶³ Witter (2002b).

exercida muitas vezes de forma equivocada ou mesmo autoritária. Para Witter, a atuação como catedrático tornava-o uma espécie de orientador ou mesmo de formador, um *scholar*, e os seus assistentes eram pessoas que iam aprendendo, e portanto formavam uma equipe com alguém superior, e o catedrático criava uma escola, uma linha de pesquisa.

Como catedrático e orientador, os relatos são sempre positivos. Witter (2002b) diz que o historiador sabia distribuir tarefas. Fazia isto no começo de cada ano e, no final, indicava uma bibliografia para ser lida pelos assistentes. Sérgio fazia reuniões semanais para averiguar as leituras e como andavam os cursos ministrados pelos assistentes.

Witter (1998) diz que havia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP, cursos de pós-graduação que davam certificados de conclusão, qualificando os que o faziam com um título universitário. Sérgio Buarque de Holanda foi o único que, antes de as regulamentações oficiais exigirem, somente assinava esse diploma depois de os estudantes escreverem uma monografia de mestrado. Outro fato, lembrado por Witter, é a exigência, por parte de seus assistentes, da monografia de mestrado antes de se candidatarem para o doutorado. Para o Dr. Sérgio, continua Witter, o mestrado era uma etapa importante da formação acadêmica de cada um que pretendia fazer carreira na USP. Sérgio via no mestrado a iniciação na difícil tarefa de escrever. Escolhido o tema e a pesquisa feita era o momento de amadurecimento, por meio da narrativa bem-feita daquilo que foi pesquisado. Sérgio exigia de seus orientandos e assistentes muito cuidado na escrita e não aceitava descuido ou desatenção, como vimos no capítulo anterior.

Essa legislação sobre a pós-graduação no Brasil, na verdade, era ambígua até a década de 1960, como aponta Oliveira (1995). Em 1961⁶⁴, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 4.024/61, onde surge pela primeira vez a expressão “pós-graduação”, em seu artigo 69. No entanto, a imprecisão e indefinição do termo ainda

⁶⁴ Na FFCL, da USP, entre 45 – 65, foram defendidas 41 teses (entre livre-docência, mestrado e doutorado). Entre 76 – 84, foram 971 teses de mestrado e 141 de doutorado. (MICELI, 1989).

persistem. Essa confusão durou até 1965, quando o Conselho Federal de Educação (CFE), por meio do Parecer 977/65, de autoria de Newton Sucupira, define a pós-graduação em dois tipos: *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e *lato sensu* (especialização e aperfeiçoamento). Após o golpe de 1964, a política educacional dos militares enfatiza a formação de recursos humanos em nível técnico-profissional para atender às exigências do mercado. “O Estado passou a privilegiar os princípios de eficiência e produtividade do sistema educacional, nos moldes da visão empresarial tecnocrática”. (OLIVEIRA, 1995, p.59). Em 1968, o Decreto 62.937 constituiu o grupo de trabalho para a Reforma Universitária (GTRU), que desembocou na Lei 5.540, referente à Reforma Universitária. Para Oliveira (1995), fica evidente que essa Lei adotou a idéia de pós-graduação contida no Parecer 977/65. Mas uma política séria e única para a pós-graduação só veio após a criação do Conselho Nacional de Pós-Graduação, em 1974, e posteriormente a execução do I Plano Nacional de Pós-Graduação que vigorou no período de 1975-1979, com atuação importante da Capes.

Segundo Witter (1998, p.27), “Sérgio dizia temer pela burocratização excessiva dos cursos e da realização das teses. Ele achava que o trabalho de pesquisa e elaboração de uma tese precisava de tempo. Um tempo interior de cada um. Esse tempo não podia ser administrado por outra pessoa que não fosse aquela envolvida no seu fazer”.

O resultado de tudo isso nós podemos ver no legado deixado por ele no curso de História e no sucesso profissional obtido por quase todos os seus assistentes e orientandos. Entre eles constam: Myriam Ellis, Nícia Vilela Luz, Maria Teresa S. Petrone, Odilon Nogueira de Matos, Maria Odila L. S. Dias, Suely Robles Reis de Queirós, Laima Mesgravis, Maria de Lourdes Gianotti. Essas pessoas formam a “rede de relações” pela qual Sérgio transitava.

Em depoimento⁶⁵, Suely Robles Reis de Queiroz, ex-aluna, relata que Sérgio era intransigente quanto à competência, pois não cedia a divergências políticas ou injunções mesquinhas de natureza pessoal ao selecionar os melhores profissionais que colaborariam com ele em algum projeto. Daí, Queiroz revela que, com ele, não havia o que nos meios intelectuais se convencionou chamar de “igrejinha”.

2.4.1 Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)

Um capítulo à parte em sua vida acadêmica na USP foi a idealização e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros, o IEB⁶⁶, onde foi presidente de 1962 a 1964. A proposta, presente na carta datada de 5 de outubro de 1962⁶⁷, e destinada ao Diretor em exercício da FFLCH, da USP, prof. Dr. Cândido Lima da Silva Dias, era a

de instalação de um *Instituto* e não de um *Centro*, porque este último, na estrutura da Faculdade, restringia-se ao âmbito de um Departamento específico, estando sujeito, portanto, às restrições próprias de uma disciplina, ao passo que o *Instituto* era dotado de um *status* igual ao de uma Faculdade, podendo agregar disciplinas diversas, contar com a colaboração de outras Unidades da Universidade, constituir unidade orçamentária, possuir seus próprios professores e funcionários, enfim, dispor de autonomia razoavelmente ampla. (CALDEIRA, 2000, p.32).

Sérgio viu um grave problema na formação acadêmica dos jovens historiadores formados na USP: a exclusiva preparação para o magistério. Não que ele considerasse esse trabalho menor, pelo contrário, mas acreditava que a formação deveria ser completada com a preparação para a pesquisa científica, levando o estudante ao aprendizado da utilização dos arquivos e dos documentos históricos, imprescindíveis para a formação do historiador. Como essa formação completa transbordava os limites da Cadeira de História Geral da Civilização Brasileira, bem como de todo o curso de História, Sérgio propôs a criação de um Instituto que abarcasse essa disciplina e outras que pudessem contribuir de modo direto para um melhor conhecimento do Brasil nos seus diferentes aspectos. Essas disciplinas seriam: Geografia do

⁶⁵ Queiroz (2005).

⁶⁶ Um estudo sobre o IEB foi elaborado por Caldeira (2000).

⁶⁷ A íntegra desta carta pode ser lida em Holanda (1987, p.80).

Brasil, Literatura Brasileira, Antropologia, Política, Sociologia, Introdução aos Estudos Históricos e Paleografia, ou outras que se inserissem neste contexto. (CALDEIRA, 2000).

Vêm-se nessa justificativa dois traços importantes do acadêmico: a preocupação com a formação ampla dos universitários e o entendimento completo do Brasil, caracterizado pela visão holística e sem preconceitos, acreditando que somente por meio da interdisciplinaridade seríamos capazes de compreender melhor nosso País.

Desde sua criação o IEB possuía dois setores: 1) setor de pesquisa, e 2) setor cultural. O setor de pesquisa teve como princípio relacionar diversos campos do saber, formando uma interdisciplinaridade com um objetivo comum: estudar o Brasil em sua totalidade. O setor cultural do IEB deve promover ou organizar cursos, conferências, sessões de debate, intercâmbio cultural, concursos e exposições. Daí o caráter amplo do instituto que, ainda hoje, é um importante centro de referência nos estudos sobre o Brasil.

Segundo o Regimento Interno⁶⁸, são finalidades do IEB:

- 1) associar cadeiras e disciplinas, relacionadas com os estudos brasileiros;
- 2) planejar e realizar, com investigadores de seu quadro e das várias cadeiras e disciplinas, pesquisas próprias, oferecendo condições para a sua efetivação e divulgação;
- 3) incentivar a participação de alunos de um curso nos trabalhos de cadeiras de outros, assegurando a convivência entre professores, alunos e investigadores estranhos ao quadro da universidade;
- 4) encaminhar alunos e ex-alunos no levantamento da documentação, em especial em bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros, orientando-os em sua utilização;
- 5) realizar cursos ou seminários de natureza especial e expedir os respectivos certificados.

⁶⁸ Consultado no Arquivo do IEB.

Um dos objetivos do IEB era reunir uma série de documentos históricos com a finalidade de criar um acervo e disponibilizá-lo aos pesquisadores que, de outra maneira, não teriam acesso a fontes importantes. É por isso que o instituto adquiriu valiosa coleção de obras raras sobre o Brasil, pertencente a coleções particulares de F. de J. Almeida Prado, de Mário de Andrade, de Fernando de Azevedo, entre outros. Sérgio sempre demonstrou que os alunos de história da USP deveriam, além da formação docente, obter uma sólida formação em pesquisa. Para isso era necessário dispor de um lugar onde os alunos pudessem entrar em contato com fontes sem precisar deslocar-se para arquivos, muitas vezes distantes. Esse lugar seria o IEB.

Em seu Regimento Interno, de 10 de maio de 1965, o IEB previa: cursos de pós-graduação com duração de dois anos e um currículo que misturasse ciências humanas e literatura; cursos de seis meses, mais intensivo, para grupos de estudantes estrangeiros; cursos de três meses para pessoas encarregadas de tarefa no estrangeiro (leitores, jovens professores, bolsistas, etc.); orientação de pós-doutorado para estrangeiros.

José Sebastião Witter (2002), ex-presidente do IEB, afirma que o IEB é hoje aquilo que Sérgio Buarque de Holanda plantou. A grande força do IEB são a biblioteca e o arquivo, em grande parte formada pelo professor Sérgio. Em carta datada de 15 de janeiro de 1963⁶⁹, endereçada ao então Governador de São Paulo, Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto, Francisco Matarazzo Sobrinho, dono da Metalúrgica Matarazzo S/A, indica a aquisição, pelo IEB, de cerca de 800 documentos originais e manuscritos referentes à história de São Paulo, pertencentes ao Arquivo de Souza Botelho Morão e que se encontravam à época em poder do Conde de Mongualde. Mesmo as outras coleções adquiridas posteriormente, como a de Caio Prado Jr., diz Witter, são do estilo que ele gostaria de que estivesse lá.

⁶⁹ Siarq/Unicamp.

Numa entrevista dada em 1977⁷⁰, Sérgio afirma que queriam acabar com o IEB, pois “o estatuto apresentava falhas”. Nessa entrevista, já bastante pessimista, Sérgio desabafa: “Eu quero morrer antes que o Brasil acabe”.

Acostumado ao freqüente diálogo com pesquisadores de outras áreas, principalmente na Escola Livre de Sociologia e Política, Sérgio sentiu a rigidez do regime de cátedras da USP que dificultava esse diálogo. No entanto, essa rigidez não atrapalhou sua independência, pois pôde realizar seu trabalho com qualidade e profissionalismo.

Esse diálogo com seus pares foi possível, de forma plena, quando coordenou a Coleção História Geral da Civilização Brasileira. Pôde manter contato com especialistas de diferentes matérias no estudo de temas brasileiros, o que o levou a observar “que os estudos multidisciplinares sobre a história da civilização brasileira deveriam ser realizados continuamente, não podendo ficar restritos a uma única obra coletiva eventual. Portanto, de acordo com ele, fazia-se necessário criar uma instituição que possibilitasse o desenvolvimento permanente daqueles estudos na USP, e essa instituição era o IEB”. (CALDEIRA, 2000, p.34).

Além da criação do IEB, Sérgio Buarque de Holanda foi presidente das comissões organizadoras do Instituto de Pré-História, do Museu de Arte e Arqueologia da USP, do Museu de Arte Moderna e da Comissão de Bibliotecas, criados igualmente durante a gestão de Ulhoa Cintra. Dessa forma, pôde contribuir para a ampliação da pesquisa e do ensino no âmbito da Universidade de São Paulo, características até hoje indelévels dessa instituição.

2.4.2 A aposentadoria na USP

Após o golpe de 1964, mas principalmente após a instauração do AI-5, a vida universitária passou por mudanças que transferiram os fóruns de discussão então existentes,

⁷⁰ Nesta entrevista transparece certo ceticismo quanto à situação atual e até um certo pessimismo de Sérgio Buarque de Holanda pelos rumos que estava tomando a política educacional do regime militar. (**Folhetim**, 26-06-1977). (Siarq/Unicamp).

de caráter democrático, para a esfera do poder Executivo, de caráter centralizador. (CARDOSO, 2001). Com isso, o que se viu foi o desmonte de todo aparato universitário e da educação pública de um modo geral:

O confronto com o regime militar, no pós-68, consegue uma grande unanimidade nas esquerdas, na universidade, contra as cassações e prisões, contra a presença de representantes dos órgãos de segurança nas reitorias interferindo nas contratações dos professores, contra o modelo de exclusão cultural construído a partir do AI-5. Unanimidade na denúncia do abandono do ensino público pelo regime militar e a conseqüente implantação do modelo de privatização da universidade brasileira, com o rebaixamento do nível de ensino provocado por esta política; na denúncia da limitação de despesas com as universidades públicas e com a educação pública de um modo geral; na denúncia da política dos governos militares de ênfase na prestação de serviços pelas universidades às empresas privadas e públicas, com o surgimento das fundações nas universidades estaduais e federais. (CARDOSO, 2001, p.42).

Esses fatos provocaram indignação em todo meio universitário. Sérgio é de supor pela coerência de suas idéias e pelas declarações sobre esses episódios, também se decepcionou com os rumos que estava tomando a universidade. Em solidariedade com os colegas aposentados discricionariamente pelo regime militar (cerca de 40) pelo AI-5, pede sua aposentadoria, encaminhada ao então Reitor, Alfredo Buzaid, em 30 de abril de 1969. Sobre esse episódio, declarou: “Tinha tempo de serviço, não perdia nada monetariamente... Mas achei que era meu dever”⁷¹. Em outro momento, Holanda reitera: “Em protesto e solidariedade. Agora, eu não acho que foi heroísmo nenhum, pois eu tinha tempo garantido e aposentei-me com meus vencimentos”⁷². No entanto, ele diz que não tinha vontade de se aposentar, pelo contrário, “tinha vontade de criar uma turma lá, de assistentes e alunos meus”. Mas a aposentadoria não o isolou: “Continuam a vir a minha casa e ter esse contato. Desse contato com o pessoal, eu senti falta no começo”⁷³.

Witter (1998, p.22) relata um encontro com Sérgio Buarque de Holanda e alguns orientandos e assistentes seus, em sua casa na Rua Buri, quando, de certa maneira, pede licença para se aposentar: “Ele queria comunicar, em primeiro lugar, aos seus subordinados o

⁷¹ Universidade de São Paulo. Departamento Pessoal da Reitoria. Setor: Assentamentos. Matrícula: 2.471. Registro Funcional do Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda.

⁷² **Folhetim**, 26 de junho de 1977. (Siarq/Unicamp).

⁷³ Idem.

seu desejo de fazer um protesto, através de sua aposentadoria, a ser solicitada durante a reunião do Departamento, firmando a sua posição de intransigente defesa da Universidade e convicta solidariedade aos professores cassados pelo regime militar”. Witter relata também que Sérgio não o faria se a sua decisão pudesse afetar um ou alguns de seus orientandos. Posteriormente, na reunião do Departamento de História, realizada no dia 23 de maio de 1969, Sérgio declara que seu pedido de aposentadoria “foi um gesto de protesto contra a aposentadoria forçada de numerosos professores”. Assim, em 29 de abril, resolveu fazer o único gesto de protesto e, “como não tem esperanças de que a situação mude no pouco tempo que lhe resta na Universidade, o único gesto que lhe resta é se ligar, pela aposentadoria, àqueles aposentados de modo forçado. Pediu que a justificação constasse de ata e disse que essa explicação era devida a todos e aos que votaram nele”⁷⁴.

Esse gesto, longe de ser egoísta, na medida em que “já tinha tempo para aposentadoria” e “nada perdia monetariamente”, revela um protesto, mesmo que individual, contra toda sorte (seria azar?) por que passava a universidade naqueles anos. Certa vez, Sérgio disse que gostava do clima da FFCL que ficava na Rua Maria Antonia, 294, pois era possível encontrar todo mundo em seus corredores, possibilitando, dessa forma, o contato direto e certa socialização que lhe agradara muito.

A FFCL ficou na Maria Antonia até 3 de outubro de 1968, data da fatídica “Guerra da Maria Antonia”, episódio marcado pelo conflito entre os estudantes da USP e da Universidade Mackenzie, que deixou como saldo (negativo) a total destruição da Faculdade de Filosofia. Em um texto bem interessante sobre esse episódio, Irene Cardoso (2001) revê as fontes primárias desse acontecimento, realizando uma análise do *Livro branco dos acontecimentos*

⁷⁴ Conforme Ata da Reunião. (FFLCH/USP).

*da Maria Antonia (2 e 3 de outubro de 1968*⁷⁵). Para essa autora, esses acontecimentos tiveram muitas causas, entre as quais o conflito existente entre estudantes considerados comunistas e o aumento da repressão por parte do regime militar. A depredação do patrimônio público foi ignorada por parte das autoridades responsáveis, entre as quais a própria reitoria e o Secretário de Segurança Pública. Cardoso defende a tese de que existia, sim, um interesse por parte do regime militar e de seus defensores em destruir a FFCL, e esse processo começava pela destruição física⁷⁶.

Com isso, a FFCL foi obrigada a se instalar na Cidade Universitária às pressas, em lugar ainda sem estrutura e relativamente deserta, sem condições mínimas de cumprir o papel de produção do conhecimento. Segundo Cardoso (2001, p.109),

Para além de uma dimensão estritamente política, as aposentadorias compulsórias de professores que logo se seguiram, em abril de 1969, significaram a quase inviabilização de alguns cursos da Faculdade de Filosofia, ao mesmo tempo em que caracterizavam a destruição de um patrimônio cultural acumulado por vários anos, que não pôde ser retomado mais, na mesma orientação. Um clima de intimidação, em alguns momentos de terrorismo mesmo, marcou os anos que se seguiram à mudança para a Cidade Universitária: cercos e invasões policiais; buscas e prisões de professores e estudantes; presença de policiais informantes em salas de aula e até mesmo de um dos torturadores da OBAN matriculado num de seus cursos; buscas e revistas em salas de professores à noite.

A “solução final” veio com a Reforma Universitária (Lei 5.540/68), que estabeleceu a dissolução da figura institucional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desmembrada em vários Institutos e Faculdades (nove no total). Iniciava-se, assim, o processo de “mercantilização” do saber e sua transformação tecnicista, além da adaptação da universidade nos moldes capitalistas de produção e resultados.

Com certeza todo esse processo levou Sérgio Buarque de Holanda a abreviar sua trajetória na USP. Seu gesto, mais do que de protesto, foi, mais uma vez, coerente com sua

⁷⁵ Segundo Irene Cardoso (2001), a comissão responsável pela elaboração desse documento foi presidida pelo professor Simão Mathias e como relator o professor Antonio Candido. Este último guardou a única cópia existente desse documento.

⁷⁶ Sobre o processo de perseguição e aposentadoria de alguns professores, ver: ADUSP. **O livro negro da USP: o controle ideológico da universidade.** São Paulo: Brasiliense, 1979.

visão de mundo: democrática e crente de que a universidade deve cumprir o papel de propagadora dos valores elementares, tais como a liberdade e a democracia. Neste caso, seu silêncio, diz muito mais do que qualquer coisa.

2.5 A vida fora da universidade

“A universidade em São Paulo está dizimada. Uma desagregação que começou e não pode parar”⁷⁷, bracejava Sérgio quase no final de sua vida. Em carta recebida do Grupo Abril, datada de 27 de maio de 1969⁷⁸, dizia que, “nos dias de hoje, entretanto, os melhores valores de nossa intelectualidade estão sendo afastados por razões espúrias enquanto mestres como o Senhor são obrigados pela dignidade a aposentar-se, oferecendo solidariedade aos atingidos. Acabarão restando os medíocres, os manietados e os indecisos”.

Mas a ausência do contato direto na universidade não levou o historiador a viver de forma pacata a sua aposentadoria. Com mais tempo livre, pôde dedicar-se a outros projetos e escrever outros livros que já havia esboçado, além de fazer algumas viagens. Em 1973, foi à Europa, visitando a Itália, a Grécia, a Turquia, a Hungria, a Áustria, parte da Alemanha, a Holanda, a Inglaterra e a França. Em 1974, a convite do governo venezuelano, foi a Caracas para a instalação da Biblioteca Ayacucho. Em 1974, participou da reunião de escritores latino-americanos em Caracas, Venezuela. Em 1976, foi à Europa, visitando a Itália, a Tcheco Eslováquia, Berlim e Paris, aqui pesquisando e trazendo material do Quai d`Orsay.

Entre as muitas homenagens que recebeu em vida, uma das mais importantes foi na Universidade de Oxford, que criou a cadeira Sérgio Buarque de Holanda em convênio com a Universidade de Campinas.

⁷⁷ **Folhetim**, 26-06-1977. (Siarq/Unicamp).

⁷⁸ Siarq/Unicamp.

Em 1979, colabora em volume de homenagem a Antonio Cândido, "Esboço de Figura". Foi uma das últimas produções de cunho deferencial.

* * * * *

Acreditamos que analisar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda nos leve a repensar o próprio papel do intelectual na sociedade moderna. É claro que o momento histórico é muito diferente do que aquele da década de 50, onde a universidade pulsava democracia e atingíamos a maturidade em diversos campos do saber. Sérgio Buarque de Holanda contribuiu não só para a consolidação da historiografia brasileira, mas, devido à sua atuação no IEB, lançou as bases para a compreensão mais ampla do processo histórico, calcado na interdisciplinaridade e no abandono definitivo de qualquer método rígido ou preconceito acadêmico, já que ele primava pela liberdade total das ciências de suas amarras, o que levou alguns historiadores a uma compreensão muitas vezes equivocada da realidade histórica.

O projeto da Universidade do Distrito Federal em muito agradava o jovem historiador. O espaço dado a Sérgio Buarque de Holanda e o contato com os professores estrangeiros, em muito, foram determinantes na sua escolha pela profissão de historiador. Infelizmente, essa universidade e o seu projeto inovador conduzido por Anísio Teixeira tiveram uma breve existência.

A Universidade de São Paulo, ao convidar Sérgio Buarque de Holanda para seus quadros, entendia que era preciso encontrar uma maneira de angariar os melhores quadros que tínhamos à época para poderem contribuir com a produção e a difusão do conhecimento. O intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda quase não pôde ingressar na universidade pública, devido às exigências de titulação e à experiência profissional, coisas com que ele nunca se preocupou. Uma vez dentro da universidade, pôde desenvolver a pesquisa científica e reestruturar todo o curso de História, dando uma dimensão muito mais

apropriada às necessidades do País e às exigências do mercado. É importante ressaltar que Sérgio pensava nisso numa época em que a pesquisa científica, de forma sistematizada, ainda engatinhava no Brasil.

A idealização e a criação do IEB foram outra grande contribuição do historiador na USP. Ele percebeu que, para compreendermos os fatos históricos e os problemas sociais brasileiros, era necessário a contribuição interdisciplinar, pois, assim, poderíamos ter uma percepção melhor do todo. Mais uma vez o historiador esteve à frente de seu tempo, pois a questão da interdisciplinaridade, ou em termos atuais os “temas transversais”, que são a base de todo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), demonstram que o conhecimento não deve ser fragmentado.

Por fim, o destaque dado às diversas viagens ao exterior é uma forma de verificar que a importância de Sérgio Buarque de Holanda extrapola os limites nacionais. Essa estada de dois anos na Universidad di Roma possibilitou ao historiador realizar inúmeras pesquisas em arquivos e museus, não só na Itália, mas também em outros países europeus. O material recolhido culminou em alguns trabalhos que só recentemente foram publicados, como é o caso de *O Extremo Oeste* e *A contribuição italiana para a formação do Brasil*. A recepção de uma obra ou mesmo o respeito e o prestígio no exterior deram maior *status* a Sérgio Buarque de Holanda, ainda mais no Brasil, nação com mentalidade provinciana que necessita deste tipo de “aprovação” com certificado estrangeiro. Mesmo assim, a única obra que teve repercussão internacional foi *Raízes do Brasil*, justamente aquela pela qual nutria menos apreço.

Entendemos que o intelectual independente, para que seja tratado como tal, deve, além de possuir uma formação intelectual rígida e ampla, atuar na universidade de forma marcante e eficaz, deve também participar ativamente dos processos políticos, seja como ator propriamente dito, seja como simpatizante. Assim, veremos, no Capítulo 3, a visão política de

Sérgio Buarque de Holanda, configurada, de modo sintético, pela sua participação em diversas instituições políticas que levantaram a bandeira da democracia e da cidadania.

3 A visão política de Sérgio Buarque de Holanda

3 A VISÃO POLÍTICA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Diferenças sensíveis de geração e circunstâncias outras que são parte considerável de nossas vidas impediram-me de ser aluno ou amigo pessoal de Sérgio Buarque de Holanda. Mas os muros que as pedras do acaso levantam no meio do nosso cotidiano têm fendas por onde passa o vento do Espírito que, como diz a Escritura, sopra onde quer. O aluno que eu não pude ser no tempo propício surge no discípulo que eu posso ser em qualquer tempo.
(BOSI,1983, p.49)

O objetivo deste capítulo é investigar a visão política de Sérgio Buarque de Holanda presente, não só em seus escritos, mas também na participação ativa em diversas instituições e movimentos sociais. A “visão política” é uma expressão emprestada de Antonio Candido, amigo e intérprete, que destacou, em alguns de seus artigos, o engajamento político do historiador e sua defesa incomensurável da democracia.

Neste capítulo, destacaremos sua atuação na Associação Brasileira de Escritores, na Esquerda Democrática, no Centro Brasil Democrático e na fundação do Partido dos Trabalhadores. Permeando nossa análise, veremos que as atas e o regimento dessas instituições, bem como suas atividades, vêm ao encontro da visão política do historiador, baseada na liberdade de expressão, na luta contra as desigualdades sociais, no engajamento político e na consolidação da democracia no Brasil. Aqui, também poderemos verificar que a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, tanto dentro quanto fora da universidade, faz jus à idéia de “intelectual independente”, porque, mesmo tendo participado diretamente desses movimentos sociais, esse envolvimento deu-se sem trair seus ideais, além de ter sido coerente com tudo o que escreveu, disse e realizou.

O intelectual independente, a nosso ver, revela-se, dessa forma, por meio de diversas facetas: sua formação, seus escritos, as idéias que defende e, principalmente, suas ações. Todas essas características se completam e devem ser coerentes entre si, ou seja, o intelectual

independente não pode apenas defender suas idéias no papel, deve, com efeito, buscar ações para que suas idéias tomem corpo e se solidifiquem em transformações sociais.

Nos capítulos anteriores, vimos que Sérgio Buarque de Holanda teve uma carreira de jornalista, de crítico literário, de historiador e de professor universitário. Em todos esses momentos, verificamos que o envolvimento com tais funções, em sua maioria públicas, condizia com sua maior preocupação: compreender o Brasil e lutar contra as diversas formas de autoritarismo que foram responsáveis por todas as mazelas sociais brasileiras. Agora, neste capítulo, veremos que, ao participar de diversos movimentos sociais e instituições políticas, Sérgio pretendia, de maneira clara, contribuir para a discussão e a transformação da sociedade em sua luta pela consolidação democrática no Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda sempre foi um homem da esquerda⁷⁹. Em toda sua vida, participou diretamente dos agrupamentos democráticos de esquerda ou, pelo menos, manifestou seu apoio. Na Alemanha, pôde ver de perto o que era o fascismo e, quando voltou para o Brasil, posicionou-se contra a ditadura de Getúlio Vargas, ficando ao lado da Revolução Constitucionalista de São Paulo⁸⁰. Em 1942, participou da fundação da Associação Brasileira de Escritores, que visava a defender os direitos profissionais daquela classe, e também lutara pela volta das liberdades democráticas. Participou da Esquerda Democrática, em 1945. Sérgio foi um dos membros fundadores do Partido Socialista, em 1947, sendo até candidato a deputado, não por vontade própria. Implantada a ditadura em 1964, ele sempre se posicionou contra. Durante a ditadura militar, organizou o primeiro manifesto oposicionista de intelectuais em São Paulo, declarando apoio a Oscar Pedrosa Horta, deputado do MDB de grande força e energia que enfrentou o regime com bravura e constância, de maneira a tornar-se um ponto de referência para as oposições. (CANDIDO, 1998).

⁷⁹ Seguiremos neste capítulo a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda sugerida por Antonio Candido (1998).

⁸⁰ Foi até preso uma vez por dar vivas a São Paulo.

Em 1969, como vimos, alguns professores da USP foram compulsoriamente aposentados e, em um ato de protesto e solidariedade, também pediu aposentadoria, pois já tinha tempo para isso. A sua opção socialista fica clara, mais uma vez, ao participar do Centro Brasil Democrático, em 1977, e da fundação do Partido dos Trabalhadores⁸¹, em 1980.

Embora ele tenha tido toda essa vivência nesses diversos grupos, diz Candido (1998, p.4), Sérgio Buarque de Holanda nunca foi um militante político propriamente dito, mas teve desde moço consciência política e posições ideológicas definidas para o lado da esquerda.

Aquele que mais destacou essa “visão política” de Sérgio Buarque de Holanda foi, sem dúvida, Antonio Candido. Ele é considerado um dos mais importantes intérpretes da obra sergiana, além de ter sido amigo, interlocutor e “cúmplice”, devido ao famoso prefácio de *Raízes do Brasil* escrito por Candido, em 1967, que passou a integrar todas as edições posteriores, fazendo parte indissociável da obra. Pertencendo a uma “tradição radical progressista de classe média”⁸², Candido rompe com os quadros intelectuais anteriores, e é considerado um marco cultural. Antonio Candido pertenceu ao Grupo Clima, geração imediatamente posterior à de Sérgio Buarque de Holanda, que teve como membros: Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Ruy Galvão de Andrada Coelho e Gilda de Mello e Souza.

Trabalhando com a questão da história das idéias, utilizando como referencial teórico Raymond Willians e o estudo sobre o grupo Bloonsberry, Heloísa Pontes (1998) fez uma interessante pesquisa sobre o Grupo Clima. Para Pontes (1998, p.51), os membros do Grupo Clima

estavam empenhados em estabelecer um novo patamar analítico para a crítica da cultura no País, eles se lançaram no sistema cultural paulista com a revista Clima, que, entre outras coisas, lhes assegurou a visibilidade necessária para divulgarem a plataforma intelectual e política do grupo e da geração mais ampla.

⁸¹ Dulci (1998).

⁸² Mota (1998).

A reconstituição da trajetória do Grupo Clima, investigada por Pontes, visou a um tríplice objetivo:

Circunscrever as razões sociais e culturais mais amplas que conformaram a experiência da amizade partilhada por eles; aprender a especificidade do campo universitário em que todos se inseriram, marcado pela tensão entre um pólo científico e outro cultural; analisar os desafios intelectuais e constrangimentos institucionais que enfrentaram no período. (PONTES, 1998, p.208).

E continua:

As afinidades que os uniram, decorrentes de suas origens sociais semelhantes, da vivência parecida que tiveram na infância e adolescência, do tipo de formação cultural que receberam de suas famílias e das escolas que frequentaram, foram reforçadas e sedimentadas ao longo em que cursaram a Faculdade de Filosofia. (PONTES, 1998, p.140).

O grupo funda a Revista Clima, que tratou de diversos assuntos, tais como: cultura e política, literatura e cinema, artes plásticas e estética, música e teatro. Fundada em maio de 1941, é voltada para a cobertura do movimento cultural da cidade de São Paulo e da produção intelectual em geral. Essa publicação “amarrou o destino” de seus principais colaboradores nas seções escritas por eles:

A Revista Clima conseguiu um tríplice feito: fixaram os contornos da plataforma intelectual e política da geração e, em particular, do grupo de que faziam parte, lançaram as bases para a construção de uma dicção autoral própria; viabilizaram o início de suas carreiras como críticos profissionais. (PONTES, 1998, p.112).

Candido considera seu grupo como uma vertente “crítica, crítica e mais crítica”, e é ainda “mais propriamente analítica e funcional” do que a geração anterior. Apontava, no caso do Brasil, três tendências que poderiam vir a ser perniciosas, como de fato vieram a ser: as filosofias idealistas, a sociologia cultural e a literatura personalista.

A posição política de Antonio Candido aparece na seguinte declaração: “Mas se me perguntar qual poderia ser, no meu modo de sentir, um rumo a seguir pela mocidade intelectual no terreno das idéias, eu lhe responderei, sem hesitar, que a nossa tarefa máxima deveria ser o combate a todas as formas de pensamento reacionário”. (MOTA, 1998, p. 225).

Candido conta que conheceu Sérgio, pessoalmente, em 1943, apesar de estarem em Berlim ao mesmo tempo e até terem morado bem perto um do outro, no ano de 1929, quando Candido tinha 11 anos. Em 1944, Candido escreve para a Revista *Clima* uma resenha do livro *Cobra de vidro*, de Sérgio Buarque de Holanda, que reúne a coletânea de textos de crítica literária dispersa na imprensa. Essa foi a primeira de muitas referências sobre Sérgio publicado por Candido. Candido o chama de “socialista democrático”. Mas o adjetivo mais empregado por Candido em relação a Sérgio é de “radical democrático”. *Raízes do Brasil* pode ser lido tanto como uma crítica ao autoritarismo da sociedade brasileira que vinha desde nossas raízes, quanto ao autoritarismo que se fortalecia nos anos 30, por isso a expressão “radical”. Radical é o termo usado por Candido (1990, p.4) para designar alguns autores como Sérgio Buarque de Holanda:

Pode-se chamar radicalismo, no Brasil, o conjunto de idéias e atitudes formando contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou. O radicalismo seria um corretivo da tendência predominante nessas sociedades, que consiste em canalizar as reivindicações e as reformas, deformando-as por meio de soluções do tipo populista, isto é, as que manipulam o dinamismo popular a fim de contrariar os interesses do povo e manter o máximo possível de privilégios e vantagens das camadas dominantes.

O radicalismo é potencial das classes médias:

Gerado na classe média e em setores esclarecidos das classes dominantes, ele não é um pensamento revolucionário, e, embora seja fermento transformador, não se identifica senão em parte com os interesses específicos das classes trabalhadoras, que são o segmento potencialmente revolucionário da sociedade. (CANDIDO, 1990, p.4).

O radical é um revoltado, não um revolucionário, pois não produz um “comportamento revolucionário”. O radical prefere as causas transformadoras viáveis em sociedades conservadoras como a brasileira, que sempre canaliza as reformas pelo viés populista, a fim de contrariar os interesses do povo e manter o máximo possível de privilégios e vantagens das camadas dominantes. O radicalismo é típico da classe média, pois, vindo das classes dominantes, parece uma aberração; vindo do povo trabalhador pareceria uma diminuição.

Para Candido, Sérgio Buarque de Holanda, juntamente com Joaquim Nabuco e Manuel Bonfim são os três autores significativos do pensamento radical. Num período de extremo conservadorismo, inspirado por Oliveira Vianna, Alberto Torres e Azevedo Amaral, Sérgio se pôs contrário à explicação em voga na época que valorizava a herança colonial em sentido senhorial e ufanista, destacando as alegadas virtudes morais, econômicas e políticas da aristocracia rural, que possuía a presença do ariano, dominando necessariamente a plebe rural, mestiça e, portanto, inferior. Sérgio, por outro lado, acreditava que essa herança rural havia-se extinguido com a Abolição, que lançou as bases para o Brasil moderno, urbano e industrial. Candido diz, ainda, que “Sérgio Buarque de Holanda foi o primeiro intelectual brasileiro de peso que fez uma franca opção pelo povo no terreno político, deixando claro que ele deveria assumir o seu próprio destino, por ser, inclusive, portador de qualidades eventualmente mais positivas que as da elite”. (CANDIDO, 1990, p.18).

Em outro momento, Candido (1988, p.63) define radicalismo:

Chamo aqui de radical o pensamento que visa à transformação da sociedade num sentido de igualdade e justiça social, implicando a perda de privilégios das camadas dominantes. Com uma particularidade: este pensamento se desenvolve nos setores progressistas das classes médias, não é propriamente revolucionário, no sentido marxista estrito. Mas pode ser condição para o êxito de uma transformação revolucionária.

Para Candido, o Brasil é um país sem “pensamento radical ponderável”, pois por aqui vingou o pensamento conservador bem articulado, atuante na mentalidade e na ação, manifestado inclusive por homens de relevo por vezes extraordinário, como os homens da Trindade Saquarema no tempo do Império: Visconde de Itaboraí, Visconde do Uruguai, o Senador Eusébio. A razão para isso, explica Candido, é que nós somos um país regido pela mentalidade senhorial, difícil de dissipar, pois está firme, agarrada, mostrando que o brasileiro tem incrustado na alma um modo de ser oligárquico inconsciente. A falta desse pensamento radical leva a assimilação de idéias vindas de fora e mal adaptadas por aqui, como o caso do marxismo nas suas mais diversas ramificações. Em todos os países onde existe a tradição

radical, é fecunda a adaptação das teorias revolucionárias. Foi assim que o marxismo encontrou adaptações na Rússia, na China e em Cuba. No Brasil, isso não ocorreu, portanto penso que uma posição ou um pensamento político só são eficazes quando se ajustam à realidade do País e podem adaptar-se à sua tradição; no caso, tradição de radicalidade. (CANDIDO, 1990).

Candido ressalta que, no Brasil, não há um grande pensador radical. No entanto, ele reconhece “traços de pensamento radical” até em autores conservadores (autoritários). Por isso, aqui há “radicais parciais”, “radicais esporádicos”, “radicais intermitentes”. Candido exemplifica Joaquim Nabuco, conservador, embora “radical esporádico”, no livro *O Abolicionismo*, ao dizer que os escravos nada tinham a perder e tudo a ganhar, e que sendo eles o povo trabalhador do Brasil, deviam participar devidamente na política. Outros autores são Tobias Barreto, Sílvio Romero, Manuel Bonfim, Alberto Torres. Mas não Oliveira Vianna, discípulo de Alberto Torres, que “nunca abria a guarda da espada reacionária”. Gilberto Freyre, por exemplo, hoje considerado conservador, também possui momento de radicalidade ao destacar a figura do negro na colonização brasileira.

Candido acredita que *Raízes do Brasil* é um dos momentos mais importantes do pensamento radical brasileiro. Fruto do radicalismo dos anos 30, quando pela primeira vez os intelectuais se polarizaram entre fascismo de um lado, e socialismo de outro. “Se não estou errado, ele foi o primeiro a dizer claramente que o próprio povo brasileiro tinha de assumir as rédeas do seu destino”. (CANDIDO, 1990, p.8). O livro denuncia as várias formas de autoritarismo presentes nas nossas instituições e na nossa cultura, e que acreditava ser dever de nossas elites ilustradas a condução desse povo mestiço e ignorante.

Em outro artigo, Candido (1998) reforça, mais uma vez, a posição radicalmente democrática de Sérgio Buarque de Holanda. Analisando o último capítulo de *Raízes do Brasil*, intitulado “Nossa Revolução”, Candido observa que é nesse capítulo que aparece, claramente,

sua posição política, sua crítica aos integralistas, fascistas, comunistas e liberais, e sua perspectiva diante do futuro do Brasil. Candido destaca, na obra, dois aspectos para a solução de cunho democrático-popular brasileira: 1) é o fim da tradição colonial luso-brasileira, reverenciada por Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, portanto uma posição de cunho conservador; 2) é o inclusão das massas populares nas decisões político-sociais. Para Sérgio, nossa revolução deveria ser um movimento de baixo para cima, e não o contrário, como tem sido o traço dominante da prática política brasileira. A insistência na ampliação do espaço público dos setores populares e a inclusão das massas populares nas decisões político-sociais dão sustentação à posição radicalmente democrática que se destacava, pois a visão em voga era a liberal, na qual cabia à elite esclarecida o papel de dirigente do País, e ao povo, por ser ignorante, cabia obedecer a esse despotismo classista. Outro destaque de Candido é quanto à diferença de “explicação do Brasil” naquela época. Sérgio Buarque de Holanda destaca-se mais uma vez pelo fato de seu livro *Raízes do Brasil*, além de ser uma análise do passado, também tornar-se uma compreensão do presente, e até uma aposta para o futuro, diferente dos livros que somente ficavam na interpretação do passado, como *Casa Grande e Senzala* e *Populações Meridionais do Brasil*, de Gilberto Freyre e Oliveira Vianna, respectivamente.

A polarização entre pensamento conservador e pensamento democrático ajuda-nos a compreender melhor o debate político dos anos 20 e 30, período de formação do jovem Sérgio. “Investigar os traços de pensamento radical é condição indispensável para o exercício adequado e eficiente das idéias de transformação social, inclusive as de corte revolucionário”, justifica Candido (1990, p. 4). Segundo o próprio Sérgio, sua opção democrática veio desde a infância, no seio de sua família patriarcal, pois seu pai era muito autoritário: “O que sou hoje, acho que é uma reação contra a lembrança deste autoritarismo”. (ANDRADE, R., 1987, p.86).

Por fim, Candido (1988, p.63) reconhece sua grande admiração por Sérgio: “Nunca houve homem mais sábio, nunca houve homem mais erudito, nunca houve homem de maior

seriedade intelectual”. Ele era uma dessas grandes personalidades da geração de 1922, de um tipo que infelizmente está acabando no Brasil.

Na obra de Sérgio Buarque de Holanda existe um pensamento político, sobre o qual tenciono escrever alguma coisa, porque me parece que em *Raízes do Brasil*, mas também noutros escritos, existem sementes de um ponto de vista radical. (CANDIDO, 1988, p.63).

Sereza (2002) relata uma observação feita por Candido acerca do cinquentenário do historiador:

Considero o Sr. Sérgio Buarque de Holanda uma das mais altas organizações intelectuais do Brasil. Erudito profundo, de uma informação universal, é ao mesmo tempo um grande especialista no seu setor próprio: história econômica do Brasil. Ao lado disso, é uma sensibilidade rara, que o tornam um dos mais finos críticos que temos tido.

Sem dúvida, Candido foi, e ainda é, um dos maiores intérpretes da obra de Sérgio Buarque de Holanda, e também, por ter sido amigo próximo, pôde revelar facetas de sua vida pessoal e profissional, reveladas em diversos momentos em seus artigos.

Esse radicalismo pode ser entendido como certo engajamento político. A seguir, veremos, nas palavras do próprio Sérgio, qual deveria ser o papel do intelectual na sociedade.

3.1 Sérgio Buarque de Holanda: intelectual engajado

No ano de 1948, quando Sérgio retomava a crítica literária nas páginas do *Diário de Notícias*, publicou o artigo “Missão e profissão”, que faz um balanço dos “sinais de transformação” que discernia no “horizonte intelectual brasileiro”. O papel do “autêntico escritor”, definido por uma espécie de “dom de nascença”, teria prerrogativas particulares. Naqueles dias, afirma Sérgio Buarque de Holanda, insistia-se nas “obrigações e responsabilidades dos intelectuais”. Definia-se para eles uma “missão”, que não teria um caminho cor-de-rosa ou de ouro, impondo deveres dos quais não se poderia fugir “sem grande perda de dignidade”. A “sagrada missão” do intelectual seria, então, “a de elucidar os que não

sabem ver por inocência e denunciar os que não querem ver por conveniência as fórmulas que, eles afirmavam, poderiam solver os ‘problemas universais’”. Para aqueles, os escritores deveriam mobilizar-se espontaneamente “em benefício de alguma causa”, em nome da “dignidade profissional”. Convertiam, desse modo, dizia Holanda, o patriciado em “milícia”.

Sérgio sugeria o reconhecimento de um “campo particular” para as atividades literária e cultural, sem pretender fazer das “elites da inteligência” um clericalismo displicente e egoísta. Ele via naquele empenho de valorizar a profissão do escritor um alvo mais político que intelectual. (CARVALHO, 2002, p.22).

“A missão do escritor no Brasil é difícil. É um avanço significativo que o escritor possa exprimir os anseios do povo, mas ele não deve ficar nisso. Seria melhor se ele pudesse representar esses anseios, ir além [...]”⁸³. No entanto, nessa mesma entrevista, Sérgio Buarque de Holanda afirma que não concorda com a tese de que o escritor, obrigatoriamente, deve estar engajado sob o ponto de vista político. Acha que isso deve ser uma opção individual e natural e até chega a condenar aqueles que cobram posições do escritor.

Para Maria Odila Leite da Silva Dias (1998, p.11), Sérgio Buarque de Holanda era um “historiador engajado, mas não foi propriamente um militante político. O seu era um engajamento de militância intelectual [...], era engajado seu modo de escrever a história”, pois sempre dava voz aos “figurantes mudos”, ou seja, a grande massa de despossuídos que nunca participaram ativamente da vida política. “Para chegar a escrever uma história verdadeiramente engajada, deveria o historiador partir do estudo da urdidura dos pormenores para chegar a uma visão de conjunto de sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez traduzissem necessidades sociais”. (DIAS, 1998, p.16). Para Sérgio Buarque de Holanda, diz Dias (1992), a principal tarefa do historiador consistia em estudar possibilidades de mudança social. Para ele, o historiador nada podia aprender do passado, nem devia esperar dele

⁸³ Diário do Grande ABC, Santo André, 22, n.º 4257, de 13-04-1980.

soluções para problemas do presente. Deveria empenhar-se em desvendar, no passado, forças de transformação que pudessem indicar os caminhos para libertar-se dele.

Talvez o melhor exemplo de intelectual engajado seja Jean-Paul Sartre⁸⁴, que criou a “doutrina do engajamento”. Sartre diz, no editorial do *Le Temps Modernes*⁸⁵, que a função do intelectual “é ajudar a produzir certas transformações na sociedade em que vivemos”. Os intelectuais engajados reconhecem no proletariado a função política de agente histórico das transformações. “O mito da Revolução inacabada forjou o imaginário político do intelectual de esquerda, sobretudo a partir da colocação em prática da doutrina do engajamento”. (SARTRE, 1999, p.81).

Aqui, aparece a noção de “engajamento”, ou seja, servir à literatura e servir à coletividade. Desse modo, a responsabilidade do escritor é a adesão voluntária. Segundo Sartre (1999, p.132), “a nossa tarefa de escritor é fazer entrever os valores eternos que estão implicados nesses debates sociais ou políticos”. O intelectual deve assumir responsabilidade pelos seus atos, ou seja, responsabilidade da ação. O engajamento político marca o perfil do radicalismo intelectual e político de Sartre. Pode dizer que ele possuía certo “militantismo”. Engajamento significa, antes de tudo, a necessidade de o intelectual estar voltado para a análise da situação concreta em que vive, tornando-se, sobretudo, solidário com os acontecimentos sociais e políticos de seu tempo, deixando de encontrar, no determinismo, possíveis fugas para justificar a sua posição de passividade. O engajamento de Sartre assumiu

⁸⁴ Filósofo profissional, ele tentou pregar para as massas. Sartre era o filósofo da literatura. Transmítia filosofia por meio de peças e romances: o “romance filosófico”. A essência da obra de Sartre foi a projeção de um ativismo filosófico através da ficção e do drama. Seus primeiros textos foram publicados no pós-guerra, mas é somente a partir de 1952 que ele se torna filósofo da política. (JOHNSON, 1990).

⁸⁵ Esta revista constitui-se numa espécie de manifesto sobre a missão dos intelectuais naquele período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Trata da responsabilidade moral e política dos intelectuais. Segundo o editorial, a revista se dedicará a defender a autonomia e os direitos da pessoa. Por isso possui um duplo aspecto: 1) propõe-se a realizar um diagnóstico sobre os erros cometidos no passado e 2) lança um apelo para que os intelectuais assumam suas responsabilidades na reordenação da sociedade no presente, com vistas ao futuro. (JOHNSON, 1990).

um aspecto de obrigação, e não necessariamente de escolha, embora seja objeto de uma escolha individual.

O engajamento de Sartre não era uma postura meramente intelectual, pelo contrário, sua “filosofia da ação” fez com que ele lutasse contra a guerra da Argélia e contra a tortura. Sartre insiste na “desmoralização da nação” e na “responsabilidade coletiva”, e interpela: “Agir significa estar no sentido da história e operar uma transformação no mundo; esses são os motores que justificam o ativismo e o investimento dos intelectuais do pós-guerra na ação política”. (SARTRE, 1999, p.143).

A história dos intelectuais sempre foi pautada pela tênue relação entre cultura e política. Quando tratamos da noção de “engajamento”, entendemos que o intelectual deve viver como um homem de cultura, mas também deve ter uma ação política. Essa ação não precisa ser, necessariamente, partidária. Se não ocorrer essa ação efetiva, o intelectual corre o risco de ser um “solitário na torre de marfim”, como diz Sartre na sua principal crítica lançada em relação aos intelectuais.

Sérgio Buarque de Holanda é, para nós, o melhor representante desse tipo de intelectual no Brasil. Esse “engajamento intelectual” é destacado por Maria Odila Leite da Silva Dias, ex-orientanda e intérprete da obra sergiana, que, em poucas palavras, consegue sintetizar essa idéia que vem ao encontro de nossa visão de intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda:

Parece hoje importante assinalar o fato de ter inaugurado certo viés de militância e engajamento político no trabalho acadêmico. Forma peculiar de luta que envolve a crença na Universidade como instrumento de crítica e sobretudo o empenho numa militância política de que nunca descuidou, subordinada e aliada às atividades de pesquisa, propiciando trabalhos capazes de influir na crítica e, eventualmente, na transformação das atividades políticas no país. Acreditava num trabalho intelectual engajado e achava que o trabalho de pesquisa poderia também constituir forma de militância apta a contribuir para a democracia e para as reformas sociais, que considerava inadiáveis no seu país. (DIAS, 1994, p.273).

A seguir, discutiremos a atuação de Sérgio Buarque de Holanda em diversas instituições a fim de interpretar essa “visão política”, calcada em comportamentos democráticos e contra toda a forma de autoritarismo que implique ferimento dos valores elementares do ser humano, características que moldam e dão vida ao intelectual independente.

3.2 Associação Brasileira de Escritores (ABDE)

Fundada em 1942, a ABDE, visava, ostensivamente, a defender os interesses profissionais dos escritores, sobretudo os direitos autorais. Mas outro objetivo da ABDE era lutar, na medida do possível, como lutou, pela volta das liberdades democráticas. Sérgio foi eleito Presidente da Seção do Rio de Janeiro, em 1945, sucedendo Manuel Bandeira, Otávio Tarquínio de Sousa e Aníbal Machado. Exerceu a presidência da seção paulista por duas vezes, em 1947 e em 1950.

O I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, de 22 a 27 de janeiro de 1945, contou com a participação ativa de Sérgio. A “declaração de princípios”, aprovada em pleno Estado Novo, e lida no Teatro Municipal de São Paulo em janeiro de 1945, reclamava a “liberdade democrática como garantia da completa liberdade de expressão do pensamento, da liberdade de culto, da segurança contra o temor da violência e do direito a uma existência digna”. (BARBOSA, 1987, p.45). Constituiu-se na primeira manifestação coletiva contra a ditadura do Estado Novo. A abertura e o encerramento foram no Teatro Municipal de São Paulo, e as plenárias, no Centro do Professorado Paulista. Coube a Dionélio Machado a leitura da declaração, que dizia:

Os escritores brasileiros, conscientes de sua responsabilidade na interpretação e defesa das aspirações do povo brasileiro, e considerando necessária uma definição do seu pensamento e de sua atitude em relação às questões básicas do Brasil, neste momento histórico declaram e adotam os seguintes princípios:

Primeiro – A legalidade democrática como garantia da completa liberdade de expressão do pensamento, da liberdade de culto, da segurança contra o temor da violência e do direito de uma existência digna.

Segundo – O sistema de governo eleito pelo povo mediante sufrágio universal, direto e secreto.

Terceiro – Só o pleno exercício da soberania popular em todas as nações, torna possível a paz e a cooperação internacionais, assim como a independência econômica dos povos.

Conclusão – O Congresso considera urgente a necessidade de ajustar-se a organização política do Brasil aos princípios aqui enunciados, que são aqueles pelos quais se batem as forças armadas do Brasil e das Nações Unidas. (BARBOSA, 1987, p.45).

Durante o Estado Novo, a ABDE conseguiu o conagraçamento das diversas correntes políticas: liberais, socialistas democráticos, stalinistas, trotskistas. Após o fim do Estado Novo, a ABDE tomou um outro rumo: defender os interessados na literatura e nos direitos da inteligência, sem prejuízo da dimensão política, mas sem subordinação a ela. No 2º Congresso Paulista de Escritores, realizado na cidade de Jaú, em 1949, Antonio Candido preparou uma declaração de princípios que ratifica essas idéias. Embora houvesse vários embates a essa proposta, o seu ponto de vista prevaleceu e foi pensado por Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado e o próprio Antonio Candido, ficando a redação final a cargo de Sérgio Buarque de Holanda. Candido destaca a atuação de Sérgio neste episódio, tendo ele uma atuação de “política literária”. (BARBOSA, 1987).

O Congresso de Escritores simbolizou a passagem a uma nova época, e atestou que os intelectuais detinham, à época da fundação, a autoridade a qual aspiravam antes de 1930.

3.3 Esquerda Democrática

Sérgio revela, numa entrevista⁸⁶, que foi procurar Octávio Brandão, do Partido Comunista, pois desejava entrar para esse partido. Sérgio diz que Brandão era dogmático e bitolado. Essa conversa “tediosa” com Octávio Brandão, publicada no Prefácio de seu livro

⁸⁶ Holanda (2004).

Tentativas de Mitologia, foi a causa de sua iniciação frustrada no marxismo. Ele dizia, ainda, que tinha uma inclinação para a esquerda, mas ainda não conhecia Marx. Só depois foi ler de fato, em alemão, *A ideologia alemã*. Diz que Marx tem um alemão difícil.

Tornou-se membro da Esquerda Democrática em 1945. Nesse movimento conheceu Castro Rabelo, Hermes Lima, Alceu Marinho do Rego, Octávio Tarquínio, Gastão Cruis, Manoel Bandeira, Guilherme Figueiredo e Arnaldo Pedrosa Horta. Mais tarde, em 1947, a Esquerda Democrática tornou-se Partido Socialista Brasileiro, e Sérgio Buarque de Holanda candidatou-se a vereador para compor o número mínimo exigido por lei para a apresentação da chapa⁸⁷. Sérgio concordou em se candidatar, exclusivamente, para completar o número exigido de candidatos para a apresentação da chapa, pois não reunia condições de uma atuação pessoal no campo político: “Naquela eleição fui derrotado, vergonhosamente, é preciso enfatizar. Eu não tinha jeito para pedir votos, direta ou indiretamente. Com o fim do Estado Novo, a única coisa que queríamos era fundar um Partido, o que, afinal, conseguimos”. (HOLANDA, 2004).

No Manifesto da Esquerda Democrática⁸⁸, publicado em 24 de agosto de 1945, lêem-se as linhas ideológicas fundamentais que nortearam o pensamento político de seus membros, que se baseou nos seguintes princípios democráticos: regime representativo, de origem popular, através do sufrágio universal, direto e secreto, com representação proporcional; liberdade de manifestação de pensamento pela palavra escrita, falada e irradiada; liberdade de organização partidária, liberdade de associação, liberdade de reunião, liberdade de cátedra; liberdade de crença e de cultos, de modo que nenhum deles tenha com o governo da União ou dos Estados relações de dependência ou aliança; autonomia sindical e direito de greve. Assim, o objetivo político da Esquerda Democrática é “conciliar o processo das transformações

⁸⁷ Não foi a primeira vez que Holanda é convidado a se candidatar a vereador. Em 1928, foi convidado para ser candidato a vereador no Rio de Janeiro pelo Bloco Operário Camponês, agrupamento de frente única orientado pelo Partido Comunista, mas recusou.

⁸⁸A íntegra deste manifesto pode ser lido em Barbosa (1987).

sociais com as exigências da mais ampla liberdade civil e política, utilizar na realização desse propósito os postulados da democracia e suas instituições”. (BARBOSA, 1987). Por fim, conclamam: “Um partido ou uma corrente política vale pelo nome que tenha ou pelo programa que adote; mas vale também pelos homens que o compõem e, sobretudo, o dirigem”. E ainda, “o tempo urge. O mundo se transforma. E os privilégios estão a ruir”. (BARBOSA, 1987).

Segundo Sérgio, “a linguagem do partido não atingiu a grande massa. Era a chamada *esquerda democrática*, era um partido cheio de intelectuais. Talvez, fosse organizado hoje, teria maior sucesso”⁸⁹.

3.4 Centro Brasil Democrático

Criado por Oscar Niemeyer, Sérgio tornou-se vice-presidente em 1977. No Manifesto de Fundação do Centro Brasil Democrático⁹⁰, publicado em 14 de agosto de 1978, os signatários declararam que, embora pessoas de diferentes convicções e religiões tenham em comum a crença na necessidade de lutar pela democracia e pelos direitos humanos fundamentais em nosso País, para concretizar os ideários democráticos, é necessária a supressão de todas as formas autoritárias de dominação do Estado, tais como o AI-5 e a Lei de Segurança Nacional, além da formação de uma Assembléia Constituinte soberana e livremente eleita. Por fim, convocam todos os brasileiros a se associarem ao Centro, com vistas à “democratização da vida brasileira”.

É por tudo isso que se justifica, segundo o historiador, a existência do Centro Brasil Democrático, “entidade que vai em direção ao povo, criando um ambiente intelectual que

⁸⁹ Diário do Grande ABC, Santo André, 22, n.º 4257, de 13-04-1980. (Siarq/Unicamp).

⁹⁰ A íntegra deste manifesto pode ser lida em Barbosa (1987).

dificulte as perseguições políticas e os abusos à integridade física do cidadão”. (MANCHETE, 1977).

3.5 Partido dos Trabalhadores (PT)

Na sessão de 22 de março de 1980, em seu Manifesto Inicial⁹¹, é realçada a importância da luta pela democracia que, ou se constrói pelas mãos do povo, ou não virá. O PT “nasce da vontade de emancipação das massas populares [...] pretende ser uma real expressão política de todos os explorados”. E continua: “O PT afirma seu compromisso com a democracia plena exercida diretamente pelas massas”.

O historiador, na época, via a tese do PT com muito interesse, por uma razão simples: porque o trabalhador é uma massa que não tem voz no País: “Mas ele adverte que o sucesso do PT está condicionado proporcionalmente ao sucesso de suas lideranças, porque o partido será aceito junto às massas operárias na medida em que seus líderes souberem impor-se à estas mesmas massas”⁹². Profundo conhecedor da história, parecia que Sérgio havia “previsto” a crise por que o PT atravessou após alcançar o poder, em 2002: o distanciamento entre a cúpula e a base.

3.6 A visão democrática de Sérgio Buarque de Holanda

Sérgio Buarque de Holanda dizia, em referência à sua educação familiar: “O que sou hoje acho que é uma reação contra a lembrança deste autoritarismo”. (ANDRADE, 1978, p.177). Como vimos, Sérgio Buarque de Holanda sempre se posicionou contrário a qualquer forma de autoritarismo que cerceasse a liberdade das pessoas ou implicasse um retrocesso no fortalecimento das instituições republicanas. Em *Raízes do Brasil*, ele dizia que a democracia

⁹¹ Idem.

⁹² Diário do Grande ABC, Santo André, 22, n.º 4257, de 13-04-1980. (Siarq/Unicamp).

brasileira sempre foi um “lamentável mal-entendido”. Sérgio explica que, historicamente, a construção das instituições republicanas sempre veio de cima para baixo. Esse modelo autoritário de organização já existia em Portugal, e foi apenas transportado para o Brasil e intensificado devido à escravidão. A confusão entre o público e o privado, chamado por ele de “personalismo”, contribuiu para a não-separação entre as coisas públicas e os negócios privados, dando origem à corrupção, uma das possíveis conseqüências desse problema. A preocupação quanto à questão democrática é discutida em outro livro de Sérgio Buarque de Holanda: *Do Império à República*, da coleção História Geral da Civilização Brasileira. Nesse texto, a democracia aparece associada a uma análise do funcionamento do sistema representativo do Império. Baseado em dados estatísticos, nosso autor procura pintar o quadro de nossa “democracia improvisada”, título de um dos capítulos do livro, e constata que apenas 1% da população tinha direito a votar naquela época.

Embora o conceito de democracia não tenha sido objeto central de seus escritos, toda a sua análise sobre a história brasileira configura a dificuldade do estabelecimento de uma sociedade democrática, baseada em valores como justiça e liberdade. Segundo Sanches (2001, p.116),

A democracia para Holanda tem de ser entendida como uma forma de sociedade, ou seja, baseada em uma forma de comportamento político de origem cultural. A noção comum de democracia não só na década de 30, mas até hoje, é a noção política de democracia, associada ao tipo liberal. Aliás, Sartori diz que, quando a palavra democracia aparece destituída de adjetivo, está se falando em democracia liberal. É nesse sentido que acreditamos ser sua contribuição para o debate da democracia no Brasil. Vimos que Holanda não descarta a importância das instituições parlamentares para a formação de uma base que sustente a sociedade. Só que não é somente através de reformas eleitorais que se consegue consolidar a democracia em uma sociedade. É necessária uma mudança na cultura política brasileira que contribua na transformação das instituições sociais, como a família. Para que isso aconteça, é necessária uma “revolução vertical”, ou seja, uma revolução vinda de baixo para cima, que altere completamente a sociedade.

Ao buscar em nosso passado os motivos de nosso entrave à formação democrática no Brasil, *Raízes do Brasil* traça o perfil de nosso comportamento político, calcado em valores personalistas e cordiais, que facilitaram o sucesso do positivismo e do liberalismo entre nós,

bem como a adoção de soluções autoritárias. Também ao analisar nossa política em *Do Império à República*, Holanda destaca como as reformas eleitorais, ao invés de ampliar em direitos, restringiram-nos, deixando 99% da população de fora das decisões políticas. A democracia no Brasil deixará de ser “um lamentável mal-entendido”, quando conseguirmos superar os valores personalistas e cordiais (raízes ibéricas) responsáveis pela indistinção entre as esferas pública e privada, tão prejudicial à nossa formação e que tem sido um dos entraves à democratização da nossa sociedade. Para Sérgio Buarque de Holanda, devemos inventar uma democracia, diferente das “outras” democracias, européia ou americana, calcadas em valores impessoais e racionais, associados à civilidade e à polidez. (SANCHES, 2001).

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio procura em “nossas raízes” as razões para o “lamentável mal-entendido” de nossa democracia. Assim, o homem cordial aparece como figura central na formação do caráter de nossa elite, mais preocupada com seus próprios interesses do que com o destino da nação. É por isso que Sérgio destaca as críticas feitas aos intelectuais, encobertos de idéias “vindas de fora”, muitas vezes incompatíveis com nossa realidade, para não dizer completamente anacrônicas. Sérgio ataca os liberais, já que esses estariam “muito mais preocupados com a perfeição de suas leis, e integração dessas, do que interessados nas características da sociedade nacional, em pesquisá-la, levando-a em conta na elaboração de suas propostas”. (HOLANDA, 1995, p.183). Os liberais acreditavam no poder das leis sem perceber que havia uma diferença entre a lei que é feita e a lei que é seguida: “Todo o pensamento liberal- democrático pode resumir-se na frase célebre de Bentham: 'a maior felicidade para o maior número' [...] essa idéia está em contraste direto com qualquer forma de convívio humano baseado nos valores cordiais”. (HOLANDA, 1985, p.185).

A preocupação com os estudos sobre democracia levou Sérgio a participar, em 1949, de um comitê organizado pela Unesco, onde elaborou, juntamente com mais oito estudiosos, um meticuloso questionário envolvendo parte considerável dos diferentes tópicos que

gravitam em torno da expressão “democracia”. A primeira etapa desse comitê constituiu-se de um questionário distribuído a vários estudiosos do mundo todo, cujas 83 respostas recebidas deveriam fornecer a maior variedade possível de pontos de vista acerca do conceito de democracia, de natureza variável e capaz de assumir aspectos diversos ou mesmo contrastantes. Desse debate, originaram-se três artigos: “Os problemas da democracia mundial”⁹³, “A Democracia e a tradição humanista”⁹⁴ e “Introdução à democracia”⁹⁵.

No primeiro artigo, publicado em 1949, num momento de discussão sobre os rumos que a democracia tomaria após a Segunda Guerra Mundial, Sérgio colocou uma questão central sobre que tipo de democracia as diferentes nações estavam discutindo. De um lado, a “democracia liberal ou formal”, representada por aqueles que “professam confiança ilimitada nos princípios defendidos pela Revolução Norte-Americana e pela Revolução Francesa” e, por outro lado, a “democracia político-social”, representada por aqueles que “aceitaram sem reservas os postulados do marxismo e o processo de sua realização prática nas repúblicas soviéticas”. Essa dualidade é considerada por Sérgio como um dos mais graves problemas de nossa época. Por isso foi evitado utilizar termos como “democracia ocidental” e “democracia oriental”, considerados incompletos e inadequados. Neste artigo, Sérgio menciona as principais questões levantadas por esse Comitê da Unesco, a saber:

Em que medida se pode admitir que o termo ‘democracia’ é ambíguo? – Em que condições se justifica eventualmente a denúncia de abuso do mesmo termo, lançada contra este ou aquele argumento ideológico? – Cabe dizer que a palavra em apreço é hoje empregada em acepções verdadeiramente novas, comparadas às do século XIX ou às de antes da Guerra Mundial? – Entre essas diferentes espécies de democracia existem caracteres comuns? – É possível admitir-se hoje que a célebre fórmula – ‘governo do povo, pelo povo, para o povo’ – serve para determinar os critérios essenciais da democracia? – Problema terminológico: a palavra ‘democracia’ deve ser usada para exprimir uma noção estreita, noção política, designando os métodos que dirigem a tomada de decisões, ou há de ser empregada para exprimir um conceito largo, conceito político-social, designando não apenas as condições e métodos da tomada de decisões, mas também os seus resultados? – Problema psicológico e social: uma ‘democracia’, na acepção estreita da palavra, poderiam funcionar como tal se nada fosse feito para torná-la ‘democracia’ no sentido lato da palavra? – Problema

⁹³ Originalmente publicados no *Diários de Notícias*, em 19-06-1949, compõem a coletânea de textos históricos organizado por Costa (2004).

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

político, problema das prioridades, das relações entre os fins e os meios: a ‘democracia política’ representaria o melhor meio para atingir o objetivo da ‘democracia social’? A ‘democracia social’ seria o melhor meio de se alcançar o objetivo da ‘democracia política’? A ‘democracia política’ seria o melhor meio de se chegar a algum objetivo particular, fosse qual fosse? Existe entre esses dois conceitos uma relação meio e fim? – Há situações, e em caso afirmativo quais seriam elas, em que a um governo democrático compete reprimir em tempo de paz uma propaganda tendente à mudança de regime? – É admissível que um sistema político de partido único seja conciliável com um forma democrática de governo? – Qual a natureza, terminológica, de fato, ou normativa, do desacordo entre os teóricos adeptos da prioridade da ‘democracia política’ considerada como o meio de se realizar a ‘democracia social’ e aqueles que preconizam a ‘democracia social’ como meio de realizar a ‘democracia política’. (COSTA, 2004, p.23).

A dificuldade em responder a tais questões, juntamente com toda ambigüidade decorrente do sentido etimológico do termo “democracia”, é o tema do segundo artigo escrito por Sérgio Buarque de Holanda, no mesmo ano de 1949, intitulado: “A Democracia e a tradição humanista”. Nesse artigo, Sérgio descreve a fala dos diversos participantes do mesmo Comitê da Unesco que apresentaram seus argumentos, amparados no contexto histórico, mas visivelmente antagônicos. Mais uma vez transparece a polarização entre “democracia burguesa” (capitalista) e “democracia de massas” (socialista), além das discussões em torno dos regimes fascistas e nazistas. Mas existe ao menos um elemento comum e de importância essencial acentuado nas conclusões a que chegou o comitê: “relaciona-se intimamente com a história das tradições em que se apóiam esses pontos de vista”. Todas as formas de democracia, conforme se lê nessas conclusões apresentadas por Sérgio,

‘participam de uma tradição comum de humanismo’. Tanto as formas coletivistas como as instituições liberal-democráticas buscam igualmente a justiça, a igualdade, a liberdade, a liberação do homem para o amplo desenvolvimento de suas faculdades, o igual acesso aos benefícios da civilização e a livre participação nas funções públicas. Nenhuma delas professa a doutrina da dignidade superior de uma raça ou a prioridade definitiva do Estado sobre o indivíduo. (COSTA, 2004, p.35).

Por fim, conclui Sérgio de modo aparentemente otimista: “Seria lícito, talvez, objetivar que, na prática atual, nenhum desses princípios é universalmente respeitado. Contudo, a simples circunstância de existir sobre eles um acordo geral basta para que se

considere sem pessimismo a possibilidade de um auspicioso entendimento”. (COSTA, 2004, p.35).

No terceiro artigo sobre esse tema, intitulado “Introdução à democracia”, Sérgio revela que somente um autor brasileiro respondeu aos questionários que formaram a base dos debates desse comitê: Wilson Martins⁹⁶. Esse “abstencionismo” dos nossos estudiosos foi observado por Sérgio em outras nações, pois “somente o historiador mexicano Sílvio Zavala e o filósofo argentino Francisco Romero se dignaram a atender aos apelos formulados pela direção da Unesco”. (COSTA, 2004, p.25). No caso do Brasil, diz Sérgio, as definições unicamente políticas de democracia já passaram um pouco da moda ou, ao menos, já não se fazem escutar com demasiada frequência. A partir desse momento, Sérgio analisa criticamente o livro de Wilson Martins. A principal falha na argumentação de Martins, segundo Sérgio, é ter separado a preposição “para” da famosa declaração de Lincoln, em Gettysburg: “governo do povo, pelo povo e para o povo”. Martins só reconhece as duas primeiras proposições. A proposição “para o povo” implica uma natureza puramente técnica e administrativa, e não política. Sérgio diz que nenhum governo democrático pode existir ou subsistir sem que inclua entre suas atribuições “essenciais” a de promover o bem público. Portanto, diz Sérgio, o erro de Martins foi separar “governo para o povo” do resto da fórmula.

Esses três artigos revelam o interesse pela discussão mais elaborada da questão da democracia que, embora não apresentada de forma sistemática em seus livros, foi um tema que Sérgio pôde analisar de maneira mais reflexiva em seus artigos científicos. Esse debate exclusivamente sobre o tema “democracia” ocorreu também no intervalo de quarenta anos entre a publicação de *Raízes do Brasil* e *Do Império à República*.

⁹⁶ Segundo Sérgio Buarque de Holanda, no seu artigo “Introdução à democracia” (COSTA, 2004), o núcleo dessa análise foi publicado por Martins sob o título *Introdução à democracia brasileira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1951.

Numa entrevista⁹⁷, Sérgio reitera sua visão sobre a dificuldade de fortalecimento da democracia brasileira. “No Brasil”, diz Sérgio, “sempre foi uma camada miúda e muita exígua que decidiu. O povo sempre está inteiramente fora disso. As lutas, ou mudanças, são executadas por essa elite e em benefício dela, é óbvio. A grande massa navega adormecida num estado letárgico, mas, em certos momentos, de repente, pode irromper brutalmente”. Sérgio não diz claramente que acredita numa revolução popular, embora a “nossa revolução” foi tema do último capítulo de *Raízes do Brasil*, mas parece que ele nunca deixou de acreditar nisso. Ainda nessa entrevista ele diz: “Até agora, todas as revoluções dentro da história do Brasil foram das elites, civis ou militares, mas sempre elites”. (COELHO, 1976).

Embora crente de que não havia democracia ideal, esse tema volta a fazer parte de suas análises, agora amparada historicamente e exemplificada. Sobre a democracia no Brasil, ele afirma:

Por exemplo, no Império havia pouca ocasião de haver essa afirmação do poder militar. Não que todos os militares pensassem assim, mas atualmente chegam a formar um bloco que sugere a existência de um terceiro partido. Na verdade, nunca houve democracia ideal. Até na Suíça existem abusos aos direitos do cidadão, se bem que em menor escala. Mas não é possível que o abuso passe a vigorar como lei. Ora, é preciso que exista pelo menos um paradigma, como um ideal democrático a ser atingido, para orientar a opinião do governo. (MANCHETE, 1977).

Em 1977, Sérgio reiterou a sua tese de que não havia democracia nem no Império, nem na nova República: “Democracia significa que o poder emana do povo. Uma vez que o povo não vota, não há democracia! O que havia [no Império] era o ideal democrático, uma musa. No Brasil, nunca houve democracia. [...] Democracia relativa não tem sentido”⁹⁸. Quando perguntado se havia democracia entre 1946 e 1964, Sérgio disse que “democracia real não havia, mas havia, pelo menos, condições de eleições mais livres. O povo chegava mais perto de seus dirigentes”. Quando indagado sobre o ingresso de intelectuais no MDB,

⁹⁷ Coelho (1976).

⁹⁸ Última Hora, São Paulo, 20 abr. 1978.

Sérgio responde que “não há alternativa, se eu tivesse intenções ou veleidades políticas, entraria para o MDB”. (MANCHETE, 1977).

Já no final da vida, depois de ter atravessado duas ditaduras (Vargas e militar), Sérgio Buarque de Holanda parece estar um pouco pessimista quanto aos rumos da política brasileira, que foi incapaz de concretizar os valores democráticos no Brasil. Em 1980, diz Sérgio, “o analfabeto deve votar, porque se aguardar que todos os analfabetos aprendam a ler e escrever, a participação política das massas demorará muito no Brasil”⁹⁹. Porém ele não vê alternativas políticas viáveis nos partidos de esquerda: “A melhor forma de acabar com o Partido Comunista é através de sua legalização: ele mostraria que não tem força alguma. A exemplo do que já ocorreu depois de 1945”¹⁰⁰. O “partidão”, garante o historiador, acabou servindo no País de bode expiatório para todos os males: “Certamente [hoje] não seria uma força política importante”. Mas, mesmo assim, revela uma ponta de esperança quando diz que “a participação popular no Brasil é muito pequena e sempre foi assim... O povo nunca toma parte nas grandes decisões. E é isso que precisa mudar”¹⁰¹.

Vimos que, na noção de democracia para Sérgio Buarque, não há desprezo pelo papel das instituições sociais e, sim, uma relação de complementaridade entre as bases políticas e as bases culturais. A partir de uma mudança ao nosso comportamento político é que poderemos falar em uma revolução das instituições sociais e parlamentares, a qual preparará o terreno para a realização de uma democracia plena. Só há democracia quando há vida democrática. (SANCHES, 2001).

* * * * *

Neste capítulo, procuramos realizar uma discussão sobre a “visão política” de Sérgio Buarque de Holanda. Essa visão política está calcada em princípios democráticos e na crença

⁹⁹ Diário do Grande ABC, Santo André, 22, n.º 4257, de 13-04-1980. (Siarq/Unicamp).

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Idem.

da maior participação do povo nos destinos da nação. Como consequência disso, Sérgio sempre denunciou, em seus escritos, pronunciamentos e ações contra a tradição autoritária, presente nas entranhas da formação do Estado e da sociedade brasileira. É nesse sentido que vemos que o posicionamento democrático de Sérgio Buarque de Holanda, em muito, se destaca na história dos intelectuais no Brasil, em sua maioria, predispostos a se aproximarem e permanecerem nas franjas do poder.

Ao participar de alguns movimentos sociais, podemos perceber, claramente, a coerência entre seus escritos e suas ações, que mantiveram sempre a independência intelectual na interpretação do Brasil e a crença absoluta nos valores democráticos, além da real percepção da ausência desses valores em terras brasileiras. Chamamos isso de engajamento político, nos moldes escritos e vividos por Sartre.

Conclusão

CONCLUSÃO

É, igualmente, impossível relacionar todos os artigos que assinou em jornais e revistas, todas as entrevistas que concedeu, todos os manifestos que subscreveu, todas as declarações, todas as atitudes em que definiu as suas idéias e a sua posição política e social.

(Maria Amélia, viúva de Sérgio Buarque de Holanda).

A tese central de nosso trabalho configurou-se na questão de Sérgio Buarque de Holanda como intelectual independente. Para nós, intelectual independente é um tipo de intelectual que possui uma vida atuante na sociedade, seja por meio de suas idéias expostas de forma escrita, seja na participação em instituições sociais. O ponto básico é a liberdade. Entendemos que tal intelectual, mesmo exercendo cargo público, consegue manter-se distante, ou pelo menos neutro, da ideologia de Estado, estando mesmo fiel às suas próprias ideologias e convicções. Além disso, todo intelectual independente não deve (ou deveria) ficar preso no uso das metodologias que, com certeza, engessam seu pensamento e o afastam do rigor científico e da clareza das idéias. Para nós, Sérgio Buarque de Holanda destaca-se na história da intelectualidade brasileira exatamente por manter certo distanciamento das franjas do poder e dos modismos e análises “vindas de fora”, tão presentes nos intelectuais brasileiros.

Sérgio Buarque de Holanda é, para nós, o melhor representante desse tipo de intelectual no Brasil. Para sustentar essa tese, recorreremos à análise de sua formação intelectual, sua atuação na universidade e sua visão política. Verificamos que, desde seus primeiros artigos publicados na imprensa, o estilo requintado, fino e crítico do jovem historiador esteve sempre presente, aliás, nunca o abandonou. A crítica destilada aos intelectuais brasileiros do começo do século XIX, presente em *Raízes do Brasil*, revela a grande preocupação de Sérgio: explicar o Brasil e entender o grande mal-entendido de nossa

democracia, sem cair em explicações simplistas ou por vias autoritárias. Os intelectuais brasileiros de então, em sua quase totalidade, tinham concepções autoritárias das coisas, não souberam (ou não quiseram) conduzir seus pensamentos por essa via, a democrática.

Vimos que as décadas de 20 e 30 marcaram o posicionamento dos intelectuais em duas correntes: autoritários e democráticos. Sérgio destacou-se exatamente pela sua escolha pela corrente democrática. Aliás, mesmo dentro dessa corrente, parece que Sérgio falava sozinho.

O fato de Sérgio ter ocupado por toda sua vida cargos públicos, sempre por indicação de um amigo, revela duas situações típicas da vida intelectual brasileira: 1) a quase exclusiva atuação de um intelectual em algum órgão governamental e 2) a rede de relações, fatos que marcam a administração pública brasileira. No entanto, os cargos ocupados por Sérgio foram todos de caráter técnico, que exigiam do postulante, conhecimentos e experiência para exercer essa função. Pelos resultados analisados em cada um desses cargos, verificamos a marca deixada pelo historiador: a ruptura da inércia e do excesso de burocracia e o aumento da qualidade nos serviços. A nosso ver o fato de Sérgio ter aceitado esses empregos, deu-se pela possibilidade de ação, transformação e independência, características que marcam o intelectual independente. Nesse sentido, Sérgio destacou-se pela sua atuação reconhecida a frente desses cargos, diferente de vários intelectuais cooptados pelo Estado Novo, conforme discutimos no capítulo 1.

A vida do intelectual independente na universidade foi o foco do capítulo 2. Depois de atuar como jornalista em toda a década de 20, Sérgio teve sua primeira experiência docente na Universidade do Distrito Federal, no início da década de 30. Entre 1946 e 1956 Sérgio foi professor da Escola Livre de Sociologia e Política, atividade conjunta com a Direção do Museu Paulista. Após 1956, ingressou na USP. A vida acadêmica, na verdade, pode ser considerada o último reduto de atuação dos intelectuais hoje. Nas décadas de 20, 40 e 50, ainda verificamos que as atividades jornalísticas e a vida boêmia, como diz Jacoby (1987),

são funções possíveis de atuação do intelectual. As mudanças da sociedade no pós-guerra, juntamente com as propostas de ampliação do ensino superior no Brasil, abriram a possibilidade de uma nova carreira para Sérgio Buarque de Holanda: a Universidade de São Paulo. Acreditamos que só foi possível seu ingresso na USP devido às condições por que passava tal universidade no final dos anos 50, a saber: a valorização do mérito e a liberdade possibilitada pela cátedra. Esses fatores, juntamente com o prestígio, certamente foram decisivos para a escolha de Sérgio. Os treze anos na USP, discutidos no capítulo 2, reforçaram a convicção da concretização do intelectual independente que foi Sérgio Buarque de Holanda. Quando o regime militar iniciou um processo de perseguição aos professores e o cerceamento da liberdade docente, Sérgio resolveu aposentar-se, pois, além de já ter tempo para isso, essas atitudes feriam seus princípios éticos.

O seu pedido de aposentadoria é o reflexo do posicionamento “radicalmente democrático” e da “visão política” de Sérgio Buarque de Holanda, termos usados por Antonio Candido, que foi foco do terceiro e último capítulo que completam nossa discussão. Entendemos que o intelectual independente deve, além de ter uma formação sólida e coerência de idéias, também ser engajado para a realização de suas idéias e ideais. Ao participar ativamente da construção de algumas instituições sociais, Sérgio pôde, de maneira fundamental, contribuir para a consolidação da democracia no Brasil. A Associação Brasileira de Escritores, a Esquerda Democrática, o Centro Brasil Democrático e o Partido dos Trabalhadores, cada qual com suas especificidades e inseridos num contexto histórico distinto, possuem em seus estatutos a luta pela liberdade, igualdade e democracia no Brasil. São essas as características que levaram Sérgio a se engajar nesses projetos.

Ao discutir e analisar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, procuramos compreender o próprio papel do intelectual na sociedade moderna e, principalmente, no Brasil. O intelectual brasileiro, como disseram Sérgio Miceli e Daniel

Pécault, teve participação ativa na construção do Estado brasileiro e foi responsável tanto pelos avanços quanto pelos retrocessos nas condições sociais da grande massa.

Ao resgatar a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, pudemos perceber, também, que o seu sucesso demandou uma série de condições sociais e familiares. Oriundo de uma família da classe média, Sérgio teve a oportunidade de estudar em excelentes colégios e receber uma educação de qualidade. Tanto é que seu professor de História no colégio foi Afonso Taunay, historiador que abriu as portas para Sérgio em vários momentos. Depois do casamento com Maria Amélia, Sérgio pôde dedicar-se em tempo integral ao trabalho, já que a esposa cuidava de tudo: das finanças, da educação dos filhos e dos afazeres domésticos.

A Universidade de São Paulo, à sua época, vivia um grande momento de expansão e vivacidade. Hoje, vemos que a universidade pública está passando por um processo de sucateamento, devido à redução de verbas e de bolsas. Como exigir dos intelectuais dessas universidades engajamento e independência se não há condições materiais e humanas? Na universidade pública, não há expansão de vagas e contratações de novos docentes há muitos anos. Para onde irão os jovens intelectuais que se formam? Parte ingressou nas universidades e faculdades particulares, que cresceram absurdamente na última década. Segundo a legislação, essas faculdades não são obrigadas a realizar pesquisas e, quando o fazem, em cursos de especialização *Lato Sensu*, não se cobra a qualidade necessária, pois os alunos que procuram tais cursos, em sua maioria, só estão interessados no título. Como conciliar produção científica com uma jornada de trabalho baseada exclusivamente em horas/aula? Como exigir engajamentos desses jovens intelectuais nestas universidades que seguem a lógica de mercado? Difícil.

Esse é, para nós, o lamentável cenário da crise dos intelectuais, um processo que se iniciou com a geração de Sérgio Buarque de Holanda, atravessou a criação e consolidação da USP (de 1934 até 1968) e se completa com a deteriorização, após 1969, fenômeno que

continua até hoje. Por fim, acreditamos que Sérgio Buarque de Holanda se destaca nesse universo, pois sempre foi coerente com suas idéias e ações, calcadas na defesa incomensurável da democracia e na maior participação do povo no destino da nação. Essa foi sua missão, e ele a cumpriu.

Referências

REFERÊNCIAS

A) De Sérgio Buarque de Holanda:

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995a.

_____ **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____ Corpo e alma do Brasil. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987a.

_____ Corpo e alma do Brasil – entrevista de Sérgio Buarque de Holanda. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 69, 2004, p. 03- 14.

_____ **A contribuição italiana para a formação do Brasil**. Organização e tradução de Andréia Guerini. Florianópolis: NUT/NEIITA/USFC, 2002.

_____ A criação do Instituto de Estudos Brasileiros. **Revista do Brasil**, v.3, n.6, 1987b.

_____ A democracia é difícil. **Revista Veja**. São Paulo, 28 jan. 1976.

_____ Discurso do Sr. Sérgio Buarque de Holanda. **Revista da Academia Paulista de Letras**, São Paulo, v.22, n.67, jul. 1962.

_____ **O Espírito e a Letra I e II**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996a.

_____ **O Escritor**, 1980.

_____ Gosto arcádico. In: _____ **Esboço de figura** – homenagem a Antonio Candido. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

_____ Lado oposto e outros lados. **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987c.

_____ **Livro dos Prefácios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996b.

_____ **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____ **Do Império à República**. Rio de Janeiro: Difel, 1977. (Tomo II. Coleção História Geral da Civilização Brasileira, v.5).

_____ Novas cartas chilenas. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987d.

_____ Os projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil ao tempo do Grão-Duque Fernando I (1587 – 1609). **Revista de História**, São Paulo, n. 71, p. 61 – 84, 1967.

_____ **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____ O senso do passado. In: **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3,n.6, 1987e.

_____ **Tentativas de mitologias**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____ Thomas Mann e o Brasil. **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987f.

_____ A viagem a Nápoles. In: **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987g.

_____ **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

B) Sobre Sérgio Buarque de Holanda:

A biblioteca de Sérgio Buarque de Holanda – depoimento das bibliotecárias da Unicamp. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 17-20, set. 2002.

Acervo pessoal de dez mil volumes na Unicamp. **O Estado de São Paulo**. Suplemento Cultura, 25.04.1992.

AGUIAR, Flávio. A moldura e o espelho. In: DECCA, Edgar S.; LAMAIRE, Ria. **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas/Porto Alegre: Editora da Unicamp/Editora da UFRS, 2000.

AGUIAR, Flávio. **Antonio Candido pensamento e militância**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

AGUIAR, David Peres. **Fronteira e identidade na visão de Sérgio Buarque de Holanda em São Paulo colonial**. 2000. 110p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista – Unesp, Franca, 2000.

ANDRADE, Jorge. **Labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ANDRADE, Mário. Resposta a Manuel Bandeira. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

ANDRADE, Oswald. O homem cordial. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

ANDRADE, Rodrigo M.F. Singularidade e multiplicidade de Sérgio. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética na experiência brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ASSIS, Arthur Oliveira Alfair. **O que fazem os historiadores, quando fazem história?** A teoria de história de Jörn Rusen e Do Império à República de Sérgio Buarque de Holanda. 2004. 130p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ATHAIDE, Tristão. Para além dos cruzamentos. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

ATHAYDE, Tristão. No limiar dos cruzamentos. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

AVELINO FILHO, George. As raízes de Raízes do Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.18, set. 1987.

AVELINO FILHO, George. Cordialidade e Civilidade em Raízes do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.12, fev. 1990.

AVELLA, Aniello Ângelo. Itinerários italianos de Sérgio Buarque de Hollanda. In: HOLLANDA, S.B. **A contribuição italiana para a formação do Brasil**. Organização e tradução de Andréia Guerini. Florianópolis: NUT/NEIITA/USFC, 2002.

BANDEIRA, Manuel. Apresentação. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

BANDEIRA, Manuel. Sérgio, anticafajeste. In: _____. **Sérgio, renovador**: exposição comemorativa dos 50 anos de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

BARBATO JR, Roberto. Os intelectuais, a política e o Departamento de Cultura de São Paulo. **Revista Trapézio**, Campinas, n.3/4, 1º sem, 2004.

BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

BARBOSA, Francisco de Assis. Sérgio, o homem político. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil. In: _____. **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. Sérgio Malasarte. In: _____. **Sérgio, renovador**: exposição comemorativa dos 50 anos de “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1986.

BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquiria D. L. **Intelectuais e política**: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

BASTOS, Elide et al. (Orgs.). **Intelectuais**: sociedade e política. São Paulo: Cortez, 2003.

BATISTA, Marta Rossetti. Sérgio Buarque de Holanda e o Instituto de Estudos Brasileiros. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.) **Perfis Buarqueanos** – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

BATTISTONI FILHO, Duílio. Sérgio Buarque de Holanda em Berlim. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 347-350, out-dez. 2002.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. A dinâmica das *Monções* na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 69-82, set, 2002.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Raros privilégios: homenagem a Sérgio Buarque de Holanda. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 317-320, out-dez. 2002.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Sérgio Buarque e Cassiano Ricardo: confrontos sobre a cultura e o Estado brasileiro. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.) **Leituras cruzadas** – diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2000.

BLAJ, Ilana. Pulsações, sangrias e sedimentação: Sérgio Buarque de Holanda e a análise da sociedade paulista no século XVII. In: _____. **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

BLAJ, Ilana. Sérgio Buarque de Holanda: historiador da cultura material. In: _____. **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

BLAJ, Ilana; MALUF, Marina. Caminhos e Fronteiras: o movimento na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista de História**, São Paulo, n. 122, p. 17 – 46, jan/ jul. 1990.

BOMENY, Helena. **Os intelectuais na educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOSI, Alfredo. Homenagem a Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.3, nov. 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. **Relendo Raízes do Brasil**. 2000. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br>. Acesso em: 05 jan. 2000.

BURKE, Peter. A história total. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p.8-9.

CAETANO, Rodrigo da Costa. **Geografia e ideologia**: Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. 2004. Disponível em: <http://www.cibergeo.org/agbnacional>. Acesso em: 08 out. 2004.

CALDEIRA, João Ricardo Castro. Sérgio Buarque de Holanda, intelectual do Brasil. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.). **Perfis Buarqueanos** – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

CALDEIRA, João Ricardo Castro (Org.). **Perfis Buarqueanos** – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

CALDEIRA, João Ricardo Castro. Historiografia brasileira: 1930 –1969. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 87-96, set. 2002.

CALDEIRA, João Ricardo Castro. Sérgio Buarque de Holanda e a *História Geral da Civilização Brasileira*. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 307-313, out-dez. 2002.

CALDEIRA, João Ricardo Castro. Sérgio Buarque de Holanda, mestre em Ciências Sociais. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 170, jul/ set. 1998.

CALDEIRA, João Ricardo Castro. **IEB: origem e significado** – um estudo sobre o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. 2000. Tese (Doutorado)- FFLCH, USP, São Paulo, 2000.

CAMPOS, Haroldo. Crítico antecipou os rumos da literatura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 abr. 1992. Caderno Mais!

CANDIDO, Antonio. As tentativas de mitologia de Sérgio Buarque de Holanda. **Jornal da UBE**, São Paulo, n.100, out. 2002.

CANDIDO, Antonio. Contos de duas cidades. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.). **Perfis Buarqueanos** – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

CANDIDO, Antonio. Prefácio a *Raízes do Brasil*. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 351-352, out-dez. 2002.

CANDIDO, Antonio. Sérgio Buarque de Holanda. In: COSTA, Marcos (Org.). **Para uma nova história** – Textos de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antônio. A Revolução de 30 e a Cultura. In: _____. **A Educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jan. 1998. Caderno Mais!

CANDIDO, Antonio. Amizade com Sérgio. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n. 6, 1987.

CANDIDO, Antonio. Inéditos sobre Literatura Colonial. In: COLÓQUIO DA UERJ, 3., 1992, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: PubliFolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, S B. **Raízes do Brasil**. São Paulo:Companhia das Letras, 1995.

CANDIDO, Antonio. Post-Scriptum. In: HOLANDA, S B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CANDIDO, Antonio. Radicalismos. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n.8, jan./abr. 1990.

CANDIDO, Antonio. Resenha de *Cobra de Vidro*. **Clima**, São Paulo, n. 13, ago. 1944.

CANDIDO, Antonio. Sérgio, o radical. In: **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.37, 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique. O Brasil, as raízes e o futuro. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, n.6, 1987.

CARDOSO, Irene **A universidade da comunhão paulista**. São Paulo: Cortez, 1982.

CARDOSO, Irene. **Para uma crítica do presente**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

CARVALHO, José M. Cinquentenário de *Raízes do Brasil*. **Sérgio, renovador**- Exposição comemorativa dos 50 anos de “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

CARVALHO, Marcus Vinícius Correa. **Outros lados: Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política (1920 – 1940)**. Campinas: IFCH, Unicamp, 2003.

CARVALHO, Marcus Vinícius Correa. Sérgio Buarque de Holanda, escritor de espírito, não de escola. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 21-26, set. 2002.

CARVALHO, Marcus Vinícius Correa. **Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e Vida**. 1997. Dissertação (Mestrado) - IFCH, Unicamp, Campinas, 1997.

CARVALHO, Roberto Machado. O centenário de Sérgio Buarque de Holanda. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 294-296, out-dez, 2002.

CASTELLO, José. Divertido e malicioso, só quando estava com amigos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 de abr.1992. Suplemento Cultura,

CASTRO, Conrado Pires. Motivos ibéricos, pretextos literários: aspectos modernistas de *Raízes do Brasil*. **Trapézio**, Campinas, n. 3/4, 1º sem, 2003.

CASTRO, Conrado Pires. Vagas insinuações no plano das idéias: uma (re) leitura de *Raízes do Brasil*. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 115-131, set. 2002.

CASTRO, Conrado Pires. **Com tradições & contradições**: contribuição ao estudo das raízes modernistas do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda. 2001, 253 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

- CERRI, Cláudio; SAVAZONI, Rodrigo. Eterno militante. **Educação**, São Paulo, out. 2002.
- CHASSOT, Walkíria Costa Fucilli. Sérgio Buarque de Holanda e a historiografia paulista. **Revista de História**, São Paulo, n.122, p. 47-69, jan/jun. 1990.
- CIVALE, Leonardo. **O avesso do Dr. Progresso** – modernidade, tradição e “Raízes do Brasil”. 1995. 127p. Dissertação (Mestrado) - Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- COHN, Gabriel. O pensador do desterro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p.10-11
- COSTA, Emília Viotti. Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil*. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 27-38, set. 2002.
- COSTA, João Cruz. **Contribuição à História das Idéias no Brasil**: o desenvolvimento da Filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- COSTA, Marcos Antonio Silva. O centenário de Sérgio Buarque de Holanda. (1902-2002). **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 105-114, set. 2002.
- COSTA, Marcos Antonio Silva. **A contradição entre herança ibérica e modernização brasileira no pensamento político de Sérgio Buarque de Holanda**.2002. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, 2002.
- COSTA, Marcos. **Para uma nova história**: textos de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- COSTA, Valeriano Mendes Ferreira. Vertentes democráticas em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n.26, 1992.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Os intelectuais e a organização da cultura no Brasil. **Temas de Ciências Humanas**, 1981.
- COUTO, Rui Ribeiro. El hombre cordial, producto americano. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.
- CUNHA JR. Chico fala sobre o pai. **O Estado de São Paulo**, 05 jul.1992.
- DAMÁZIO, Reynaldo. Raízes da crítica moderna em Sérgio Buarque de Holanda. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.) **Perfis Buarqueanos** – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.
- DAMÁZIO, Reynaldo. Do modernismo à modernidade: Sérgio Buarque de Holanda e a crítica literária. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 132-138, set. 2002.
- DECCA, Edgar Salvatori de. **Raízes do Brasil**: um ensaio das formas históricas. 2000. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

DECCA, Edgar Salvatori de. Teoria método históricos em *Raízes do Brasil*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Leituras cruzadas** – diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

DECCA, Edgar Salvatori de. **Decifra-me ou te devoro**: as metáforas de *Raízes do Brasil*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

DEMO, Pedro. **Intelectuais e vivaldinos**. São Paulo: Almed, 1982.

DIAS, Boaventura Vagner de Sousa. **A idéia de democracia em “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freire e em “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda**. 2000. 150f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

DIAS, Maria Odila Leite Silva. Testemunha ocular. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p. 24-25

DIAS, Maria Odila Leite Silva. De “Monções” a “Caminhos e Fronteiras”. **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro, v. 3, n.6, 1987a.

DIAS, Maria Odila Leite Silva. Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

DIAS, Maria Odila Leite Silva. Pequena biografia. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

DIAS, Maria Odila Leite Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Organização Perseu Abramo, 1998.

DIAS, Maria Odila Leite Silva. Raízes do Brasil. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 mar. 1987b. Caderno Cultura.

DIAS, Maria Odila Leite Silva (Org.). Sérgio Buarque de Holanda – historiador. In: _____ **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 51).

DIAS, Maria Odila Leite Silva. Sérgio Buarque de Holanda na USP. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.8, n.22, set/dez. 1994.

DIAS, Maurício Sérgio. **Museu, história e etnologia**: as relações entre a história e a etnologia na obra “Caminhos e Fronteiras”, de Sérgio Buarque de Holanda. 2003. 239f. Dissertação (Mestrado) - História, Universidade Estadual Paulista – Unesp, Assis, 2003.

DOSSE, Françoï. **História e Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2004.

DULCI, Luiz. Sérgio Buarque de Holanda petista. In: **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

DUTRA, Eliana de Freitas. Introdução. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). **Um historiador nas fronteiras** – O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

ENTRE as obras, o clássico chamado “Raízes do Brasil”. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 abr. 1982.

ETHNOS Brasil: dossiê Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, v.1, n.2, set. 2002.

EUGÊNIO, João Kennedy. **O outro ocidente:** Sérgio Buarque de Holanda e a interpretação do Brasil. 1999, 294 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1999.

EULÁLIO, Alexandre. Sérgio Buarque de Holanda – Escritor. In: HOLANDA, S B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?**. São Paulo: Ática, 1998.

FAORO, Raymundo. Mestre Sérgio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p. 4-6.

FAORO, Raymundo. Sérgio Buarque de Holanda: analista das instituições brasileiras. In: **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

FERREIRA, Gabriela Nunes. A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n.37, 1996.

FICHTE, Johann Gottlieb. Sobre a missão do erudito. In: BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquiria D. L. **Intelectuais e política:** a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

FINAZZI-AGRÒ. Ettore. **Soglio: il “luogo terzo” della identità brasiliana**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

FINAZZI-AGRÒ. Ettore. A trama e o texto: história com figuras. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). **Um historiador nas fronteiras:** o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. A terra reencantada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 12-15, 23 jun. 2002.

FRANÇOSO, M.C. **Sérgio Buarque de Holanda:** a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado) -IFCH, Unicamp, Campinas, 2004.

FREI BETO. A despedida. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. São Paulo: Record, 1990.

FREYRE, Gilberto. Sérgio, mestre dos mestres. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. GALVÃO, Waldenice Nogueira. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 42, v. 15, p.471-486, maio/ago, 2001.

GARCIA, Sylvia G. **Destino ímpar – sobre a formação de Florestan Fernandes**. São Paulo: Editora 34, 2002.

GENRO, Vanderlei Nunes. **Da cordialidade e do favor: uma leitura de “Raízes do Brasil”**. 1998. 180f. Dissertação (Mestrado) - História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

GIANNETTI, Eduardo. Ultra aequinoxialem non peccari. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 mar. 1999. Ilustrada.

GOLDMAN, Elisa. **A cultura personalista como herança colonial em *Raízes do Brasil***. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia>>. Acesso em: 07 out. 2004.

GOMES, Angela de Castro. A dialética da tradição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.12, fev. 1990.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GRAHAM, Richard. Uma entrevista. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere – Volume 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HISTÓRIA e arte convivem no jovem Sérgio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 abr. 1992. Caderno Mais!.

HORCH, Rosemarie Erika. Bibliografia de Sérgio Buarque de Holanda. In: **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

IEB, criado para estimular a pesquisa multidisciplinar. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 1992. Suplemento Cultura.

IELO, Maurício. Às vésperas dos 80 anos, a morte de Sérgio Buarque. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 abr. 1982.

IGLESIAS, Francisco. Evocação de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

IGLESIAS, Francisco. Sérgio Buarque de Holanda, Historiador. In: **Sérgio Buarque de Holanda 3º Colóquio UERJ**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

IOKOI, Zilda. **100 anos de Sérgio Buarque de Holanda**: a fortuna crítica de Sérgio Buarque de Holanda. In: PENSAVENTO, Sandra Jutahy (Org.). **Leituras cruzadas**: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2000.

JACOBY, Russel. **O fim da utopia**: política e cultura na era da apatia. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2001.

JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais**. São Paulo: Edusp, 1987.

JAGUARIBE, Hélio. Raízes do Brasil e a transição para a sociedade de massas. In: OLIVEIRA, Sérgio Mascarenhas (Org.). **Raízes e Perspectivas do Brasil**. Campinas: Papirus/Unicamp, 1985.

JANOTTI, M.L.M. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da república. In: FREITAS, Marcos César de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.

JOHSON, Paul. **Os intelectuais**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

KANTOR, Íris. Diálogos hemisféricos: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 314-316, out-dez, 2002.

KANTOR, Íris et al. **A Escola Livre de Sociologia e Política**: ano de formação 1933 – 1953. São Paulo: Escuta, 2001.

KANTOR, Íris. *A Conquista do Oeste*: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda, de Robert Wegner. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 143-144, set. 2002.

KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos 50. In: FREITAS, Marcos César de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.

LAHUERTA, Milton. **Elitismo, autonomia, populismo**: os intelectuais na transição dos anos quarenta. 1992. Dissertação (Mestrado) - Campinas, IFCH/ Unicamp, 1992.

LAHUERTA, Milton. **Intelectuais e transição**: entre política e a profissão. Tese (Doutorado) - FFLCH/ USP, São Paulo, 1999.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena C.; COSTA, Wilma P. (Org.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da Unesp/Fapesp, 1997.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na primeira República : uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (Org.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Difel, 1977. Tomo III. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira, 2).

LAMOUNIER, Bolívar. Raízes do Brasil. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

LEENHARDT, Jacques. *Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*: algumas questões sobre a origem da colonização portuguesa no Brasil. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

LEENHARDT, Jacques. Frente ao presente do passado: as raízes portuguesas do Brasil. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Um historiador nas fronteiras**: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

LEFORT, Claude. **Maquiavel e a *verità effettuale***: écrire à l'épreuve du politique. Paris: Seuil, 1992.

LEITE, Dante Moreira. **Caráter Nacional Brasileiro**. São Paulo: Gráfica da USP, 1954.

LEONEL, Maria Célia. **Estética Revista Trimestral e Modernismo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

LIMA, Luiz Costa. Sérgio Buarque de Holanda: *visão do paraíso*. **Revista USP**, São Paulo, n.53, mar./maio. 2002. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/n53/numero53.html> . Acesso em : 20 mar. 2004.

LIMA, Luiz Costa. Visão do paraíso e o cimento do método. **Cult**, São Paulo, v.5, n. 58, 2002.

LIMA, Luiz Costa. Um crítico em mutação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p. 18-19.

LINHARES, Maria Y. O paraíso, buscando um dia, nestas terras. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

Livro traz colóquio sobre o historiador. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 abr. 1992. Mais!

LOSURDO, Domenico. Os intelectuais e o conflito: responsabilidade e consciência histórica. BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquiria D. L. **Intelectuais e política**: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Raízes do Brasil - uma releitura. **Revista Estudos Brasileiro**, São Paulo, n.2, dez. 1976.

MAIA, Patrícia Albano. As temporalidades em *Caminhos e Fronteiras*. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 83-86, set. 2002.

MAIA, Patrícia Albano. A circulação dos saberes americanos e europeus: um estudo sobre a "Botica da natureza". **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 341-346, out-dez. 2002.

MARCONDES, Renato Leite. O homem cordial e suas relações econômicas. **Informações FIPE**, São Paulo, n.170, p.19-21, nov. 1994.

MARETTI, Eduardo. Retratos das raízes do Brasil : entrevista com Nelson Pereira dos Santos. **Cult**, São Paulo, v.6, n. 61, 2002, p. 10-15.

MARQUES, Fabrício. As raízes de Sérgio Buarque : centenário do historiador tira do limbo sua dissertação de mestrado. **Revista Pesquisa Fapesp**, nov. 2003.

MARTINS, José Pedro. **O Brasil, o poder e a sociedade segundo Sérgio Buarque de Holanda**. Disponível em: <<http://www.cosmo.com.br>>, Acesso em: 7 out. 2004.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira (1897-1914)**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977. v.5.

MATOS, Odilon Nogueira. Sérgio Buarque de Holanda no seu centenário. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 278-290, out-dez. 2002.

MAXWELL, Kenneth. Ousadia na poeira dos arquivos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, , 23 jun. 2002, p. 22. Caderno Mais!

MESGRAVIS, Laima. Os prefácios de Sérgio Buarque de Holanda. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 63-68, set. 2002.

MESGRAVIS, Laima. Aspectos da sociedade paulista no século XIX na visão de Sérgio Buarque de Holanda. In: **SÉRGIO Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

MEYER, Augusto. Visão do Paraíso. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

MEYER, Augusto. No centenário de Sérgio Buarque de Holanda. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.). **Perfis Buarqueanos – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

MICELI, Sérgio (Org). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, 1989. v. 1-2.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e a classe dirigente no Brasil**. São Paulo: Difel, 1979.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MILLIET, Sérgio. À margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

MIRANDA, Tiago dos Reis. Manuscrito comprova erudição do autor. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 abr. 1992.

MOISES, Massaud. Sérgio Buarque de Holanda e a crítica literária. **Revista Brasileira: fase 7/ Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 32, p.183-189, jul./ago./set. 2002.

MONTEIRO, Pedro Meira. A cordialidade evanescente em *Raízes do Brasil*. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 97-104, set. 2002.

MONTEIRO, Pedro Meira. **A queda do Aventureiro**: aventura e cordialidade e os novos tempos em *Raízes do Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

MONTEIRO, Pedro Meira. **Sérgio Buarque de Holanda e as palavras**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

MONTEIRO, Pedro Meira. **Sérgio Buarque de Holanda e os atores da “nossa revolução”**. Cadernos de História Social, Campinas, n. 4, p. 59-72, out. 1996.

MORAES NETO, Prudente. O lado oposto e outros lados. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

MORSE, Richard. Meu amigo Sérgio. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

MOTA, Carlos Guilherme. Cultura Brasileira ou Cultura Republicana?. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n. 4, v.8, jan./abr. 1990.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1998.

MOTA, Lourenço Dantas. **Introdução ao Brasil**. São Paulo: Senac, 1999.

MOTTA, José Flávio. Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. **Informações FIPE**, São Paulo, n.214, p.21-23, jul. 1998.

MOURA, Denise. Sérgio Buarque de Holanda e seus mundos desvelados. **Revista USP – Dossiê Intérpretes do Brasil – anos 30**, São Paulo, n.38, p. 28-37, jun/jul/ago. 1998.

MOURA, Esmeralda Blance Bosonare. Sérgio Buarque de Holanda: um duradouro encontro. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n.187, p. 325-333, out-dez. 2002.

MOUTINHO, J. G. N. O crítico literário. **Revista do Brasil**, São Paulo, v.3, n.6, 1987.

NASSAR, Laura Meloni. **Círculos críticos: Sérgio Buarque de Holanda e as literaturas de Língua Inglesa**. 2004. 127p. Dissertação (Mestrado) - Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, 2004.

NEMI, Ana Lúcia Lana. Os intelectuais nos anos 20: caminhos e ambigüidades. **Trapézio**, n. 3/4, 2003.

NEUMANN, Vera C. Os livros e as histórias: perfil do Prof.º Sérgio. In: **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1988.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Sérgio Buarque de Holanda, o homem. In: **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

NOVAIS, Fernando. Comunicação à comunicação de Antônio Cândido. In: **Sérgio Buarque de Holanda 3º Colóquio da UERJ**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

NOVAIS, Fernando; ARRUDA, Maria Arminda N. Apresentação: revisitando intérpretes do Brasil. **Revista USP – Dossiê Intérpretes do Brasil – anos 30**, São Paulo, n.38, p. 6-9, jun/jul/ago. 1998.

NOVINSKY, Anita. Sérgio e os judeus. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 39-46, set. 2002.

O mundo intelectual reage diante da notícia inesperada. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 abr. 1982.

ODALIA, Nilo. Sérgio Buarque de Holanda – *Raízes do Brasil*. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 47-52, set. 2002.

OLIVEIRA, Fátima Bayma. **Pós-Graduação** – educação e mercado de trabalho. Campinas: Papyrus, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Modernidade e questão nacional. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n.20, maio 1990.

ORTIZ, Renato. **Ciências Sociais e trabalho intelectual**. São Paulo: Olho D'Água, 2002.

PALAMARTCHUK, A.P. **Ser intelectual comunistas**: escritores brasileiros e o comunismo (1920 – 1945). 1997. Tese (Doutorado) - IFCH, Unicamp, Campinas, 1997.

PAULA, João Antonio. **Sérgio Buarque de Holanda e Fernando Braudel**. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/boletim>>. Acesso em: 07 out. 2004.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.

PÉCORA, Alcir. A importância de ser prudente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p. 20-21.

PEIXOTO, Antônio Carlos. A diferença e a unidade em torno de algumas idéias de Sérgio Buarque. In: **Sérgio Buarque de Holanda 3º Colóquio da UERJ**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PENNAFORT, Onestaldo. O jovem Sérgio. **Sérgio, renovador**- exposição comemorativa dos 50 anos de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. **O homem cordial e outros homens** – um estudo sobre Sérgio Buarque de Holanda. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/publicacoes/revista>>. Acesso em: 07 out. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org). **Um historiador nas fronteiras** – O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cartografias do tempo: palimpsestos na escrita da história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). **Um historiador nas fronteiras** – o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Paraísos cruzados**: diálogos do encantamento e do desencantamento do mundo (Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda). Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. Sérgio Buarque de Holanda e a pesquisa. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 321-324, out-dez. 2002.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. Sérgio Buarque de Holanda e Thomaz Davatz. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 53-62, set. 2002.

PINTO, Manuel Costa. A vocação crítica. **Cult**, São Paulo, v.6, n. 61, 2002.

PINTO, Manuel Costa. Um intérprete modernista do Brasil. **Cult**, São Paulo, v.5, n. 58, 2002.

PINTO, Maria I M B. Sérgio Buarque de Holanda e o estudo dos meandros de uma sociedade movediça nos territórios do ouro: povoamento tumultuário e o processo de sedimentação social no século XVIII. In: **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

PIRES, A.F. **Intelectuais e política no pensamento de Antonio Gramsci, Jean-Paul Sartre e Norberto Bobbio e o debate contemporâneo em torno da crise dos intelectuais**. Franca: Unesp, 2003.

PIVA, Luiz Guilherme. **Ladrilhadores e semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

PIZA, Daniel. A capacidade de unir análise e síntese. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 abr. 1992. Suplemento Cultura

PIZA, Daniel. Sérgio Buarque de Holanda. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 6 jul. 2002. Caderno 2.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo – 1940 – 1968**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

PRADO, Antônio Arnoni. Adagio *ma non troppo*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p. 26-27.

PRADO, Antônio Arnoni. Crônica. Memória e história na crítica de Sérgio Buarque de Holanda. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.). **Perfis Buarqueanos – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/IMESP, 2005.

PRADO, Antônio Arnoni. Mário de Andrade, *Klaxon*, Lima Barreto. **Cult**, São Paulo, v.5, n. 58, 2002.

PRADO, Antônio Arnoni. Nota breve sobre Sérgio crítico. In: **Sérgio Buarque de Holanda 3º Colóquio da UERJ**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PRADO, Antônio Arnoni. Raízes do Brasil e o modernismo. In: **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

PRADO, Antônio Arnoni. Sérgio Buarque de Holanda – o intelectual que em uma crítica mobilizava a civilização ocidental. **O Estado de São Paulo**, 25 abr. 1992. Suplemento Cultura.

PRADO, Antônio Arnoni. Uma visita à casa de Balzac – crônicas, memória e história na crítica de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista USP – Dossiê Intérpretes do Brasil – anos 30**, São Paulo, n.38, p. 10-19, jun/jul/ago. 1998.

PROENÇA, M. C. Caminhos e Fronteiras. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 1987.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O significado de *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 141-142, set. 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Interpretando *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 139-140, set. 2002.

QUEIROZ, Suely Robles. Sérgio Buarque, meu mestre. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.). **Perfis Buarqueanos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

QUEIROZ, Suely Robles. Ao mestre com carinho. In: **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

RESENES, Mariana Santos. **Um diálogo com Raízes do Brasil**. Disponível em: <<http://www.mafua.ufsc.br>>. Acesso em: 07 out. 2004.

REVISTA TRAPÉZIO – Centro de Estudos Brasileiros, N. 3/4, 1º semestre. Campinas, Unicamp, 2003.

REVISTA USP – Setenta anos de USP. São Paulo, n.60, dez/jan/fev., 2003-2004.

RESENDE, Igor Sant’Anna. **Perspectiva sobre o conceito de personalismo “Raízes do Brasil”**. 2003. 84f. Monografia (Profissionalizante) - Instituto Rio Branco, Brasília, 2003.

REZENDE, Maria José. A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. **Sociologia USP**, São Paulo, n.3, 1. sem. 1996.

RIBEIRO, Leo Gibson. Sérgio Buarque de Holanda o mestre, o crítico, o pensador. In: HOLANDA, S B. **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

RICCI, Maria Lúcia Souza Rangel. Um momento para rememorar Sérgio Buarque de Holanda. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 291-293, out-dez. 2002.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60? In: BASTOS, Elide R.; RÊGO, Walquiria D. L. **Intelectuais e política** – a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho d’Água, 1999.

ROCHA, João Cezar de Castro. **O (des) leitor de Raízes do Brasil**. Disponível em: <<http://www.planeta.terra.com.br/arte/dubitoergosum>>, Acesso em: 07 out. 2004.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual** – As conferências Reith de 1993. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SALLUM JR, Brasílio. Raízes do Brasil. In: MOTA, Lourenço Dantas. **Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos**. São Paulo: Senac, 1999.

SAMARA, Eni Mesquita. Sérgio Buarque de Holanda, historiador e pioneiro nos estudos populacionais. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 334-340, out-dez. 2002.

SANCHES, Rodrigo Ruiz. **A questão da democracia em Sérgio Buarque de Holanda**. 2001, 136 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2001.

SANTIAGO, Silviano (Org). **Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Nova Aguilar, 2000.

SANTOS, Joaquim Eloy Duarte. **Centenário de Sérgio Buarque de Holanda – Historiador**. Disponível em: <<http://www.ihp.org.br/docs/jeds>>. Acesso em: 08 out. 2004.

SANTOS, Luiz A.C. Duas visões do paraíso (convite a Todorov para ler Sérgio Buarque de Holanda. In: **Sérgio Buarque de Holanda 3º Colóquio da UERJ**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTOS, Wanderlei Guilherme. **Ordem burguesa e liberalismo político**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1993.

SCALZO, Nilo. A precisão e a elegância. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 abr. 1982.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun., 1986. Caderno Ilustrada.

SEREZA, Haroldo Cervolo. Encontro revê a obra de Sérgio Buarque de Holanda. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 6 jul. 2002. Caderno 2.

SEREZA, Haroldo Cervolo. Chico lê obra do pai em homenagem. Sérgio Buarque de Holanda. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 28 maio 1950.

SILVA, Helenice Rodrigues. **Fragmentos da história intelectual** – entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papyrus, 2002.

SILVA, Frederico Augusto Barbosa. **Raízes do Brasil**: figuras de nossa história. 1995. 158p. Dissertação (Mestrado) - Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

SILVA, Roberta Maria Lobo da. **Da imaginação histórica** – a escrita em “Visão do Paraíso”. 1999. 128p. Dissertação (Mestrado) - História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SILVA NETO, Jerônimo Teixeira da. **Drummond cordial** – uma análise da lírica drummoniana a partir de “Raízes do Brasil”. 2000. 249p. Dissertação (Mestrado). Linguística e Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SILVEIRAL, Éder. **Notas sobre Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda e Teoria do Medalhão, de Machado de Assis**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

SOARES, Zenaide Ribeiro. Modernismo - Estética e Ideologia. **Cadernos de Ciências Sociais**, 1989.

SOUZA, Eliana Maria Melo. Existe uma intenção geral na obra de Sérgio Buarque de Holanda?. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.4, n.7, 1999.

SOUZA, Laura de Mello. Sérgio e a Itália – o impacto da cultura italiana sobre o historiador Sérgio Buarque de Holanda. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 08 nov. 2003. Jornal de Resenhas, p.2.

SÜSSEKIND, F. Outra nota – Comentário ao texto “nota breve sobre Sérgio crítico”, de Antônio Arnoni Prado. In: **Sérgio Buarque de Holanda 3º Colóquio da UERJ**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TEIXEIRA, Ivan. Caminhos para novas interpretações da literatura brasileira. **O Estado de São Paulo**. 25 abr.1992. Suplemento Cultura.

TEXTO inédito analisa Império. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 abr. 1992.

THURLER, Vania Paganini. **O português escrito em “Raízes do Brasil”** – a conjunção e nas relações sintáticas e nas conexões no âmbito do discurso. 1992. 288p. Dissertação (Mestrado) - Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

TRAVANCOS, Isabel. **De Pedro Pedreiro ao Barão da rale**: o trabalhador e o malandro na música de Chico Buarque de Holanda. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

VAINFAS, Ronaldo. Gilberto & Sérgio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais!, p. 16-17.

VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

VANGELISTA, Chiara. Papel-moeda/papel engraxado: o dinheiro nas relações sociais. Uma leitura de *Os Ratos* e de *Raízes do Brasil*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Leituras cruzadas** – diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2000.

VANGELISTA, Chiara. “Sua vocação estaria no caminho”: espaço, território e fronteira. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). **Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

VANGELISTA, Chiara. **Formas de fabulação na construção do passado: história e memória em torno da realidade**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

VECCHI, Roberto. **Raízes do Brasil e a insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernista**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

VECCHI, Roberto. Atlas intersticial do tempo do fim: “Nossa Revolução”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). **Um historiador nas fronteiras – o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

VECCHI, Roberto. **Cruzando Sérgio Buarque e Dyonélio Machado: ratos cordiais e raízes daninhas**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

VIANNA, Luiz Werneck. **A revolução passiva – Iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

VIANNA, Oliveira. **Instituições Políticas Brasileiras**. São Paulo: Itatiaia/EDUFF/EDUSP, 1987.

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

WEBER, Max. **Ciência e Política duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WEGNER, Robert. Análises recentes da obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.) **Perfis Buarqueanos – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

WEGNER, Robert. **Os Estados Unidos na obras de Sérgio Buarque de Holanda**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/siarq/sbh>>. Acesso em: 07 out. 2004.

WEGNER, Robert. Religião e formação segundo Sérgio Buarque de Holanda. **Revista do Brasil**, N. 3/4, 2003.

WEGNER, Robert. **A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

WITTER, José Sebastião. As raízes de Sérgio Buarque de Holanda. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 mar. 1987. Cultura.

WITTER, José Sebastião. Mais um clássico de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista USP**, São Paulo, n. 21, p. 228 – 230, mar/ maio. 1994.

WITTER, José Sebastião. Sérgio Buarque de Holanda, catedrático por excelência. **Ethnos**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 9-16, set. 2002.

WITTER, José Sebastião. Cinquenta anos de Raízes do Brasil. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, n.6,1987.

WITTER, José Sebastião. Sérgio Buarque de Holanda – algumas lembranças. **Revista USP – Dossiê Intérpretes do Brasil – anos 30**, São Paulo, n.38, p. 20-27, jun/jul/ago. 1998.

WITTER, José Sebastião. Sérgio Buarque de Holanda – o professor. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.) **Perfis Buarqueanos** – ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/ IMESP, 2005.

WITTER, José Sebastião. Sérgio Buarque de Holanda 1902 – 2002. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n. 187, p. 297-306, out-dez. 2002.

WITTER, José Sebastião. Sérgio Buarque de Holanda, o professor. **Sérgio Buarque de Holanda vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/IEB-USP, 1988.

ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro; CAMENIETZKI, Carlos Ziller. Nas sendas de Sérgio Buarque de Holanda: documentos sobre uma expedição florentina à Amazônia, em 1608. **Revista de História**, São Paulo, n. 142 – 143, p. 123 – 211, 2000.

ANEXO 1
Termo de inscrição do Dr. Sérgio Buarque de Holanda ao Concurso de
História da Civilização Brasileira

Aos 13 de setembro de 1958, compareceu à Secretaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o Dr. Sérgio Buarque de Holanda com um requerimento solicitando inscrição ao concurso para provimento efetivo da Cadeira de História da Civilização Brasileira (Proc. 757/58). Com o requerimento apresentou os documentos exigidos pelo regulamento do concurso, além da tese intitulada “Visão do Paraíso – Os motivos edênicos do descobrimento do Brasil”, e comprovantes de sua atividade profissional e cultural, a saber: 1. Comprovante de curso de Pós-Graduação da Escola de Sociologia e Política. 2. Comprovante do grau de Mestre em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. 3. Comprovante de ter tido a seu cargo a secção em língua portuguesa da revista “*Brasilianische Rundschau*”. 4. Certidão de exercício da função de assistente da Cadeira de História Moderna e Economia da Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. 5. Título de nomeação para cargo de professor-adjunto da 2. secção didática da Universidade do Distrito Federal. 6. Carta da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, convidando-o para lecionar a Cadeira de História do Brasil. 7. Carta da Secretaria de Estado das Relações Exteriores designando-o para ministrar o Curso de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma. 8. Cópia da carta do Embaixador do Brasil em Roma, comunicando criação da Cadeira de Literatura Brasileira na Universidade de Roma, e a nomeação para ela do Prof. Sérgio Buarque de Holanda. 9. Carta comunicando sua eleição para representante das Instituições Complementares da Universidade de São Paulo no Conselho Universitário. 10. Comprovante de participação em debates organizados pela Universidade de Chicago. 11. Comprovante de conferência pronunciada na Universidade de Laramie. 12. Convite para participar da Missão Cultural Brasileira que visitaria Montevidéu em 1945. 13. Convite para lecionar na *École Pratique des Hautes Études* de Paris. 14. Convite para dar três aulas na Sorbonne. 15. Carta de agradecimento do Chefe da Comissão de Organismos Internacionais pela sua atuação na Reunião de Peritos. 16. Convite para participar de um Colloquium Internacional de Estudos Luso-Brasileiros em Washington. 17. Comprovante de conferência realizada na Universidade de Roma. 18. Carta da Revista “*Illustrazione Nazionale*” de Roma, pedindo conferência para publicação. 19. Comprovante de conferência realizada no Lyceum Romano. 20. Carta da Revista “*Ausonia*” pedindo trabalhos sobre o Brasil. 21. Ofício da “*Fundazione Amerigo Rotellini*” convidando-o a participar do Conselho, digo, da reunião do Conselho de Administração. 22. Comprovante de sua participação no referido conselho. 23. Comprovante de pertencer à “*Société Européenne de Culture*”. 24. Comprovante de pertencer ao Comitê Consultivo do “*Conseil Internations des Musés*”. 25. Convite para pronunciar conferência no “*Reencontres Internationales de Gêneve*”. 26. Plano de trabalho dos IXes *Rencontre Internationales de Gêneve*. 27. Convite para integrar a Comissão Examinadora do Concurso para provimento da Cadeira de História Americana desta Faculdade. 28. Idem, para a Cadeira de História Econômica Geral e do Brasil da Faculdade de Ciências Econômicas da USP. 29. Idem para o concurso de livre-docência de Política. 30. Designação para membro da Comissão de Teatro Nacional. 31. Convite para integrar comissão incumbida de estudar a adaptação do Catálogo das obras de Rui Barbosa a plano de publicação. 31. (sic) Título de nomeação de Diretor da Divisão de Consulta da Biblioteca Nacional. 32. Convite para integrar a Consultoria da Técnica do Serviço de Comemorações Culturais da Comissão do IV Centenário de São Paulo. 33. Convite para integrar a Consultoria Técnica da Exposição Histórica de São Paulo. 34. Convite para integrar a Consultoria Técnica do Serviço de Congressos em Geral. 35. Convidando-o para ministrar série de conferências. 36. Convite para pronunciar Conferência na

Universidade do Paraná. 37. Convite para participar do I Congresso de Sociologia do Paraná. 38. Convidando-o para participar de reunião de professores de história. 39. Comunicado de indicação para integrar, como membro correspondente, a Comissão Internacional incumbida de elaborar a História Científica e Cultural da Humanidade. 40. Idem. 41. Comunicado de sua eleição para Conselheiro do Comitê Diretor Nacional da referida Comissão. 42. Comprovante de Associate-Editor da *Hispania American Historical Review*. 43. Convite para integrar o Conselho Consultivo do “Instituto Superior de Estudos Brasileiros”. Entregou, ainda, os seguintes trabalhos impressos: 1. *Cobra de Vidro*. 2. *Raíces do Brasil*. 3. *Alle radici del Brasile*. 4. *Raíces del Brasil*. 5. *Monções*. 6. *História do Brasil*. 7. *Índios e mamelucos na expansão política*. 8. *Expansão paulista em fins do século XVI e princípios do século XVII*. 9. *Caminhos e Fronteiras*. 10. *Atas do Colóquio Internacional de estudos luso-brasileiros*. 11. Comprende n. 13-14. 12. *Ausonia* (número dedicado ao Brasil). 13. *IXèmes Rencontres Internacionales de Gêneve*. 14. *Interrelations of culture*. 15. *Alcova de parto entre os Bakaine*. 16. *Tatuagem de ? e dedo*. E para constar, eu, Odilon Nogueira de Matos, Secretário da Faculdade, lavrei o presente técnico que assino com o Senhor Diretor e com o interessado. São Paulo, 13 de setembro de 1958.